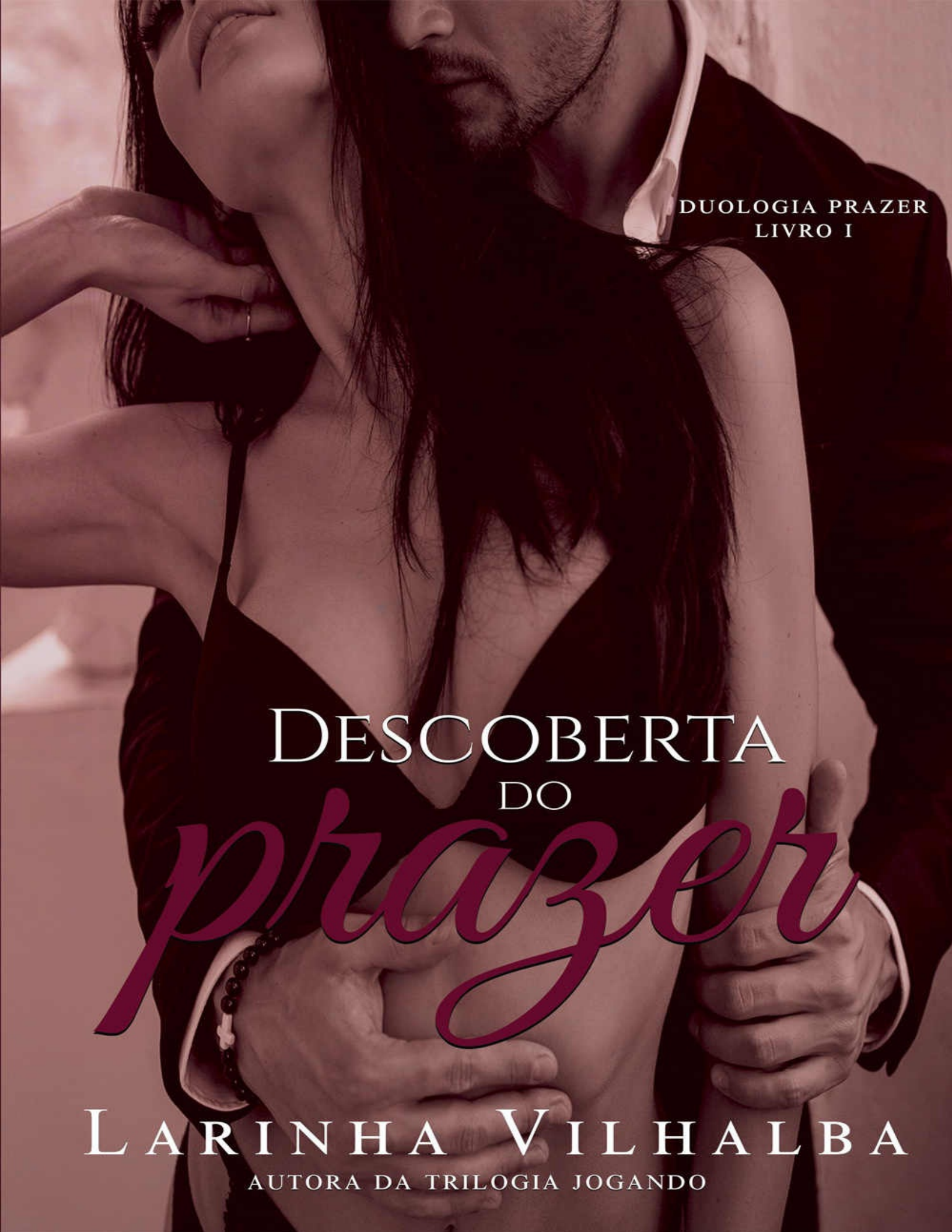


A romantic couple embracing on a beach at sunset. The woman is in the foreground, wearing a black spaghetti-strap top, with her head tilted back and eyes closed. The man is behind her, his hands resting on her waist and neck. The background shows a soft, hazy beach scene with the ocean and a warm, golden light from the setting sun.

DUOLOGIA PRAZER
LIVRO I

DESCOBERTA
DO
prazer

LARINHA VILHALBA

AUTORA DA TRILOGIA JOGANDO



**DESCOBERTA
DO
PRAZER**
Larinha Vilhalba

©2017 Larinha Vilhalba

Revisão: Carol Cappia

Capa e diagramação digital: Carol Cappia

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem permissão escrita da autora sob pena de ações criminais e civis. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Sinopse

Ela foi criada para ser uma “boa” dona de casa, para cuidar do marido e dos filhos. Cresceu com os ensinamentos que a mãe lhe passou e o sexo sempre foi um tabu. Visto como algo proibido. Errado.

Cecília perdeu os seus pais ainda na adolescência, mas nunca se esqueceu do que se foi ensinado: o sexo foi feito apenas para satisfazer o homem. Casou-se cedo com um homem importante da pequena cidade de Promissão e tornou-se a esposa “ideal”.

Incentivada pela empregada da casa, decide fazer uma surpresa para o marido chegando sem avisar ao coquetel de comemoração de mais uma filial da sua rede de hotel e então.

Ela vê com seus próprios olhos...

Tudo muda...

Uma amizade surge...

Um novo mundo é apresentado...

E ela começa a descobrir o prazer que até então não sabia que existia.



PRÓLOGO

Cresci ouvindo minha mãe dizer que o lugar de mulher é em casa: limpando, lavando e cuidando do marido e dos filhos. Fui criada e preparada para ter uma vida igual a da minha mãe e falar sobre sexo era algo proibido dentro de casa. As relações conjugais tinham apenas um propósito: gerar filhos e “agradar” ao marido quando fosse solicitado. Jamais poderia o oferecer, isso não era atitude de mulher direita. Portanto tinha que me cuidar e casar virgem, pois é o que marido espera de uma mulher digna e criada em bons costumes.

Mamãe e papai se foram cedo, os perdi em um trágico acidente de carro, ainda era uma adolescente, fiquei sozinha e assustada, não tínhamos parentes. Marta, a vizinha que me viu crescer, ficou ao meu lado e passou a ser a minha única família. Foram tempos difíceis, até eu conseguir um emprego como faxineira no escritório de Humberto Avelar.

Humberto era um homem bonito, correto, atencioso e rapidamente cai em seus encantos, em pouco tempo nos casamos.

Tudo o que mamãe me ensinou coloquei em prática. Casei virgem, como disse que tinha que ser, queria ser a esposa perfeita para o meu marido

perfeito. A minha sogra me ajudava dando conselhos e dizendo tudo o que eu precisava fazer, até mesmo na hora do sexo. Ela ensinou que o sexo era um sacrifício que nós mulheres tínhamos que fazer para agradar aos nossos maridos. Deveríamos apenas fechar os olhos, abrir as pernas e deixar que o homem sabia o que fazer. O nosso papel era ficar em silêncio e imóvel, era dar prazer e nunca sentir. E com esse pensamento eu apenas obedecia, pois a última coisa que queria era decepcionar o meu marido. Mesmo que lá no fundo, bem no meu íntimo, algo tentasse se rebelar, algo que eu não sabia explicar.

Anos se passaram e a minha sogra se foi, mas mantive tudo o que ela me ensinou. Era uma esposa ideal, pelo menos era o que eu acreditava.

Até o dia em que tudo o que eu acreditava, caiu por terra. Tudo o que acreditava que era certo, não era tão certo assim.

Aprendi que o sexo não é um monstro como fui ensinada e descobri o prazer que tinha me negado durante tanto tempo...

PARTE 1





CAPÍTULO 1 — CECÍLIA

Depois de muito relutar resolvi seguir o conselho de Marta e fazer uma surpresa ao meu marido. Hoje é um dia grandioso e como sua esposa, quero estar presente e ver o seu sucesso. Por isso passei o dia no salão me arrumando. Quero estar linda para ele.

— Como estou? — pergunto dando uma volta para Marta me ver.

Estou com um vestido longo de alças finas na cor preta. Um conjunto de colar de ruby e brincos completa o meu look. O colar foi presente de Humberto, ele gosta que eu sempre use joias quando estou ao seu lado.

Humberto Avelar, o meu marido, tem uma rede de Hotéis e acaba de inaugurar mais um hotel na cidade de Prudente, cerca de cem quilômetros de distância da nossa pequena cidade, Promissão.

Nunca vou a esses coquetéis, mas dessa vez Marta me convenceu a fazer uma surpresa para o meu marido. Então aqui estou eu pronta para ir ao seu encontro.

— Está linda, menina.

— Não está vulgar? — Dou uma volta e me olho mais uma vez no espelho.

Tenho medo de me mostrar demais e fazer o meu marido passar vergonha com a minha roupa. Tenho que ser exemplo, Humberto tem um nome a zelar.

— Que nada menina, está deslumbrante — diz com um brilho no olhar. — Não se preocupe.

— Estou com medo.

— Não precisar ter medo, o senhor Humberto vai gostar da surpresa.

Mesmo Marta afirmando que ele vai gostar, ainda me sinto um pouco insegura, Humberto não é adepto a surpresas, gosta que eu fale o que pretendo fazer o deixando a par de tudo o que acontece em minha vida. Hoje fiz diferente, ele não sabe da surpresa, fiquei uma semana me preparando para o dia de hoje. Sei que fiz errado em esconder do meu marido, mas como Marta disse: foi necessário, senão a surpresa não teria nenhuma graça.

— Marta, não acha estranho eu como esposa do Humberto nunca ser convidada para esses coquetéis da empresa? Ele só me leva quando é alguma coisa aqui na cidade, se for algo fora nunca me leva. Não estou reclamando, mas é estranho.

Sempre tive essa dúvida, mas tenho medo de perguntar para ele e ser recriminada.

— Infelizmente, minha menina, não posso achar nada. Sou uma mera funcionária.

Caminho até Marta e seguro as suas mãos.

— Você sabe que não é uma mera funcionária. Você é tudo que eu tenho, foi à única pessoa que me estendeu a mão depois que meus pais faleceram. Você é como uma mãe para mim. Passamos por muitas

dificuldades até eu ir trabalhar na empresa de Humberto e nos casarmos. Você só está trabalhando de governanta nessa casa porque assim deseja. Se dependesse de mim você ficaria o dia inteiro do meu lado sem fazer nada. Eu te amo.

— Eu sei, minha menina. Considero você como uma filha. Agora chega de conversa, menina Cecília. Vamos, Alonso está te esperando para te levar até Prudente, ele tem o endereço do hotel onde está acontecendo à festa.

— Sempre tão amável comigo Marta, sempre me chamando de menina. Nem parece que sou uma cavala de trinta e um anos de idade.

— Para mim, você sempre será uma menina. A minha menina Cecília.

— Quase nunca vou a Prudente, morro de medo de me perder naquela cidade enorme, sou a legítima pessoa do interior — digo apreensiva.

— Não precisa ter medo, já avisei ao Alonso para te esperar até o fim da festa, que só é para vir embora quando te ver com o Senhor Humberto dentro do carro. Caso contrário, é para te esperar.

Caminhamos até a saída da mansão. Alonso, o meu motorista, abre a porta do carro para eu entrar. Tenho o meu próprio carro, mas raramente dirijo. Humberto contratou Alonso para ser o meu motorista, diz ele que é para a minha própria segurança.

Humberto é cerca de dez anos mais velho que eu, ele faz de tudo para me ver bem, não tenho o que reclamar do meu marido. Ele é um bom homem.

Por causa das viagens de negócios me sinto sozinha, estou sempre rodeada de funcionários, mas queria ter o meu marido mais perto de mim. Entretanto entendo que ele precisa trabalhar, por isso não reclamo, não quero ser uma esposa ingrata. Ele é um homem importante.

— Marta, obrigada. Nada de fazer arte, estou te dando à noite e o dia de amanhã de folga, isso é uma ordem. — digo entrando no carro.

— Vai com Deus, menina Cecília. — Ela acena um beijo. — Alonso, cuida dela. — Ainda escuto Marta dizer quando Alonso fecha a porta do carro.

Realmente espero que Humberto goste da surpresa, estou sentindo aquele frio na barriga. Gosto de agradar meu marido.

Nesses anos de casada fiz de tudo que foi me ensinado para ser uma esposa perfeita, a minha sogra me ajudou nesse processo. Sou feliz em meu casamento, o único problema é que eu e Humberto não temos filhos, não porque eu ou ele não queremos. Eu desejo muito um filho, somente assim serei uma mulher completa. Os motivos por ainda não termos filhos são outros.

A viagem é silenciosa. Depois de pouco mais de uma hora, Alonso estaciona em frente a um elegante hotel. Ele abre a porta, me ajudar a sair do carro e pego a minha carteira de mão.

Estou nervosa, não sei explicar.

— Boa festa, senhora — deseja Alonso.

— Obrigada, Alonso — agradeço com um sorriso no rosto.

Caminho até o hotel. Na recepção aviso que vim para o coquetel de inauguração. A recepcionista chama um rapaz que me leva até o salão onde está acontecendo o evento. Assim que entro um garçom me oferece uma taça de champanhe, que aceito com muito gosto. Passo os olhos pelo salão à procura do meu marido e logo o vejo conversando com algumas pessoas.

Caminho até ele com um sorriso no rosto. Abro a boca para chamar o seu nome, mas a figura de uma criança puxando o seu smoking me faz paralisar.

— Papai! Papai, posso ir brincar lá no quarto?

Humberto olha para o menino com um sorriso no rosto e responde:

— Pode ir filho. Babá acompanhe o Caio até o quarto, por favor.

Uma mulher dá a mão para o menino e os dois começam a se afastar.

— Filho? — questiono incrédula, minha voz apenas um sussurro.

Uma mulher se aproxima de Humberto e o toca intimamente. O meu coração está acelerado e tudo parece começar a girar.

— Querido, todos estão adorando o coquetel. Está de parabéns, amanhã estará em todos os jornais.

— Querido? — repito debilmente.

Como isso é possível?

O meu sorriso, antes de alegria, agora é de deboche. Lágrimas começam a cair pelo meu rosto. Saio desnorteada para longe daquela cena, antes que Humberto me veja.

Vejo um toalete e decido entrar, mas antes pego uma garrafa de champanhe da mão de um dos garçons. Entro no banheiro, me sento no luxuoso sofá e começo a beber.

Fiz tudo o que foi me ensinado, fui a esposa perfeita, o meu marido nunca teve do que reclamar ou se queixar. A minha sogra me moldou para as necessidades dele, para hoje descobrir que fui traída e que ele tem um filho fora do casamento.

Perco-me no tempo, mulheres entram e saem e eu continuo ali, sentada e bebendo até acabar com a garrafa.

Levanto, vou até a pia, lavo o meu rosto e fico olhando o meu reflexo no espelho. Então uma mulher exuberante entra no banheiro, vestida com um vestido vermelho que deixa as suas curvas a mostra.

Ela fica do meu lado retocando a maquiagem.

— Dia ruim? — pergunta.

Apenas balanço a cabeça concordando.

— Descobriu tudo?

— Você sabia?

— Entende agora o motivo dele não aprovar a sua amizade comigo?
— indaga e seus olhos me encaram.

— Eu te conheço? — O seu rosto é familiar, mas não consigo lembrar.

— Era sua vizinha, aquela que passeava toda manhã com o cachorro alguns anos atrás. Seu marido proibiu você de caminhar e ter amizade comigo. Logo depois fui embora.

— Maria? — Lembro-me.

— Sim.

— Ele dizia que não era correto uma mulher casada, ter amizade com mulher solteira, não seria bem vista.

— Ele sempre foi ridículo.

— Aceitei o argumento dele, por isso me afastei.

— Sem problemas.

— Está tão diferente.

— Continuo a mesma.

— Você está tão linda.

Maria pega uma toalha, limpa o meu rosto e retoca a minha maquiagem borrada pelas lágrimas. O seu olhar tem compaixão.

— Olhe — fala me fazendo olhar no espelho.

— Você é uma mulher linda. Maravilhosa.

— Não tanto, meu marido tem outra família — digo baixando a cabeça envergonhada.

— Para que um marido se você pode ter todos os homens aos seus pés?

— O que está dizendo? — questiono sem entender aonde ela quer chegar.

— Posso te apresentar um mundo diferente. Posso fazer você

conhecer os prazeres da vida. Basta você querer — diz com um sorriso malicioso.

— Como? — indago, a curiosidade nítida em minha voz.

— Venha comigo — chama, já saindo do banheiro.

Olho-me no espelho e decido traçar um novo caminho na minha vida.

Não posso ficar chorando. Humberto me traiu.



CAPÍTULO 2 — CECÍLIA

Saio do banheiro e encontro Maria à minha espera. Não sei aonde vai me levar, mas tenho certeza que é melhor do que ficar chorando dentro de um banheiro.

— Tinha certeza que viria, o seu olhar é de puro desejo e luxúria. Acompanhe-me — diz com um sorriso malicioso.

— O meu motorista está me esperando na portaria. Meu marido não sabe que estou aqui e quero que ele continue sem saber.

— Saímos pelos fundos, ninguém vai saber.

Em silêncio a acompanho, ela entra na cozinha e acena para as pessoas em um sutil movimento com a cabeça. Saímos do hotel pela porta da cozinha que dá para uma rua escura, com um gesto a vejo destravando o carro.

— Entre — convida.

Entro no carro sem a questionar e a observo enquanto dirige em silêncio, até parar o carro em frete a uma casa noturna com uma placa escrito: “ENIGMA CLUB”.

— Hoje é apenas para você observar. Enigma é uma casa seletiva.

Apenas sócios e indicados tem a permissão para entrar. Já autorizei a sua entrada. — Abre o porta luva e retira uma caixa de veludo e me entrega. — Coloque, você não pode tirar. — Abro a caixa e vejo uma máscara de olho veneziana preta com renda.

Coloco a máscara e a olho.

— Está perfeita. Como já disse hoje você vai apenas observar. Não é obrigada a fazer nada, nem hoje, nem nunca, não é obrigada a dizer seu nome ou beber. Se alguém te fizer alguma proposta é só dizer NÃO, ninguém vai te forçar a nada. Entendeu? — Balanço a cabeça dizendo que sim. — Então vamos. Mas Cecília, abra a sua mente, sinta o seu corpo, desfaça-se da sua vergonha e pudor, apenas sinta — fala descendo do carro e entregando a chave para o manobrista.

Caminhamos lado a lado, Maria cumprimenta os dois seguranças na portaria.

— Celulares? — um dos seguranças fala. Maria retira o seu celular da bolsa e o entrega, eu faço o mesmo. — Podem entrar e se divirtam. — fala liberando a nossa entrada sem nem mesmo confirmar os nossos nomes.

— Vamos sentar no bar e tomar um drinque, aos poucos vou explicando como funciona a casa.

Balaço a cabeça concordando.

— Cecília, está na hora de você começar a falar, um balançar de cabeça muitas horas não vai ser suficiente.

— Não sei como agir — confesso.

— Eu te ajudo.

— Seria grata com a sua ajuda.

— Sua primeira lição é andar de cabeça erguida, sem se preocupar com os outros, e a segunda é falar. Você é linda, não pode ser submissa assim.

— Desculpe.

— Nada de desculpa, eu não sou melhor que você, apenas um pouco mais vivida. Mas em um mês você será outra pessoa, sem medo, sem vergonha. Sente-se. — Aponta a cadeira em uma mesa.

Observo às pessoas, a maior parte delas está elegantes, as mulheres sensuais. Todos, exceto os dois seguranças da entrada, estão de máscaras. Modelos diferentes que junto com as luzes e a música dá ao lugar um ar de mistério.

Rapidamente chega um garçom com uma calça social, camisa branca e gravata de borboleta, a sua máscara é na cor preta de um modelo simples.

— Escarlate o que deseja beber hoje? — ele pergunta.

Esse não é o nome dela, penso. Por isso Maria disse que eu não era obrigada a dizer o meu nome, ela não diz o dela.

— Manhattan — diz sem olhar para o garçom.

— E a sua amiga? — pergunta ainda olhando para ela. Parece que Maria o enfeitiçou.

— Pergunte para ela. — Enfim ela o olha. — Ela vai saber qual bebida deseja.

— Qual a bebida que deseja? — o homem pergunta, agora encarando os meus olhos.

— Um Lafayette — respondo.

Ele sai em busca dos nossos pedidos, mas logo volta o coloca as nossas bebidas na mesa.

— Como pode perceber, aqui é uma casa de Swing.

— Swing?

— Aqui não é o lugar que pessoas vem para encontrar o príncipe encantado ou um relacionamento sério. Quem frequenta esse lugar vem em busca de uma única coisa — conta tomando um gole da sua bebida, de forma

sensual.

— O quê? — questiono sem entender bem o que ela quer dizer.

— Prazer — fala dando os ombros.

— Prazer?

— Sim. Pessoas casadas em busca de aventuras, pessoas só para observar ou até fazer trocas de casal, pessoas solteiras, como eu, à procura de sexo.

— Sexo, isso que as pessoas fazem aqui?

— Se elas quiserem sim, mas tem regras. Aqui, nesse ambiente, é apenas para paquerar, tomar um drink, curtir um som e ver o seu possível acompanhante da noite. Você tem a opção de apenas observar, está vendo aquele corredor? — Aponta um corredor. — Lá você vai encontrar vários ambientes, dificilmente vai querer apenas observar, o seu desejo vai ser grande. Talvez alguns dos casais poderá te chamar para fazer parte do ménage ou você pode se tocar, buscar o seu prazer com as próprias mãos. — A olho assustada. — Não adianta fazer essa cara, você tem sede, vi isso em você desde o primeiro dia que a vi.

— Isso é errado — digo demonstrando o meu espanto.

Esse lugar vai contra tudo o que sempre fui ensinada, o que sempre acreditei.

— Não é errado, desde que você queira estar aqui.

— Qualquer pessoa pode frequentar? — tento mudar o foco da conversa.

— Não, é um clube bem seletivo, para conseguir frequentar você tem que pagar uma pequena fortuna por mês, além de ser indicado por algum sócio.

— Eu não vou poder frequentar, não vou ter dinheiro, nem sei o que vai acontecer comigo depois de sair daqui.

Não sei por que disse isso? Mal cheguei e estou falando em voltar, não sei como essa casa funciona, mas uma coisa lá dentro de mim está curiosa, quer entrar naquele corredor e descobrir como tudo funciona.

— Não se preocupe, sou sua amiga e disse que iria te mostrar os prazeres da vida. Amanhã conversamos — fala dando o assunto por encerrado.

— Escarlate? — um homem a chama.

Corro os meus olhos em seu corpo, ele é alto, veste uma calça preta de alfaiataria e uma camisa remangada que abraça perfeitamente o seu corpo. Ele está com uma máscara preta de veludo, deixando o seu olhar sexy e penetrante.

— Diga — ela responde sem ao menos olhar para o homem.

— O casal Fox está à sua espera.

— Avise que hoje não posso.

— Eles trouxeram companhia — avisa como se isso fosse fazê-la mudar de ideia.

— Tentador — diz Maria, agora dando atenção ao homem.

— Ela pode vir junto. Se assim desejar — o homem fala apontando a cabeça em minha direção.

— Ela junto seria interessante. — Dá um suspiro — Mas não vai acontecer. É sua primeira vez aqui, quero ir com calma e apresentar a casa a ela.

— Vá, eu cuido da sua Pepita.

— Deixar a minha Pepita com um predador? — Maria indaga o olhando com sarcasmo.

— Não se preocupe, estarei aqui quando voltar — finalmente me faço ser vista, já cansada dos dois conversando como se eu não estivesse aqui.

— Está vendo, até ela está te liberando para ir — diz com um sorriso

sacana.

— É, pelo visto não posso recusar — se conforma, aceitando a proposta — Seja um bom anfitrião e mostre a ela a casa. — Olha para mim — Lembre-se, não é obrigada a nada, um simples não resolve qualquer desventura — avisa se levantando e seguindo para o corredor escuro.

Fico a observando até ela desaparecer pelo corredor.

— Venha — chama o homem me estendendo a mão. — Vou te apresentar a casa.

Olho para sua mão, depois encaro o seu rosto.

— Não tenha medo — diz com um sorriso.

O encaro, seguro a sua mão e me levanto. Uma corrente elétrica percorre o meu corpo.



CAPÍTULO 3 — CECÍLIA

Ele coloca a sua mão na minha cintura e aceito sem protestar mesmo achando errado ele me tocar dessa forma. O homem começa a me conduzir pelo mesmo caminho que Maria seguiu.

— Está tremendo.

— Um pouco nervosa — confesso.

— Você está em boas mãos, não precisa ter medo.

— Vou tentar.

— Vou te apresentar a casa. Aqui você já conhece é o bar, a área comum, serve para flertar com possíveis parceiros. Ali como pode perceber é a pista de dança. Esses canos são para pole dance, uma vez por semana tem shows. Bom, como pode perceber é igual a qualquer outra boate.

— Parece igual até agora — comento observando o lugar.

Já frequentei algumas casas noturnas com Humberto, mas nunca demoramos muito, ele dizia que era apenas para as pessoas da cidade ver que ele tinha uma esposa linda. Não era bem visto uma mulher casada frequentar esses tipos de lugares, era o que sempre dizia. Por isso saíamos pouco e quando acontecia logo estávamos de volta em casa.

— Casada? — pergunta o homem apontando a aliança na minha mão esquerda. Tinha tanto orgulho de mostrar a minha aliança e dizer que era casada, que era uma boa esposa. Fui uma tonta iludida.

Retiro a aliança e jogo em um canto qualquer, não quero mais isso para mim ou para a minha vida. Não quero mais ser enganada por Humberto, como fui por todos esses anos.

— Não mais — respondo o olhando, e recebo um sorriso de canto. Um sorriso lindo, que faz meu coração acelerar.

O homem à minha frente é fascinante, tem uma boca carnuda e convidativa para dar uma mordida. De onde estão surgindo esses pensamentos. Melhor não pensar nisso por enquanto. Apenas observar.

Nem o conheço e ele me faz sentir coisas estranhas dentro de mim, me deixa confusa.

— Posso saber seu nome? — questiona.

— Ruby — respondo automaticamente. Não preciso dizer o meu nome, não quero que ninguém saiba quem sou.

— Aprendeu rápido — diz sarcasticamente.

— Posso saber por que do sarcasmo?

— Não disse o seu nome.

— Ruby — volto a repetir.

— Sim, é lindo o seu colar de Ruby. — Toca no meu colar. — Te deixa sexy, não consigo parar de imaginar em foder você vestida apenas com esse colar — diz com a voz rouca, fazendo um arrepio percorrer todo o meu corpo.

As suas palavras me deixam meio tonta. Humberto nunca falou comigo dessa forma e apesar do meu cérebro ter sido criado para abominar esse tipo de comportamento o meu corpo não pensa o mesmo.

— Eu não, eu...

— Não se preocupe, estou apenas imaginando, mas não irei fazer nada. Por aqui. — Aponta me conduzindo pelo corredor escuro.

Não o respondo e me deixo conduzir. O calor da sua mão próximo ao meu quadril queima sobre o vestido chegando até a minha pele. Como esse desconhecido pode despertar essas sensações em mim? Até poucas horas atrás não seria incapaz de deixar outro homem, sem ser Humberto, me tocar, nem mesmo um aperto de mão. Agora um desconhecido está com a mão na minha cintura e eu aceito sem nenhum protesto e o pior ainda gosto.

Caminhamos pelo corredor, as paredes são pretas e em alguns pontos não é possível enxergar nada. Mas posso ouvir gemidos e alguns sussurros.

— Esse corredor também pode ser chamado Labirinto, conforme formos avançando encontraremos varias surpresas.

— Que tipo de surpresas? — questiono receosa do que vem pela frente.

— Você vai descobrir daqui a pouco.

Tenho receio do que podemos encontrar, mas a minha curiosidade é maior, como se algo estivesse me cutucando para saber cada vez mais sobre esse mundo.

Continuamos a caminhar e avançar pelo corredor. Um frio se instala na minha barriga a cada passo que dou.

— O início do labirinto tem como objetivo as preliminares, assim se pode dizer, ou para aqueles mais empolgados que querem logo chegar aos finalmente. Pelos gritos e gemidos você pode imaginar o que está acontecendo à sua volta.

— Então... Eles... Estão... Ai meu Deus.

— Sim, eles estão transando, fazendo sexo ou qualquer outro nome que se dê isso. Não se assuste, sexo nessa casa é tão normal quanto acordar de manhã.

— Normal? — indago ainda sem saber o que pensar.

— Bem normal, é o que a maioria vem fazer aqui. Tente abrir a sua mente, Ruby.

— Estou tentando. Mas não é tão fácil como você acha. É tudo diferente da realidade que vivo.

— Tente sentir o seu corpo, esses gemidos vão fazer despertar algo em você. Feche os olhos, escute o que acontece a sua volta. — Faço o que me pede e fecho os meus olhos, tento jogar todo o preconceito colocado na minha cabeça de lado e sentir o que esse homem quer me mostrar. — Agora diga o que sente? — indaga com a voz rouca, próxima ao meu ouvido fazendo o meu corpo arrepiar.

Está quente, sinto a minha pele quente e o calor se espalha por cada parte do meu corpo, me deixando ofegante.

— Calor — sussurro sentindo um calor no meio das pernas que nunca senti antes.

— Eu diria que esse calor é sua excitação. Seu corpo está ciente dos seus desejos, mesmo que a sua cabeça tente negar.

Reflico sobre o que ele me diz. Tudo isso é algo novo, diferente, fui criada a vida inteira para não sentir nenhum tipo de excitação, nenhum tipo de desejo carnal. Agora sinto os meus desejos a flor da pele. Não nego o que ele diz, prefiro me manter em silêncio.

Continuamos andando, avançando no labirinto até que encontramos várias caixas grandes, com buracos. Ele faz-me aproximar e é possível ver um casal seminu. Tudo indica que estão transando, sem nenhum pudor.

O homem enfia a mão em um dos buracos e dá um tapa na bunda da moça. O olho intrigada.

— Vem, coloca a sua mão aqui — ínsita.

— Acho que é invasivo. — Me retraio. Tenho medo e vergonha.

— Esse espaço chama-se Cabine do toque, é projetada para dar privacidade ao casal, mas também a liberdade para quem está de fora ver e participar da brincadeira. Não é invasivo. O casal sabe o que pode acontecer e anseiam por isso, Coloque a mão e faça parte do jogo deles.

— É estranho — digo ainda em dúvida, mas curiosa ao mesmo tempo.

— Tente. Ninguém irá te criticar, posso te garantir. Vejo em seus olhos que quer por a mão, não passe vontade. Seus olhos estão gritando, siga o seu extinto.

Fecho os meus olhos e mesmo com receio coloco a minha mão pelo buraco na parede. Sinto quando alguém pega a minha mão e a conduz até algo rígido, que de início não soube o que é. Pensei em puxar o meu braço, mas fui conduzida a tocar o que descobri ser o membro de um homem, sua mão guiou a minha em movimentos de vai e vem por toda a sua extensão. Deus, eu estava masturbando um completo desconhecido.

Puxo rapidamente o meu braço quando esse pensamento me vem à mente. Isso me assusta.

— Gostou? — o homem ao meu lado questiona. Os seus olhos estão em mim de uma forma constrangedora.

— Não sei. Eu... Nunca fiz isso antes — confesso.

Anos de casada e nunca masturbei Humberto. Posso contar as vezes que relei em seu membro e hoje acabo masturbando alguém que nunca vi em toda minha vida.

— Sempre tem uma primeira vez — comenta de forma casual.

— Sim! — *Acho que ele me acha uma tonta.*

— Em todos os ambientes tem álcool em gel, preservativos, garrafas d'água e toalhas — conta pegando uma garrafa d'água, ele molha uma toalha e limpa as mãos, depois passa álcool em gel e joga a toalha no cesto. Faço a

mesma coisa.

Continuamos a caminhar em silêncio até que algo me faz parar. É ela, Maria, Escarlata ou sei lá como é o seu nome. Ela está de quatro e um homem de músculos muito bem distribuídos a toma por trás, enquanto ela monta outro homem que a toma pela frente. Há também um terceiro homem que Maria faz sexo oral enquanto é preenchida pelos outros dois ao mesmo tempo. Ela está transando com três homens?! Como isso é possível?!

Não é possível ouvir nada, apenas ver. A sua fisionomia está leve e relaxada, ela está adorando, está sentindo prazer. Nunca imaginei presenciar uma cena parecida com essa.

O calor que estava sentindo aumenta ainda mais e contrariando tudo o que achava ser certo eu estou excitada. Espremo uma perna na outra e fico mais ofegante, nunca me senti assim.

— Está tudo bem? — pergunta o meu guia, passando as mãos em meus ombros.

— Não sei — respondo confusa. Perdida em meu pensamentos e desejos.

— Quer ir para outro ambiente? Ir embora? — indaga parecendo preocupado.

— Não! — respondo rápido demais.

— Tudo bem, podemos ficar.

— Só estou um pouco assustada. Que ambiente é esse? — tento desviar o foco.

— Apresento a você, *O aquário*.



CAPÍTULO 4 — CECÍLIA

— Aquário? — indago.

— Esse nome se da por ser parecido com um aquário. As paredes são de vidro e aqui de fora podemos ver tudo o que acontece, mas eles lá dentro não veem nada — explica se aproximando de mim. — Assustada? — pergunta com a voz rouca em meu ouvido.

— Um pouco — confesso.

— A primeira vez na casa é assustador. Abra a sua mente, deixe o seu corpo falar, sintá-lo. — Respiro fundo.

— Já é a segunda vez que diz isso, se eu continuar a deixar o meu corpo falar vou entrar em erupção.

Ele dá uma risada e passa a mão pelos meus braços.

— Está tudo bem? — indaga e novamente parece preocupado.

— É absurdo, mas estou excitada com tudo isso — digo não escondendo meu desejo. Acho que estou seguindo o seu conselho de ouvir o meu corpo.

— Você é uma mulher linda e cheia de desejos. Isso é normal.

— Normal? Sentir um calor fora do comum, ficar ofegante e desejar

coisas proibidas?

— Nada aqui dentro é proibido.

— Eu estou excitada — confesso. — Isso está errado.

— Não é errado, eu também estou. — Pega a minha mão e guia até o volume da sua calça. Ele está duro. — Posso resolver a sua excitação

— Proposta tentadora, mas... Ai meu Deus isso é errado. Eu não posso.

— Xiu... — fala colocando um dedo nos meus lábios. — Não precisa dizer nada. — Funga em meu pescoço. — Tem alguma pergunta? Ainda sou o seu guia.

Perguntas e dúvidas são o que mais tenho. Nunca frequentei ou vi um lugar como esse, a minha sogra diria que era um inferninho, que eu iria queimar no pecado da carne, que tudo isso é vida de puta. Fiz tudo o que minha sogra me instruiu fazer e no fim Humberto me traiu.

Agora estou aqui vendo a minha mais nova amiga no bem bom e um homem lindo e viril me fazendo uma proposta tentadora.

— Quando chegou, disse que o casal Fox estava esperando Maria — faço uma das perguntas que tenho em mente.

— Disse — sussurra em meu ouvido. Ele passa a mão em meus braços, tronando ainda mais difícil manter a distância.

— Mas ela está com três homens — digo observando a cena em minha frente.

O homem que Maria fazia sexo oral se afasta, vai até o homem que a ainda a penetra por trás e o beija.

— Os dois que estão se beijando é o casal Fox. Eles gostam dessa brincadeira. E o outro é o convidado.

O casal finaliza o beijo, o homem que estava embaixo da Maria se levanta e a deita, levanta as suas pernas e volta a penetrá-la. Enquanto o

homem que fazia o oral fica de quatro e o outro cobre o seu corpo o penetrando.

Sinto uma mão subir por uma das minhas pernas. Puxo a minha respiração pelo susto, mas não o impeço.

— Afaste as pernas — pede com a voz rouca em meu ouvido.

O obedeço afastando as minhas pernas o dando o livre acesso que ele pediu, a sua mão me acaricia por cima da calcinha.

— Ah — um pequeno gemido sai da minha boca sem que eu perceba.

Fecho os meus olhos e me permito sentir o seu toque, nunca ninguém me tocou tão intimamente. O seu toque queima, faz despertar desejo e outras sensações jamais sentidas. Ele afasta a minha calcinha para o lado e o seu dedo me invade. Apenas suspiro e me deixo levar pela luxúria do momento.

— Ah! — outro gemido foge da minha boca, esse mais alto.

É excitante assistir Maria e ter alguém me estimulando, ele sabe o que faz. Sinto a sua respiração ofegante, quente fungando em meu pescoço. Eu quero mais...

— Posso continuar?

— Estou assustada — confesso.

— Não precise ficar assustada, hoje não vou te possuir como imagina, apenas quero te estimular e te fazer gozar — sussurra em meu ouvido fazendo um calor subir pelas minhas pernas.

— Ah! — Minha resposta é um gemido, não tenho capacidade de formular uma frase coerente.

Ele entende como sim e outro dedo entra em mim, fazendo movimentos circulares, quero mais... Começa com movimentos leves, torturantes e vai pegando o ritmo. O meu corpo reage, tem vida própria, me vejo gemendo igual uma lunática fazendo com que ele aumente a velocidade dos movimentos de seus dedos.

Uma mão me segura, enquanto a outra faz massagem em meu clitóris, me fazendo sentir algo que nunca senti em minha vida: prazer.

— Mais — peço entre gemidos. — Quero mais. — Fecho meus olhos e deixo levar pela luxúria do momento.

Um formigamento nunca sentido antes se faz presente e espalha-se por todo o meu corpo, as minhas pernas ficam bambas. Ele me abraça pela cintura me dando firmeza para que eu não caia.

O que está acontecendo comigo? Olho para trás e o vejo sorrindo, os seus olhos encontram os meus. Fico assustada.

— Pelo visto acaba de gozar. Interessante — retira seu dedo da minha entrada e o levando até a sua boca para chupá-lo. Depois pega uma toalha molhada, passa na minha intimidade e abaixa o meu vestido o colocando no lugar. Ouço algo se rasgar e ele sussurra em meu ouvido:

— Isso fica comigo — diz mostrando a minha calcinha e depois a guardando em seu bolso.

Um instante depois ele segura o meu rosto com as duas mãos, o seu polegar toca o meu lábio, cola nossas bocas me dando um beijo. Não um beijo de luxúria ou desejo, mas um beijo calmo, com delicadeza transmitindo a calma que preciso. Ele encerra o beijo e sinto falta dos seus lábios nos meus. Queria mais de seus beijos.

Olho para ele confusa. Começo a me situar e pensar no que acaba de acontecer.

O que aconteceu comigo? Como pude deixar um desconhecido me tocar dessa forma? O que foi o que eu senti?

Tanto tempo de casada e nunca senti o que acabo de sentir. Com o Humberto sempre tive uma vida sexual ativa, sexo uma vez a cada quinze dias, mas nunca senti esse formigamento, nunca senti as minhas pernas estremecerem.

Lembro-me que assim que me casei, jovem e virgem, a minha falecida sogra teve uma conversa comigo. As suas palavras de certa forma fazem sentido hoje.

— *Querida, uma boa esposa está para satisfazer os desejos do marido, você só precisa deitar, fechar os olhos e abrir as pernas o resto o marido que faz. Não faça barulho você não é uma puta.*

Lembro-me também que uma vez fazendo amor, levantei o meu quadril e comecei a me movimentar junto com Humberto. Ele me olhou feio e se afastou saindo do quarto. Minutos depois a minha sogra entrou no quarto, me deu um tapa na cara e me chamou de puta, pois não tinha sido isso que ela tinha me ensinado. Depois disso nunca mais me movimente. Sempre fiz como tinha me ensinado. Deitar, fechar os olhos e abrir as pernas.

Até hoje achava que isso era o correto. Eu era uma boa esposa.

Não compartilho os meus pensamentos, volto a olhar para o *Aquário*, eles ainda estão transando. Agora Escarlata está sendo penetrada pelo casal enquanto o outro os observa se masturbando em canto.

— Vamos voltar para o bar, você já viu muito por hoje. Lá podemos conversar — coloca a mão em minha cintura, me conduzindo pelos corredores do labirinto. Dessa vez não paramos até chegar ao bar.

Ele pede as bebidas, tomo a minha em silêncio. Esse mundo é instigante, não pensava que nada disso fosse possível, é tão carnal.

— Não tem nenhuma pergunta a fazer?

O olho e tomo mais um pouco da minha bebida.

— Isso tudo é errado, não acredito que fiz isso — abaixo minha cabeça, tenho vergonha do que fiz.

— Não é errado, o seu corpo diz o que sentiu.

— É errado.

— Mesmo sendo errado você gostou, vi em seu olhar.

— Gostei! — O olho. — Sou uma puta por ter gostado? — indago confusa;

— Não Ruby — me dá um sorriso acolhedor. — Isso mostra que você é uma mulher quente e cheia de desejos.

— Mas isso não é errado? — *Por que com ele falando dessa forma não parece errado?*

— Sentir desejo e saciar a sua sede? — Balanço a cabeça concordando — Não! Isso não é errado. O errado é deixar os seus desejos escondidos e não saciá-los. Aqui dentro ninguém vai criticar sobre os seus desejos.

Ficamos alguns minutos em silêncio, fico repassando tudo o que vivi essa noite, toda essa luxúria, tão diferente da minha realidade.

— Tem mais alguma pergunta? Escarlata está voltando.

— Qual o seu nome?

— Demorou a perguntar — sorri. — Tenho muitos nomes, mas você, apenas você, pode me chamar de Eros.

— Eros? — *Provavelmente esse não é o seu nome.*

— Você vai voltar?

— Pretendo.

— Posso ser o seu guia, tem muitas coisas para te mostrar.

— E eu muitas coisas para aprender — digo sorrindo.

Escarlate chega à mesa e se senta. Eros se despede e vai embora. Fico perdida em meus pensamentos.

Essa noite foi apenas uma etapa, quero voltar a sentir o meu corpo estremecendo, quero ficar com as pernas bambas. Quero fazer parte desse mundo que até horas atrás me era desconhecido, mas lá no fundo eu sabia que queria fazer parte.



CAPÍTULO 5 — CECÍLIA

Tudo é novo, me fascina e assusta ao mesmo tempo. Até algumas horas atrás o meu mundo era completamente diferente desse.

Luxúria, se a minha sogra estivesse viva diria que estou pecando, que esse lugar não é lugar para uma boa esposa.

O que adiantou seguir à risca tudo o que ela disse se no fim Humberto me traiu e tem um filho com outra mulher? Se eu não sou uma boa esposa ele também não é um bom marido. Foi se o tempo que a mulher tinha que aceitar as traições do marido. Eu não aceito. É até contraditório dizer isso, aceitei tantas coisas calada por querer ser a esposa ideal, hoje vejo que os ensinamentos de mamãe e depois pela minha sogra não eram tão corretos assim.

Marta tentava me alertar, mas como eu queria agradar a minha sogra e o meu marido nunca dei muito ouvidos. Não estudei, não sai, ficava todo o meu tempo em casa. Talvez fosse esse o meu problema: ficar trancafiada dentro de casa e não fazer parte do mundo que estava a minha volta.

Passei tanta fome com a perda dos meus pais, que a vida que estava levando ao lado de Humberto era um sonho. Sempre fui grata por ele cuidar

de mim, acho que nunca o amei, apenas quis ter um porto seguro, alguém que cuidasse de mim. Ele fazia isso do jeito dele.

Talvez depois de ver com os meus próprios olhos o mundo de ilusão e romantismo criado por mim em minha cabeça se desfez.

— Como foi seu *tour* pelo clube? — Maria pergunta me fazendo voltar à realidade.

— Foi cheio de emoções, coisas que eu nunca tinha visto antes. Pensei que não existisse um lugar assim.

— Conheceu todos os ambientes?

— Não, o seu amigo disse que eram muitas informações para o mesmo dia. Conheci o corredor, a caixa, o aquário e aqui onde estamos agora.

— Conheceu quase todos. Falta o tatame e a sala de massagem. O que você achou de tudo isso?

— Não sei! É tanta coisa, não sei nem o que pensar direito.

— Então não pense, antes de passar por aquela porta mais cedo, disse para você abrir a sua cabeça, esquecer os seus pudores, deixar o seu corpo falar, deixar o seu desejo aflorar. Você fez isso?

— Fiz. Maria...

— Aqui dentro sou Escarlata. Por favor, não me chame pelo meu nome. Você também pode escolher um, caso não queira que ninguém saiba o seu nome real. A maioria dos frequentadores faz isso.

— Ruby, esse foi o nome que escolhi, é muito feio?

— Não, é lindo, assim como você.

— Tem certeza? — pergunto insegura.

— Você não gostou do nome escolhido?

— Gostei, mas sei lá...

— Se você gostou é o que importa. Ruby esse é o seu nome. Você precisa começar a confiar mais em si mesma.

— É difícil ter essa confiança se você acaba de descobrir que o seu marido tem outra família e você é apenas a esposa troféu.

— Você pode ficar se lamentando ou levantar a cabeça e seguir em frente. Olhe a sua volta, pense nas oportunidades e infinidades de coisas que tem para conhecer, para provar.

— Falando assim parece ser tão fácil.

— Fácil não é, nada na vida é fácil, se você quer uma coisa você tem que correr atrás.

— Nesse momento preciso fazer isso, tomar um rumo em minha vida, ficar chorando e me lamentando não vai resolver nada.

— O que pretende fazer? Vai continuar casada?

— Não, isso eu tenho certeza desde o momento em que descobri a traição de Humberto. Não sei como vou fazer para me manter, eu não trabalho, mas vou dar um jeito.

— Você é casada, deve ter algum direito.

— Não tenho direito a nada, casei com separação total de bens. Humberto nunca me deixou trabalhar e nem fazer faculdade, a sua mãe me treinou para ser uma boa esposa e dona de casa. Agora vejo como fui inocente.

— Nunca é tarde para recomeçar, eu vou te ajudar. O que você pretende fazer agora?

— Arrumar uma forma de voltar para a casa dele, pegar as minhas coisas e avisar a Marta o que aconteceu.

— Esse seu colar, a pedra é verdadeira?

— É — confirmo segurando a pedra. — É de Ruby, ele sempre me presenteia com joias, diz que preciso estar bem apresentável quando precisa da minha presença entre os seus amigos.

— Então você tem várias joias como essa?

— Tenho — afirmo.

— Ai está o seu recomeço. As suas joias são verdadeiras, elas valem uma pequena fortuna, o suficiente para você começar.

— O carro — lembro-me. — Tenho um carro em meu nome, é importando.

— Você pode vendê-lo e comprar um carro com valor menor.

— Vou fazer isso, são as minhas joias, o meu carro. Humberto não poderá proibir que eu pegue as minhas coisas daquela casa.

— Já está tarde. Ainda é quarta-feira e amanhã eu trabalho. Vamos eu levo você para a minha casa, você descansa um pouco e pensa com calma o que pretende fazer.

— Obrigada pelo convite, mas quero ir retirar as minhas coisas da mansão, não quero esperar — digo me levantando.

— Eu levo você.

— Não precisa. Hoje você já fez muito por mim, não quero te atrapalhar ainda mais.

— Disse que iria te ajudar, é o que estou fazendo.

— Ainda moro no mesmo lugar, você vai se prejudicar no seu emprego.

— Aviso para os meus patrões, eles vão entender.

Antes de sair do clube, Escarlata passa no bar conversa com o Barman e vamos embora. A maior parte do caminho é feita em silêncio e aproveitamento para repassar em minha mente tudo o que vivenciei hoje.

— Maria!

— Sim.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Pode.

— Eu te vi no *Aquário*, ver você lá me fez sentir coisas que nunca

senti, foi uma experiência nova. Eu sei que pediu para eu abrir a minha mente, deixar o meu corpo falar, então fiz isso.

— Gostou?

— Gostei, nunca senti nada parecido. O... O seu amigo me tocou intimamente e eu deixei, gostei da sua mão em mim, gostei de ser estimulada. Nunca nenhum homem me tocou como ele.

— Nem o seu marido? — indaga perplexa.

— Nem Humberto. Tenho vergonha de dizer, mas eu apenas abria as pernas e ele entrava em mim. Minha falecida sogra me instruiu a sempre abrir as pernas e receber o marido, esse era o papel de uma boa esposa. Perdi os meus pais muito cedo, casei virgem, eu sou uma boba — desabafo, envergonhada.

— Cecília, está na hora de você levantar a cabeça, não fique se lamentando.

— Enquanto o seu amigo me tocava, chegou um ponto que o meu corpo entrou em ebulição, as minhas pernas tremeram e senti algo que nunca tinha sentido antes. Fiquei mole, se ele não tivesse me firmado eu teria caído no chão.

— Você gozou Cecília, você encontrou o seu prazer e pela forma que está descrevendo foi o seu primeiro orgasmo. Não se assuste, tem mulheres que nunca gozaram na vida, mesmo casada há anos. Você não é a única.

— Não, eu nunca gozei. Humberto nunca me fez gozar — constato.

— Você precisa conhecer o seu corpo, se tocar, saber em qual ponto você sente mais tesão.

Maria estaciona o carro em frente à mansão de Humberto.

— Esse é o meu número. — Me entrega um pequeno cartão. — Se precisar não hesite em me ligar, sou sua amiga e vou te ajudar no que for preciso. Levante essa cabeça e faça aquilo que tem que fazer, não deixe

Humberto te humilhar. Se ele gritar, grite com ele, se ele te ofender o ofenda de volta. Você é linda, uma mulher maravilhosa e não merece viver uma vida de mentira.

— Obrigada — agradeço.

— Quer que eu te espere? — questiona.

— Não, você já fez muito. Agora sou eu.

— Tudo bem, boa sorte e seja forte.

— Irei ser — digo descendo de seu carro.

Maria acena e vai embora.

Caminho lentamente, esse mundo de mentira que vivo não me pertence mais, não quero continuar a viver nele. Quero voltar para o clube, quero conhecer o meu corpo, quero gozar. Quero descobrir o meu prazer.



CAPÍTULO 6— CECÍLIA

Quando a gente se casa, acha que é para a vida inteira, ninguém está preparado para uma separação. Ninguém está preparado para ser traído e principalmente magoado. Mas nós aprendemos, sofremos, choramos e seguimos a vida. E é isso o que pretendo fazer.

Com o sapato na mão entro na casa que até poucas horas atrás eu chamava de lar. Como a vida da voltas, em poucas horas tudo mudou.

Um novo mundo me foi apresentado. Cheio de luxúria e por mais medo que tenha, eu quero fazer parte dele.

— Isso são horas de uma senhora casada chegar em casa? — Humberto diz me fazendo o procurar com os olhos.

— Humberto — digo respirando fundo.

Pensei que essa noite não dormiria em casa, estaria com a sua família perfeita. Ele está sentado na poltrona, com um copo de whisky na mão, ainda está com a camisa do smoking que usava na festa.

— Quem mais seria? Você não respondeu a minha pergunta, onde estava?

— Eu deveria estar ao lado do meu marido no coquetel de

inauguração de mais uma filial da sua rede de hotéis — caminho até ele com a cabeça erguida e a voz firme, não posso me rebaixar. — Eu até fui, passei o dia me arrumando para ficar linda, escolhi vestido, joias, tudo para fazer uma surpresa e agradar o meu digníssimo marido. — Paro a sua frente, coloco a mão na cintura e continuo: — Eu fui ao seu encontro, mas bem na hora que ia chamar por ele, uma criança, um menino, o chama de pai e o mais surpreendente é que ele responde. E além disso, para fechar com chave de ouro, o vejo com outra mulher o tocando intimamente e o chamando de querido.

— Então era verdade, era você na festa. Um dos meus homens me avisou de sua presença, a procurei, mas não te encontrei. — Se levanta e vai até o bar.

— Saí dali, não queria ser a megera que estragaria a família perfeita.

— Cecília, seja compreensiva. Eu precisava de um filho, de um herdeiro. Você é perfeita, boa esposa e companheira, o seu único defeito foi em não me dar filhos.

— O quê? — indago surpresas por suas palavras.

— Aquela era a mãe do Caio e ele é meu filho. Ela é uma secretária que tive um caso, ela acabou engravidando e resolvendo o nosso problema.

— Nosso problema? — As suas palavras me embrulham os estômago.

— Você é seca igual uma árvore velha, esse é o seu único defeito. Eu precisava de filhos e você não me dava nenhum.

— Humberto, ter um filho sempre foi o meu sonho, você sabe disso. Fiz de tudo para ter um filho seu. — Os meus olhos começam a arder, mas me recuso a chorar na sua frente.

— Não aguentava mais todo mês ter que escutar a ladainha que não tinha sido daquela vez, nem os tratamentos resolveram. Por isso tirei essa ideia da sua cabeça e paguei para Luiza gerar um filho meu.

— Pagou?

— Já tinha um caso com ele, foi mais fácil do que ter que procurar uma mulher qualquer. No mês seguinte ela estava grávida e você estava com a ideia absurda de adotar um bastardinho enquanto o meu herdeiro já estava a caminho — estufa o peito com orgulho.

— Sabe aquela história *aqui se faz aqui se paga*? Acabo de perceber que é a mais pura verdade. — Começo a rir da sua cara.

— Agora que sabe, vou trazer o meu filho para morar nessa casa, é direito dele e você vai cuidar do Caio. — Se aproxima de mim. — Queria adotar um bastardo qualquer? Então cuide do meu filho sangue azul.

— Tem certeza que a pobre criança é seu filho? — indago e continuo rindo da sua cara.

— Lógico, o meu primogênito — afirma com orgulho.

Caminho até o bar e sirvo uma bebida para mim.

— Humberto, como sabe, o meu sonho sempre foi ser mãe. Por isso fiz tratamento, mas mesmo assim não engravidei. — Sento na poltrona que ele estava sentado cruzando as pernas. — Os meus exames estavam todos ok, não existia nada que justificasse o motivo de eu não engravidar. Antes de você dizer para eu desistir de engravidar lembra que você fez vários exames?

— Você me infernizou para fazer aquelas porcarias, como eu iria me esquecer — reclama.

— Diferente dos meus exames que diziam que eu estava apta para engravidar. — Levanto e caminho até ele parando em sua frente. — Os seus exames apontavam que você é estéril.

— O quê? — indaga confuso.

— Idiota. VOCÊ QUE É SECO. VOCÊ QUE NÃO PODE TER FILHOS — grito apontando o dedo na sua cara. — Eu sou fértil, posso ter quantos filhos quiser. Você não, você é seco igual uma árvore velha.

— Impossível, eu tenho o Caio.

— Eu desisti de ter filhos biológicos por isso, sabia que você não poderia me engravidar, por isso sugeri a adoção. O meu sonho é ser mãe e não me importo de adotar uma criança para isso.

— Você está maluca, eu tenho um filho — repetiu desnortado.

— Foi passado a perna, faça um exame de DNA que vai confirmar o que te falo.

— Você está inventado.

— O que eu ganho com isso? — pergunto e ele não responde — Nada, mas acho é pouco, você fala com todo orgulho que tem um filho sangue azul, mas ele não tem o seu sangue, está criando um bastardo. Você é patético — digo pegando o meu sapato do chão. — Quero o divorcio.

— Não irei te dar.

Caminho até ele e aponto o dedo em sua cara.

— Vai me dar sim, não vou ficar nem mais um dia nessa casa. Vou subir, arrumar a minha mala e sair por aquela porta. — Aponto a porta. — Não vou ficar casada com um homem que transa com qualquer uma, me trai sem nem pensar no risco de passar alguma doença para mim. Um homem seco que não pode me dar filhos e o pior de tudo um homem que com quase dez anos de casada nunca me fez gozar.

— Sua putinha, acha que me abalo com isso?

— Não estou nem aí para o seu abalo, quero que você se foda — finalizo subindo as escadas.

Entro no quarto ofegante, nem acredito que tive coragem de enfrentar o Humberto e dizer todas essas coisas. O meu coração parece que vai sair pela boca, mas me sinto leve.

Pego uma mala e começo a por as minhas roupas dentro de qualquer jeito.

— Quando te conheci você era uma faxineira ridícula, te dei o meu nome, roupas, joias, te dei tudo. Já que quer ir embora, vá com a roupa do corpo — diz em pé na porta.

— Acha mesmo que esse discurso vai colar comigo? — Continuo jogando as minhas roupas na mala, não esquecendo os vestidos longos, pois esses irei usar no clube.

— Foi tudo comprado com o meu dinheiro — cospe as palavras.

— Para de ser ridículo homem, vou levar as minhas roupas, as minhas joias e o meu carro, são minhas coisas. Fica como pagamento pelos anos que perdi ao seu lado sem ter orgasmos já que nem pra isso você presta. — Vou até o cofre e pego as minhas joias, isso vai ser o suficiente para eu recomeçar.

Não vou dar uma de ofendida e dizer que dele não quero nada. Maria está certa, são minhas coisas e preciso delas para recomeçar.

Eu quero tudo o que tenho direito. O servi durante dez anos, dormi do seu lado, fui a sua companheira, desisti de ter filhos, não estudei e em troca levei chifres e ainda fui chamada de seca. Não posso ser idiota de sair com as mãos abanando. Não vou agir como aquelas mocinhas inocentes. Posso ter feito papel de tola, mas não irei continuar fazendo, chega de ser trouxa.

Estou agindo com frieza, sei que pareço uma interesseira, mas já passei fome uma vez e não vou passar de novo. Preciso pensar em mim, já que Humberto não pensou quando foi para cama com outra e “arrumou” um filho.

Pego a minha nécessaire com as joias, puxo a mala e passo por Humberto.

— Adeus, um advogado vai te procurar — informo sem olhá-lo.

Humberto resmunga, mas não dou ouvidos. Abro a porta e saio da mansão, vou até a garagem pegar o meu carro e vejo Marta ao lado.

— Marta? — digo com os olhos marejados.

— Vamos menina Cecília, antes que ele venha atrás de nós. — Pega a nécessaire da minha mão.

Abro o porta mala do meu carro e coloco a minha mala dentro com a ajuda de Marta, que também coloca uma pequena mala.

— Você vai comigo? — indago emocionada.

— Nunca te deixaria.

— Marta. — As lágrimas seguradas agora escorrem pelos meus olhos.

— Não chore menina, vou cuidar de você. — Me abraça

— Eu cuido de você Marta.

Entramos no carro e dirijo para longe, sem rumo. Marta fica do meu lado em silêncio.

— Marta, o que acha de morar em Prudente? — questiono pegando a rodovia.

— Acho uma cidade grande, cheia de oportunidades.

— Prudente, ai vamos nós. — A olho com um sorriso.

Prudente será o meu recomeço, está decidido. O meu futuro começa a ser traçado.



CAPÍTULO 7 — CECÍLIA

Chegamos a Prudente depois do almoço, como não tenho prática em dirigir acabei gastando mais tempo que o necessário no trajeto. Consegui achar um hotel simples e aconchegante para que eu e Marta pudéssemos nos acomodar até conseguir um lugar fixo para morar.

Tomo um banho e me sento na cama, estou cansada.

— Deite. Você precisa descansar.

— Marta, você sabia? Sabia que ele era infiel.

— Sabia menina, sempre soube — diz de cabeça baixa. — Quando a sua sogra era viva ele escondia melhor os casos, mas depois da sua morte ele não fazia questão. Tentei te avisar, mas Humberto descobriu e ameaçou me demitir, eu não podia ficar longe de você. Por isso me calei e fui dando pistas para você descobrir.

— E eu nunca descobri — digo envergonhada. — Como fui idiota de não perceber o que estava acontecendo?!

— Você não é idiota. Você é pura menina, tentou ser a melhor esposa possível. Ele não merecia você, queria apenas exibir uma bela mulher, você era tão grata a ele que não o cobrava, então ele não tinha que se preocupar

com você.

— Uma esposa troféu.

— O ouvi ao telefone falando que o filho tinha que estar presente na inauguração do hotel, por isso insisti para você ir, disse para fazer surpresa, se tivesse avisado a ele que iria, Humberto teria arrumado um jeito de esconder o menino ou daria alguma desculpa para você não ir.

— Por que fez tudo isso, Marta?

— Posso não ser a sua mãe, menina Cecília, mas sinto como se fosse. Sabe que Deus não me deu o dom de ser mãe, eu só tenho você. Quero te ver feliz, você tinha conforto naquela casa, mas faltava o principal. Faltava o amor. Meu velho não me deu um filho, mas me deu amor. Você merece ser amada, é uma boa menina. Dinheiro não é tudo na vida, você estava apenas vegetando dentro daquela casa — diz depositando um beijo em meu rosto. — Deite, durma um pouco e descanse, quando acordar vai saber qual decisão tomar.

— Obrigada.

Deito na cama, os meus olhos se fecham e durmo rapidamente. Quando acordo o sol já se pôs, é noite.

Levanto-me da cama e vejo um lanche, que provavelmente Marta deu um jeito de conseguir. A procuro pelo quarto e vejo a porta do banheiro fechada, tudo indica que está tomando banho.

Sento-me próximo a janela e faço o meu lanche. Então me lembro do cartão que Maria me passou, pego o seu número e ligo. Maria me atende, como já tinha me falado se propôs a me ajudar, disse que amanhã cedo vem até o hotel.

Eu e Marta ficamos assistindo TV e fazendo planos para o futuro até a hora que o sono chegou e dormimos. No outro dia acordamos cedo, descemos para tomar café da manhã e ficamos esperando Maria chegar.

Não me assusta em saber que Marta e Maria se conheciam, afinal fomos vizinhas. Diferente de mim, Marta não foi proibida de conversar com a vizinha e pelo visto ambas possuem um carinho enorme uma pela outra.

— E agora o que pretende fazer? — Maria pergunta.

— Preciso vender as minhas joias, trocar de carro e com esse dinheiro conseguir um lugar para morar com a Marta, também preciso de um emprego.

— Posso arrumar algumas faxinas e ajudar.

— Não Marta. Eu não quero você trabalhando. Já trabalhou muito, agora eu quero cuidar de você.

— Não quero ser um peso para você. Posso trabalhar — insiste.

— Você é a minha família Marta, não é um peso. Vamos ver com calma os rumos que vamos tomar, tudo bem? — digo tentando acalmá-la, Marta já tem idade. Na mansão ela apenas coordenava os empregados, não quero vê-la se esforçando. Vou dar um jeito.

— Em relação às joias, você pode vendê-las ou penhorar, a decisão é sua. Não precisa vender todas de uma vez, pode ir vendendo aos poucos conforme a necessidade.

— Minha prioridade é arrumar um lugar para morar. Com a venda do carro e das joias consigo comprar alguma casa, Maria? Não precisa ser de luxo, uma casa simples e mobiliada com o necessário para começar.

— Consegue sim. Vamos fazer assim, escolha umas três joias de um maior valor e vamos ao banco penhora-las ou vendê-las. Depois passamos em uma agência de carros e vendemos o seu. Pode ser?

— Pode sim, vou te mostrar as joias que tenho. — Pego a nécessaire com as joias. — A única que pretendo não me desfazer é esse conjunto de Ruby. — Encaro Maria e tenho certeza que ela sabe o motivo.

A única coisa que tenho certeza, mesmo o meu inconsciente dizendo

que é errado, é que quero fazer parte daquele mundo. Quero voltar ao clube, quero conhecer o meu corpo e não ter medo dos meus desejos.

— Vamos escolher algumas joias. O que acha melhor, vender ou penhorar?

— Vender. As joias fazem parte de uma vida que não tenho mais, quero apenas o conjunto de Ruby, não tenho onde guarda-las, é melhor vender e deixar o dinheiro no banco.

— Então vamos! Temos muito o que fazer, vocês duas não podem ficar morando em um hotel.

— Cuide dela Maria — Marta pede. — Sei que você sempre teve um bom coração.

— Pode deixar Martinha. Vou cuidar da sua menina, não se preocupe. Vocês duas tem a mim.

Saímos do hotel, cada uma no seu carro e vamos direto ao banco. Por incrível que pareça não tenho uma conta bancária, abro uma e com o número em mãos vamos para uma agência de carros, onde troco meu Audi por um carro popular e a diferença vai dentro de alguns dias para a minha conta recém aberta. Terceira parada é na joalheria para vender as minhas joias, fomos no total de três e no fim escolhemos aquela que ofereceu o valor mais alto. Maria sabe negociar, eles queriam pagar um valor muito abaixo e ela não aceitou, até que na terceira loja o valor era satisfatório.

Joias vendidas e dinheiro transferido, a quarta parada é uma imobiliária. Com o dinheiro levantado com a troca do carro e a venda das joias é possível comprar uma casinha confortável em um bairro modesto da cidade.

Está ótimo, já tenho uma casa para morar com Marta, se tudo correr bem nos mudamos em menos de uma semana para a casa nova. Sobrou um pouco de dinheiro, o suficiente para nos mantermos enquanto procuro algum

emprego.

Maria está sendo uma ótima amiga, está me mostrando o caminho a seguir, com a sua ajuda Marta e eu nos mudamos para a nossa casinha e eu dei entrada na papelada do divórcio. Segundo o meu advogado se tudo correr bem em alguns meses serei uma mulher desquitada.

— Como se sente? — Maria pergunta me ajudando a colocar as minhas roupas em meu guarda-roupa.

— Livre, leve, parece que eu esperava por isso a vida toda. Não vou dizer que não sinto falta, afinal foram quase dez anos de casada. Acho que estava acostumada com Humberto, achava que ele me amava e me tratava bem. Fui tão boba.

— Não foi boba, ele cuidava de você do jeito esquisito dele, mas cuidava. Agora você pode seguir a sua vida, a entrada no divórcio já foi dada. Tem uma casa no seu nome.

— Tenho medo do que Humberto pode falar para negar esse divórcio. Sei que não tenho direito a nada do que é dele, casei com separação de bens.

— O doutor Muniz, que está mexendo com a sua separação está desconfiado. Humberto quer negociar a separação, fazer acordo, mas como você mesmo disse que casou com separação de bens porque ele quer o acordo? Quem tem a perder com esse divórcio é você e não ele.

— Eu não tenho nada em meu nome, nunca tive nada além do carro. Uma vez Humberto disse que iria abrir uma conta para mim no banco, assinei uns papéis, mas ele disse que desistiu e não abriu.

— Você assinava muitos papéis?

— Algumas vezes, ele dizia que precisava da minha assinatura.

— Lia o que assinava? — indaga.

— Não, ele dizia que não precisava. Era só assinar, então eu assinava.

— Vou informar a Muniz essa sua informação.

— Por quê?

— Tudo indica que Humberto tenha colocado alguma coisa em seu nome, por isso a insistência de fazer acordo antes de chegar ao juiz. Vamos esperar o que vai acontecer. Também vou averiguar em outros bancos se tem conta aberta em seu nome.

— Preciso de um emprego. Isso tenho certeza.

— Vou conversar com os meus padrões, talvez consiga alguma coisa para você. Mas não desespere. O que você tem no banco da para manter você e Marta durante um tempo, nada de luxo, mas de forma simples e confortável.

— Posso te pedir mais uma coisa?

— Se eu puder ajudar, estarei aqui.

— Desde aquele dia que me levou ao clube não durmo direito, fico pensando naqueles ambientes e tudo o que vi, quero muito voltar lá.

— Tem certeza? Você ficou assustada.

— Me ensine Maria. — Seguro a sua mão. — Me leve de novo para o clube, me ensine a ter a sua confiança, a fazer os homens me desejarem. Quero conhecer o meu corpo, quero descobri-lo e saciar os meus desejos.

— Eu disse que iria te apresentar esse mundo, sempre vi o desejo e a luxúria em seu olhar. Vi como ficou fascinada, mesmo com o seu consciente dizendo que era errado.

— Sei que é errado, mas eu quero.

— Não tem nada de errado em frequentar uma casa de swing, Cecília. Todos que estão lá vão porque querem, fazem o que tem desejo, ninguém é obrigado a fazer aquilo que não deseja. Quando se passa por aquelas portas, a

vergonha e o pudor tem que ficar do lado de fora.

— Me leva, me deixa fazer parte desse mundo.

— É o que realmente deseja?

— Sim, é tudo o que eu mais quero.

— Amanhã iremos.

— Obrigada.

— Não tem que agradecer, apenas abra a sua mente, deixe as coisas acontecerem. Deixe o seu corpo falar.

— Farei isso — respondo pegando o colar de rubi. — Amanhã quando eu passar por aquelas portas não serei Cecília, vou ser Ruby e estou disposta a conhecer o meu corpo e me entregar a luxúria.



CAPÍTULO 8 — CECÍLIA

Desde que fui para o clube pela primeira vez anseio voltar. Não porque me separei de Humberto ou por simples curiosidade. Tenho desejo. Quero fazer parte desse mundo, não sei explicar o motivo, mas eu quero. Quero estar lá, quero sentir. Por mais que sei que tudo é errado, que é pecado, algo me chama, algo me intriga.

Esses dias que se passaram comprei uma máscara de renda preta, no centro da máscara fiz o aplique de uma pedra de Ruby. Esse será o meu nome. Essa joia que esteve presente na minha decepção estará presente nesse momento de luxúria.

Cada passo do meu recomeço foi pensado ao meu retorno a casa. Na minha primeira vez me assustei, achei tudo errado, confesso que ainda acho. Não é algo da minha realidade, talvez seja esse o motivo por tanta estranheza ou tanto desejo e curiosidade. Mas tem uma coisa que me chama, que me faz querer voltar. Como fosse um ímã me atraindo.

Agora chegou a hora da minha volta, quero e vou fazer parte desse mundo e para isso vou deixar os meus medos do lado de fora. Fui a esposa perfeita a vida inteira e isso não foi o suficiente para ter o respeito de um

homem. Agora não quero ser a esposa perfeita, quero apenas ser mulher e dona das minhas vontades e desejos.

O dia passa lentamente. À noite começo a me arrumar, escolho um vestido vermelho que deixa evidente as minhas curvas, na maquiagem faço olho bem marcado e delineado, batom vermelho semelhante à cor do vestido, o meu cabelo deixo solto e faço alguns cachos nas pontas.

Por volta das oito escuto o carro buzinando. Sei que é Maria, ela disse que viria me buscar.

— Como estou? — pergunto para Marta.

— Deslumbrante — responde sorrindo.

— Obrigada Marta.

— Agora se apresse menina Cecília, não deixe Maria te esperando. Se divirta e cuidado com a bebida.

— Não se preocupe Marta. — A abraço e beijo o seu rosto — Vá descansar, irei chegar tarde — aviso e saio de casa.

Caminho até o carro de Maria, entro e me ajeito no banco.

— Pronta?

— Estou.

— Tome. — Marta me passa um tablet.

— O que é isso?

— Um tablet.

— Eu sei que é um tablete. — Reviro os olhos. — Mas para quê?

— Liga ele, vai na galeria e abra o vídeo.

Faço o que pede e vejo um vídeo com quatro pessoas transando ao mesmo tempo, duas mulheres com dois homens.

— Ai meu Deus, mas isso é...

— Um filme pornô, assiste durante o trajeto. Isso que você vai ver hoje, não pense que lá você vai encontrar um príncipe encantado. Esse tablet

é seu, têm vários vídeos e algumas técnicas.

— Mas por quê? — indago confusa.

— Cecília, você não fala, mas o seu olhar diz que quer fazer parte desse mundo. Mas para isso precisa conhecer o seu corpo, talvez ache que agora não é hora, mas você já perdeu muito tempo. Assista a esses vídeos no seu quarto, se toque, descubra qual parte do seu corpo que você sente mais prazer, assim você pode conduzir o seu parceiro para melhor te satisfazer.

— Isso é errado.

— Errado é você abrir as suas pernas sem querer, errado é o homem possuir o seu corpo sem o seu consentimento, errado é você transar e não sentir nada. Essa violação é errada.

— Durante muito tempo me falaram que isso tudo que você diz ser errado era o certo.

— Não é errado você se sentir desejada, sexy, instigada, satisfazer o seu desejo carnal, desde o que o seu parceiro esteja em comum acordo. Não é errado, é certo. Todas nós merecemos isso, essa história de abrir as pernas e fechar os olhos foi criada para homens ridículos que não sabem satisfazer uma mulher, homens egoístas que pensam apenas em satisfazer a si mesmos, sem se importar com o que a mulher esta sentindo ou não. Alguns são tão grossos, que na hora do ato parecem cavalos, machucam as suas parceiras não só o corpo, mas a alma. Isso pode ter certeza que é errado. Como mulher você pode sim sentir prazer.

— Você acaba de me descrever — confesso. — Nunca senti nada, fechava os olhos e esperava Humberto fazer o “serviço”. O dia que levantei o meu quadril para senti-lo ele parou na hora, chamou a minha sogra e fui chamada de puta ao levar um tapa na cara. Nunca mais tentei fazer algo do tipo, não queria ser puta. A única coisa que queria era ser uma boa esposa, que Humberto se orgulhasse de mim, isso significava abrir as pernas quando

era solicitada e fechar os olhos.

— Você não é a única, existem mulheres que nunca gozaram mesmo com anos de casada, mesmo tendo filhos. O sexo desde sempre foi tratado como tabu, como algo do pecado, proibido. Crescemos ouvindo isso de nossas mães e avós, mas tudo mudou e o sexo não precisa ser tratado como algo de outro mundo.

— Segundo a minha ex-sogra o sexo era uma obrigação e tinha a finalidade de gerar filhos. Perdi os meus pais muito cedo, não tive essa conversa com a minha mãe, mas o pouco que conversamos aprendi que eu tinha que dar prazer e nunca receber. Marta foi quem ficou comigo depois da morte dos meus pais, ela também não falava nada, tinha vergonha. Sexo sempre foi algo proibido, cresci assim. Quando casei, ainda virgem, continuei pensando da mesma forma, até o dia que fui ao clube. Lá conheci outra realidade.

— O sexo não é proibido. O sexo pode e deve ser bom, tem que ser prazeroso para ambos.

— Nunca ninguém me disse isso.

— Agora eu estou dizendo.

— Fui tão cega, não via essas coisas.

— Não foi cega, apenas foi influenciada por essas ideias do passado. Agora tem a oportunidade de ver o outro lado e tirar as suas próprias conclusões. — Nesse momento estaciona o carro em frente ao clube. — Pronta?

Abro a minha bolsa e pego a minha máscara com a pedra de ruby no centro. A coloco sobre e minha face e respiro fundo.

— Estou pronta.

— Para você não se assustar muito, encare Ruby como uma personagem. Liberte-se dos seus medos e pudores. Como já disse, ouça o seu

corpo e sinta o que ele te fala.

— Tenho a minha mente aberta. Hoje quero conhecer as sensações, quero ver tudo, conhecer tudo.

— Estou aqui para te ajudar, Ruby. Lembre-se, um *não* resolve qualquer desventura, aqui você não é obrigada a nada. Entendeu?

— Entendi.

Ela pega a sua máscara e encaixa no rosto.

— A partir de agora eu sou Escarlata.

— A partir de agora sou Ruby.

Descemos do carro e Escarlata entrega as chaves para o manobrista. Levanto a minha cabeça e caminho ao seu lado até a portaria.

— Ela é minha convidada, já informei a direção sobre a sua presença — Escarlata comunica ao segurança.

— Já fomos avisados. Podem entrar e se divirtam senhoritas.

Caminhamos até uma das mesas, nos sentamos e pedimos as nossas bebidas. Hoje indica que tem mais frequentadores do que a última vez que estive aqui. Da primeira vez não percebi, mas agora posso afirmar que a sensualidade do ambiente e das pessoas é evidente, todos procuram sexo e não compromisso.

— O que está achando? — Escarlata indaga.

— Um lugar que inspira sensualidade.

— Em minhas palavras, inspira a sexo sem compromisso e sem amolação de saco. A maioria das pessoas deseja isso, um lugar para tomar uma boa bebida e algumas horas de sexo sem compromisso.

— Não, eu não vim...

— Sim você veio, mesmo que tente negar, mas lá no fundo você sabe o que veio fazer aqui. O seu olhar é de pura luxúria.

— Tenho vergonha.

— Aqui essa palavra não existe. — Ela se levanta. — Vou para o labirinto. Sinta-se à vontade para explorar a casa, não irei embora sem você, apenas estou te dando um espaço para que possa ver com os seus próprios olhos e tirar as suas próprias conclusões.

Fico sozinha na mesa observando o que acontece a minha volta, em geral todos bebem, alguns flertam, outros riem. Agem de forma descontraída e natural, não se preocupando com o que as pessoas vão pensar ou dizer. Estão aqui para se divertir.

Preciso começar a agir assim, preciso parar de ter medo do julgamento das pessoas. Agi da forma dita correta a minha vida toda, olhando agora para trás percebo que realmente não vivi, não sai, não me diverti, apenas vegetei. Uma existência sem muita emoção, sem muito significado, sem nenhum prazer.



CAPÍTULO 9— CECÍLIA

Quando todos a minha volta se divertem eu apenas observo, Escarlate mais uma vez estava certa. Deu-me o espaço para que tire as minhas próprias conclusões sobre tudo o que está a minha volta, sobre o que esta acontecendo em minha vida. A sua atitude mostra o quanto se preocupa comigo, em me fazer pensar e agir por mim mesma. Nunca agi por conta própria, isso é fato.

A principal conclusão que tive é que fui manipulada e moldada a minha vida toda, primeiros pelos meus pais, depois por Humberto e sua mãe, até mesmo por Marta, pois só fui capaz de descobrir a farsa que era o meu casamento por manipulação dela. Sei que fez para meu bem, mas fui manipulada da mesma forma.

Não quero ser mais o bibelô nas mãos das pessoas, quero tirar as minhas próprias conclusões, tomar atitudes por conta própria. Não sou mais uma criança com medo de ser repreendida pelos pais, ou como há pouco tempo que era repreendida pelo marido. Sou uma mulher adulta, passou da hora de ditar as minhas próprias regras. Passou da hora de começar a viver, de me descobrir profissionalmente e principalmente como mulher. Já dei o primeiro passo para isso e acho que estou seguindo o caminho certo. Se eu

errar, levantarei a minha cabeça e continuarei até acertar. Ainda tenho tempo, perdi alguns anos vivendo uma mentira, mas o recomeço nunca é tarde. Basta querer e eu quero.

— Posso te fazer companhia? — Uma voz rouca em meu ouvido me desperta dos meus pensamentos.

— Eros!

— Pelo visto ainda lembra-se de mim — diz se sentando e fazendo um gesto para o garçom lhe trazer uma bebida.

— Reconheci pela sua voz.

— Como se sente?

— Um pouco perdida. Fora a Escarlata, você é a única pessoa que eu conheço aqui dentro.

— Logo irá conhecer várias pessoas, caso queira continuar frequentando esse lugar, é claro.

— Pretendo continuar.

— Então gostou da casa.

— Não posso afirmar que gostei, mas tive vontade de voltar e aqui estou eu de novo.

— Depois de hoje, pretende voltar?

— Prefiro não fazer planos. O importante é que estou aqui hoje, amanhã é outro dia.

— Está certa, então vamos falar do hoje. O que está achando?

— Estou mais encantada do que a primeira vez, algumas coisas me passaram despercebidas. Posso dizer que hoje estou vendo tudo com outros olhos.

— Nunca tinha frequentado uma casa assim?

— Hoje é a minha segunda vez.

— Então você merece outro passeio pela casa. Aceita a minha

companhia? — Se levanta e estende a mão.

— Aceito. — Pego a sua mão e me levanto.

Sinto a sua mão em minha cintura me conduzindo até o labirinto, mal entramos e já escuto os gemidos das pessoas no corredor. Em alguns pontos onde a luz alcança consigo ver pessoas transando sem se preocupar com quem está próximo.

— Esses ambientes eu já te apresentei na vez passada. Tinha quase certeza que era a sua primeira vez em uma casa de swing, os seus olhos brilhavam quando eu mostrava cada ambiente.

— Agi como uma boba — digo baixando a cabeça.

— Ei! — Coloca o seu dedo indicador em meu queixo me fazendo olhá-lo. — Pelo contrário, foi muito corajosa. Esse mundo não é para qualquer pessoa, mas conheço esse olhar e posso te assegurar que você é ideal para esse mundo.

— Talvez. Tenho curiosidade de conhecer mais, quem sabe até mesmo fazer parte desse mundo, mas...

— Se tem curiosidade já é um começo. — Os seus lábios encostam-se aos meus de forma leve e rápida. — Os seus olhos dizem muito mais do que a sua deliciosa boca diz. Vamos! — Coloca a mão novamente em minha cintura. — Hoje quero acabar de te apresentar a casa, falta apenas dois ambientes.

Caminhamos pelos corredores, passamos pelas cabines e os aquários, até que paramos em frente a uma porta.

— Aqui é a sala de massagem. — Abre a porta e me conduz entrando logo atrás de mim. — Como pode perceber têm varias cabines com maca que servem para fazer massagem ou outras coisas.

— Outras coisas tipos sexo?

— Se as pessoas envolvidas estiverem de acordo — diz dando de

ombros.

— Tudo sempre acaba em sexo?

— Depende! Por exemplo, eu poderia te oferecer uma massagem, te deixar mais relaxada, mas eu não seria capaz de ficar apenas na massagem, iria querer muito mais. Então melhor não ter massagem por hoje.

— Sem massagem então.

— Vamos deixar para a próxima — diz me conduzindo para fora da sala. — Além dessa sala de massagem, temos o tatame. Diferente da sala de massagem com cabines “quase” privativas o tatame não tem nada de privado.

— Como assim? — questiono curiosa.

— Olhe com os seus próprios olhos — diz abrindo uma porta e me conduzindo para entrar na sala.

São varias pessoas nuas, outras seminuas, umas em cima das outras, transando ao mesmo tempo. Assusto-me com a exposição de tudo, nunca tinha visto nada parecido. Inacreditável, essa é a palavra que posso descrever o que vejo.

Não sei se saio correndo ou se...

— Calma. Ninguém vai tocar em você, vamos apenas observar — Eros diz me puxando para mais perto e me abraçando por trás. — Aqui é o tatame, você pode entrar aqui e ficar sozinha observando até alguém te convidar, pode já chegar acompanhada e convidar uma terceira ou quarta pessoa. Pode fazer igual nós dois estamos fazendo e apenas observar sem segundas intenções. Em toda a casa você faz aquilo que deseja.

— Quero sair daqui — peço apertando o seu braço.

Por mais que saiba o motivo e a função da casa, acabo me assustando. Não estava preparada para ver essa cena, ouvir os barulhos, os gemidos, corpos se batendo, transando, um do lado do outro.

— Vem. — Eros me conduz para fora da sala. — Calma, estou com

você. Ninguém vai te tocar.

Não o respondo, apenas continuo a caminhar até que ele entra em uma sala com cor clara. Ela é espaçosa e tem uma cama no centro com música ambiente.

— Sente-se — pede apontando para a cama. — Não irei fazer nada, é apenas para você respirar.

Sento-me na cama, ainda atordoada com tudo o que vi no tatame. Quis tanto estar aqui hoje, me planejei para ser forte, ter cabeça aberta, mas o meu lado Cecília falou mais alto, não estava psicologicamente preparada.

— Beba. — Ele me dá uma garrafa. — É água para se acalmar. — Pego a garrafa de sua mão e a tomo. — Desculpe, pensei que não iria ter essa reação, poderia ter te falado o que iria encontrar atrás daquela porta. Assim não te assustaria tanto.

— Nunca tinha visto aquilo ou nada se quer parecido — confesso.

Eros se senta ao meu lado, passa a mão em meu rosto e o segura com as duas mãos.

— Você me intriga, quando olho em seus olhos vejo uma chama de desejo e luxúria. Mas nesse momento vejo uma mulher assustada e confusa.

— Me assustei. Como já disse nunca frequentei uma casa dessas antes, sempre tive uma visão bem diferente de tudo isso. Não sei explicar ao certo, mas desejo conhecer esse mundo, fazer parte de tudo. Mesmo sendo completamente diferente de tudo o que vivenciei toda a minha vida.

— Aquele olhar de luxúria está de volta — diz passando o polegar sobre o meu lábio inferior.

Olho em seus olhos e vejo que ele também está com o olhar de luxúria e desejo. Acabo mordendo o meu lábio levemente.

— Não faça isso — diz olhando para a minha boca. — Você está assustada e estou tentando não tomar a sua boca para mim. Você não pode

imaginar a vontade que estou de te beijar. Beijar cada centímetro do seu corpo, fazer você gozar com a minha boca, sentir o seu gosto e depois te foder lentamente até você gozar novamente no meu pau e somente depois gozar dentro de você. Eu estou me controlando.

— Então não se controle.



CAPÍTULO 10 — CECÍLIA

Ele me deseja, assim como estou sedenta pelo seu toque. Quero que Eros faça tudo o que disse, quero sentir aquele tremor que me fez sentir pela primeira vez, quero que possua o meu corpo.

— Tem certeza? — indaga cerrando os olhos.

— Não, mas pode começar com o beijo — digo tentando controlar minhas emoções.

Ele encosta a sua boca na minha de forma suave e delicada. Deixo-me perder em seu beijo e o que começou de forma leve começa a ganhar intensidade, Eros mordisca o meu lábio inferior, suga a minha língua e as suas mãos começam a explorar o meu corpo. Os seus lábios vão descendo pelo meu pescoço arrepiando a minha pele exposta, lentamente abaixa a alça do meu vestido e da leve mordidas em meu obro. Sinto-me ficar quente e ofegante, cada toque seu faz despertar uma sensação diferente.

— Se quiser podemos parar — diz segurando o meu rosto para encará-lo, não o respondo apenas balanço a minha cabeça de forma negativa.

Não quero parar, quero que ele continue. Eros entende a minha vontade e toma a minha boca novamente, fico perdida entre os seus beijos e

toques. Quando percebo estou deitada na cama sem o meu vestido, usando apenas a calcinha. Ele beija todos os cantos do meu corpo e quando coloca um dos meus seios em sua boca solto um gemido. Isso é bom, as minhas mãos percorrem as suas costas e ele vai se abaixando beijando a minha barriga e descendo até o meu centro beijando por cima da minha calcinha até a retirá-la.

Fico perdida sem saber com agir ao certo, então resolvo deixar os meus medos de lado e deixar o meu corpo falar.

Eros segura as minhas pernas, ficando no meio delas. Beija a minha virilha, lambe cada canto daquela região nunca antes explorada por outro homem. Fecho os meus olhos e sinto a sua língua entrando no meu centro, ele chupa, acaricia e levanto os meus quadris indo ao encontro da sua boca. Eros me segura e chupa com mais intensidade, sinto o meu corpo se quebrar.

— Ah! — grito.

Eros continua a chupar até o meu último espasmo de prazer, depois se levanta, vem até a minha boca e me beija.

— Sinta o seu gosto — fala entre os beijos. — Nunca senti um tão delicioso como esse.

Ele acaricia o meu rosto e deposita leves beijos em meu pescoço. Depois levanta-se, tira a sua calça, pega uma camisinha e a veste em seu cumprimento. O observo intrigada, Eros não mostra vergonha da sua nudez, é viril, exala masculinidade e confiança.

Ele vem até a mim e se posiciona no meio das minhas pernas.

— Quer continuar? — Olha em meus olhos. — Posso parar se não quiser.

— Eu quero, continue.

Eros curva o seu corpo sobre o meu e posiciona o seu membro na minha entrada.

— A qualquer momento você pode dizer para eu parar. Entendeu?

Balanço a cabeça que sim, quero senti-lo dentro de mim. O meu desejo por Eros tem a capacidade de me fazer cometer todas as loucuras, como se eu o conhecesse há anos. Ao seu lado não me reconheço.

Ele entra vagorosamente, é calmo, sempre me olhando conforme vai entrando, me rasgando... Me abrindo...

— Tudo bem? — questiona passando a mão em meu rosto, afirmo balançando a cabeça.

Ele me beija de forma leve e suave e depois começa a se movimentar dentro de mim. Os seus movimentos são calmos, os nossos corpos se encaixam e começo a me movimentar junto com ele em uma dança sensual no mesmo ritmo, na mesma sintonia.

Nossos corpos ditam o ritmo, movimentos leves, movimentos torturantes, vamos pegando o ritmo mais acelerado, não deixando de ser leve, não sendo bruto. Eros entra, sai, entra, rebola. O abraço e levanto mais o meu quadril ao seu encontro enquanto o beijo. O meu corpo tem vida própria, me vejo gritando fazendo com que ele me penetre com mais força, entrando até o fim, batendo as suas bolas em mim, saindo, entrando rebolando, beijando.

— Mais — peço entre gemidos. — Quero mais.

— Te darei tudo o que quiser — diz se levantando e sentando na cama. — Vem! — Me puxa. — Monte em mim.

Faço o que pede e o monto, uma perna de cada lado. Seguro o seu membro e desço por eu comprimento, nunca fiz isso. Jogo os meus braços em seu pescoço e o beijo. As suas mãos estão em minha cintura, firmes, me segurando, me abraçando.

— Dita o seu ritmo, faça o que tiver vontade — sussurra em meu ouvido.

Faço o que meu corpo pede, faço o que desejo e dito o ritmo. O seu

corpo me acompanha, as suas mãos me ajuda e logo sinto o meu corpo estremecer, estou perto.

— Vem para mim — diz me apertando e eu vou.

Uma onda avassaladora de prazer se espalha pelo meu corpo, Eros da mais algumas estocadas fortes e firmes e também alcança a sua libertação. Ele me beija de forma leve e intensa e vamos diminuindo o ritmo até parar.

Segundos depois ele segura o meu rosto com as duas mãos e espalha leves beijos pelo meu rosto.

— Tudo bem? — Acaricia a minha face.

— Sim — respondo sorrindo.

Eros me levanta e sinto falta da sua rigidez dentro de mim, puxa o lençol da cama e cobre o meu corpo nu.

— Espere aqui. — Me dá um beijo e entra em uma porta ao lado. Quando volta está com uma toalha em mãos e uma garrafa de água.

— Deixa eu te limpar — diz me fazendo deitar na cama e abrir as pernas. Depois passa a toalha úmida em minha intimidade e pega a minha calcinha.

— Essa é minha.

— É a segunda minha que pega — acabo sorrindo novamente.

Eros pega o meu vestido e me entrega, ajudando a me vestir. Ele é delicado, um verdadeiro cavaleiro.

— Que quarto é esse? Você disse que na casa não tinha quartos privativos? — pergunto terminando de me vestir.

— Não tem — diz vestindo a sua roupa.

— Onde estamos? — indago receosa.

— Olhe em volta, você conhece esse ambiente.

Presto atenção a minha volta e um flash vem em minha mente.

— Aquário? — sussurro.

Aquário?! Estamos no Aquário! Como não me dei conta disso antes? Lembro-me desse ambiente, é o mesmo que vi Escarlata fazendo sexo com três homens.

— Sim, estamos no aquário.

— Ai meu Deus — exclamo assustada.

— Não precisa se preocupar, fazer sexo é a coisa mais comum aqui.

— As pessoas viram?

— Provavelmente.

— Que vergonha!

— Não. — Se aproxima e para na minha frente. — Você não está com vergonha, vejo em seu olhar. Se colocar as minhas mãos no meio das suas pernas posso confirmar que está molhada, excitada por saber que foi assistida.

— Eu...

— Não precisa se explicar. Está tudo confuso na sua cabeça, logo colocará as ideias no lugar. Você tem um futuro nessa casa, é quente e a sua inocência se mistura com sua sexualidade, é linda. Você é perfeita Ruby.

— Talvez esteja certo, tenho uma pequena guerra dentro de mim. O que é certo? O que é errado? O que desejo? Fica tudo misturado, confuso. A única coisa que tenho certeza é que quero fazer parte desse mundo.

— Aos poucos você vai se descobrir. Queria ser eu a te ensinar, queria ser eu a estar ao seu lado a cada descoberta, realizar cada desejo. Mas não posso.

— Se é o que deseja, por que não pode ser você?

— Seria egoísmo meu te querer só para mim. Você está desabrochando agora, está se descobrindo. Seria injusto eu te prender nesse momento. Preciso deixar você voar, se descobrir sem amarras. — Segura o meu rosto e me olha. — Na hora certa eu vou ao seu encontro. Viva, faça as

suas descobertas, liberte-se dos seus medos, eu vou estar te esperando.

— Isso é uma despedida? — pergunto confusa, atordoada.

— Não, é um começo. O seu começo.

PARTE 2

02 ANOS DEPOIS





CAPÍTULO 11 — CECÍLIA

— Como estou — indago com um sorriso no rosto, dando uma volta para Marta me ver.

— Como sempre deslumbrante menina Cecília.

— Para você sempre estou deslumbrante. — Dou-lhe um abraço apertado. — Já sabe, não precisa me esperar, vou chegar tarde — aviso pegando a minha bolsa e a chave do meu carro. — Bem tarde.

— Se divirta menina Cecília.

— Pode deixar. Irei me divertir muito, pode ter certeza — respondo dando-lhe um sorriso.

Saio de casa, entro no meu carro e dirijo pelas ruas de Prudente. Lembro-me como tinha medo de dirigir, hoje esse medo não existe mais. Muitas coisas mudaram nesses anos que se passaram. E hoje amo dirigir.

LIBERDADE, umas das minhas principais mudanças. Adquiri liberdade nesse tempo que passou, hoje posso dizer que sou livre, não sou mais um bibelô nas mãos das pessoas. Aprendi a tomar as minhas próprias decisões.

Estaciono o meu carro em frente ao ENIGMA CLUB, agora sou sócia

e frequentadora assídua, pelo menos duas vezes na semana venho me distrair, ou melhor, me satisfazer no clube.

A minha sociedade com o clube foi presente da Maria, eu aceitei, afinal tudo começou aqui. Sou grata pela sua amizade e pelo presente.

Abro o porta luvas e pego a minha máscara preta de renda com uma pedra de ruby no centro. Desço do carro, entrego as minhas chaves para o manobrista e caminho até a portaria, olhando todos de cabeça erguida, batendo o meu salto fino por onde passo.

CONFIANÇA, outra coisa que adquiri nesses anos que passaram.

— Boa noite Ruby — Carlos, o segurança da portaria, cumprimenta me dando passagem.

— Uma ótima noite Carlos! — respondo oferecendo um sorriso

Entro no clube e vou direto para a minha mesa, olho para bar e dou sinal para Enrico trazer a minha bebida. Sei que por onde passo, todos me olham, todos me desejam e eu? Desejo apenas me satisfazer.

SENSUALIDADE, descobri que tinha, e comecei a usar a meu favor. Todas, nós mulheres, possuímos essa dom. Está no nosso DNA, basta nos descobrirmos e usar a nosso favor.

Rapidamente Enrico traz o meu Martini duplo.

— Obrigada — agradeço.

— Hoje está ainda mais deslumbrante — elogia em pé ao meu lado.

— Não caia na dele Ruby, Enrico fala isso para todas — Escarlata diz sentando-se ao meu lado.

— Em minha defesa, não tenho culpa que esse clube é recheado de mulheres maravilhosas — Enrico se defende rindo. — Mas as duas são de longe as mais lindas.

— Grata pelo elogio — digo tomando meu Martini.

— Enrico, para de nos galantear e busca a minha bebida.

— O de sempre? — Enrico pergunta, Maria afirma com um balançar de cabeça e ele sai em busca de sua bebida.

— Posso saber o motivo de sorriso no rosto? — Escarlata pergunta.

— Hoje faz dois anos — conto, soltando o ar dos pulmões.

— Passa rápido.

— Obrigada — olho em seus olhos. Deixando transparecer o quanto sou grata por sua ajuda e principalmente pela amizade.

— Já disse, eu não fiz nada.

— Você fez muito por mim, quando me encontrou naquele banheiro me acabando de chorar por causa da traição de Humberto, eu estava acabada, era boba, frágil e depois de poucas horas com você adquiri uma força que não imaginava ter.

— Bobagem. Apenas te apresentei um mundo diferente, mostrei que você tinha várias opções e você escolheu a melhor. Ser feliz sozinha.

PODER. Na verdade, poder de decisão, decidir rumos a tomar, caminhos a seguir, isso foi extremamente importante para mim.

— Se você não tivesse me apresentado esse mundo, talvez ainda estivesse casada com Humberto e criando o “*filho*” dele. Sempre fui à esposa troféu.

— Um brinde a Ruby, essa mulher linda, sexy e cheia de vida, que onde passa deixa todos os homens e mulheres aos seus pés — Escarlata fala assim que sua bebida chega.

Em dois anos a minha vida mudou drasticamente. Descobri a traição de Humberto, depois da separação descobri várias outras traições, várias amantes, pessoas que frequentavam a casa que eu chamava de lar e eu boba nunca tinha percebido.

Saí daquela casa com uma bolsa de roupas, as minhas joias, o meu carro e Marta que nunca me abandonou.

Vendi o carro, comprei um de menor valor, vendi quase todas as minhas joias, comprei uma casa confortável e um mês depois no divórcio peguei mais dinheiro do que imaginava pegar. Sempre soube que não tinha direito a nada, tinha casado com separação total de bens, mas Humberto colocou alguns de seus hotéis em meu nome, coisa que até eu então não sabia.

A princípio Humberto não queria aceitar que tinha perdido alguns de seus hotéis, até pensei na hipótese de devolver a ele, pois não eram meus. Mas comecei a ver que sim, eu tinha direito, que ele apenas colocou em meu nome para a sonegação de impostos. Portanto fiz questão de assumir a direção de meus cinco hotéis. Criando assim a “Rede de Hotel Cascata”.

Hoje sou empresária e administro a minha rede de hotéis com punhos de ferro. Não foi fácil, mas consegui me sair bem. Aprendi a administrar tudo com a ajuda de Escarlata e de Marta, comprei uma casa e um carro melhor e virei sócia do ENIGMA CLUB, lugar que frequento pelo menos duas vezes na semana.

Aqui aprendi a ser mulher, a me tocar. Aprendi os meus pontos fracos e os fortes também, mas, além disso, aprendi a saciar os meus desejos.

Aqui sou Ruby, mulher implacável sempre disposta a uma boa transa com um desconhecido, desde que esse me ofereça um orgasmo. A minha única regra é: não me beije apenas me foda.

Um homem loiro de braços definidos passa por minha mesa e o encaro. Acho que ele vai ser suficiente para essa noite. Olho para ele e levanto a minha bebida como um cumprimento. Isso é o suficiente para que ele venha até a minha mesa.

— Boa noite — cumprimenta ao se aproximar. — Posso me sentar?

— Talvez — provoco.

— Preciso ir — Escarlata faz sinal para o labirinto, onde tem um casal

a sua espera. — Te espero para irmos embora — avisa se levantando e caminhando rumo ao labirinto.

— Agora posso me sentar? — o loiro pergunta novamente.

— Se assim preferir pode, mas eu preferia ir para outro lugar — digo apontando para o labirinto.

Não quero conversar, quero apenas uma foda casual. Para que perder o meu tempo com conversa fiada se posso ir direto ao ponto?

— Pode ser no aquário ou sala de massagem?

— Aquário — levanto para ir ao labirinto.

A sala de massagem é boa, mas esse homem não tem cara que sabe satisfazer uma mulher apenas com as mãos. Melhor não arriscar o meu tempo.

Mesmo sendo frequentadora, quase nunca vou ao Tatame, não curto sexo a três ou com mulheres. Mas gosto de apreciar ambos os casos, me excita.

Caminhamos lado a lado até o Aquário. Sem toques, sem palavras. Chegando lá, entramos e fechamos a porta. Ele caminha até a cama. Sei que provavelmente deve ter pessoas nos assistindo e isso me excita, é o meu fetiche favorito.

O Aquário é o ambiente que mais gosto da casa. Sempre me lembro da minha primeira vez nesse lugar. Eros, depois da nossa despedida nunca mais o vi, nem perguntei sobre ele para Escarlata. A nossa ligação aquele dia foi grande, um dos motivos que não aceito que ninguém me beije. Eros foi o único. Pode ter se passado anos, nesse tempo transei com vários outros homens, mas nenhum deles foi capaz de me fazer sentir o que Eros fez.

Abaixo o zíper do meu vestido, ficando apenas de calcinha, salto e a máscara, acessório que nunca retiro.

Pego um preservativo e jogo no homem loiro a minha frente.

— Tire a roupa e se vista — ordeno.

Ele me olha intrigado, mas obedece. Retira a sua roupa e coloca a camisinha, desenrolando em toda a sua extensão. Homem gosta de ser mandado e dominado. Eu faço isso muito bem, gosto de mandar.

Coloco uma música ambiente, retiro o meu salto e a calcinha, ficando agora apenas com a máscara. Caminho até ele e monto o seu corpo cravando as minhas unhas em seu tórax.

— Fria, quente e sexy. Não imagina o quanto esperei para que a sexy Ruby me escolhesse — coloca as mãos em minha cintura. — Sempre soube da sua fama.

Não o respondo, sei a fama que fiz durante esse ano. Isso só foi possível através de algumas palestras sobre sexualidade, filmes pornô, autoconhecimento do meu corpo e também alguns cursos de pompoarismo. Técnica essa que amei conhecer e me tornei praticante. O pompoarismo tem como objetivo fortalecer a musculatura para prolongar e intensificar o prazer sexual do casal, principalmente de conhecimento do meu próprio corpo, coisa que eu não conhecia.

Posiciono o seu membro rígido em minha entrada e desço em sua extensão, me movimento subindo e descendo. Cavalgo em seu membro enquanto ele segura os globos da minha bunda e tenta acompanhar os meus movimentos. Faço minha boceta sugar o seu pau, fazendo-o gemer e tentar socar cada vez mais fundo.

Ele tenta me beijar.

— Não! — digo colocando o meu dedo indicador em sua boca. — Sem beijos — sussurro em seu ouvido.

Pego as suas mãos e as levo até o meu seio, o fazendo massageá-los, depois me curvo levando o meu seio até a sua boca para que sugue enquanto rebolo em seu pau.

— Ah — geme.

Levanto do seu membro e me sento em sua boca para que minha boceta fique posicionada em seus lábios. Sinto um arrepio quando ele começa a me chupar. De forma desesperada rebolo em sua boca aumentando o atrito entre a sua língua e a minha boceta.

Depois de alguns minutos afasto-me e volto a cavalgar em seu membro, pego uma das suas mãos levando um de seus dedos até a minha boca. O chupo até que esteja molhado, então conduzo o mesmo dedo até o meu anus.

— Agora sim — ofego, rebolando em seu pau e dedo.

Continuamos nos movimentando, pelo seu desespero e gemidos, sinto que vai gozar. Então com mais algumas entocadas firmes gozo.

— Gostosa — sussurra entre gemidos e também goza.

Vou desacelerando os movimentos até parar e passo a mão em seu tórax. *Até que valeu a pena*, penso. Esperava mais de um homem com esse corpo, mas tive o orgasmo que procurei então está ótimo.

Saio de cima dele, pego a minha roupa que deixei na cadeira e sigo até o banheiro para me vestir.

Quando saio do banheiro já recomposta, ele ainda está deitado.

— Já está pronta? — pergunta olhando com dúvida.

— Sim — digo calçando a minha sandália.

— Não quer repetir? — indaga esperançoso.

— Não! — respondo e sigo em direção à porta.

— Ruby! — chama e eu o olho. — Não quer nem saber o meu nome?

Respiro fundo, volto até ele o encaro. *Pelo visto não me conhece o suficiente.*

— Quando eu entrei nesse quarto você disse que sabia da minha fama. Então sabe que não vai ter a segunda vez, nem hoje e nem nunca. Sabe que

não pergunto o nome, que eu não converso, apenas estou interessada em seu corpo, especificamente no seu membro — seguro o seu pau enquanto o masturbo. — Venho aqui satisfazer os meus desejos carnavais, não venho conversar ou procurar um relacionamento. — O solto e caminho até a porta, passo álcool nas mãos— Portanto sabe que acabamos por aqui.

— Implacável — diz rindo — Mesmo assim posso me considerar um filho da puta sortudo — completa com um sorriso no rosto.

— Tchau sortudo — digo saindo do quarto e como imaginei há uma plateia do lado de fora nos observando e outros se comendo.

Alguns me olham com desejo, outros com admiração. Não paro para conversar, apenas sigo o meu caminho. Adoro fazer parte desse mundo.

Todas as vezes que estou no Aquário me imagino sendo observada por uma pessoa em especial. Sempre quando saio penso que vou encontrá-lo, mas nunca o encontro. Onde será que ele está?



CAPÍTULO 12 — CECÍLIA

Com um sorriso no rosto saio do labirinto, como sempre, escutando os gemidos das pessoas se masturbando, se comendo e fazendo tantas outras coisas.

Vou até o bar, sento-me e faço sinal para Enrico me trazer outro Martini. Com a minha bebida em mãos fico observando as pessoas, dançando, bebendo, se divertindo.

Algumas vezes, como agora, fico pensando...

— Ruby, volte para esse corpo — Escarlata fala tirando-me dos meus pensamentos.

— Já voltou? — indago rindo.

— Jogo rápido.

— Você? Jogo rápido? Conta outra. Jogo rápido é a minha fala.

— Confesso. — Faz sinal de rendição. — Meu companheiro era meio tortinho.

— Ai meu Deus! — começo a rir — Pinto torto?

— Pois é — concorda desanimada.

— Pensei que você conhecia o seu acompanhante da noite.

— Um eu conhecia, o tortinho era convidado. Chupa muito bem, tem uma língua maravilhosa, mas quando vi o seu instrumento, broxei. Inventei uma desculpa e caí fora.

Volto a rir, é cômico. Escarlate é toda séria perto das pessoas, mas quando estamos sozinhas ela se mostra quem realmente é: divertida, cheia de desejos e odeia um pau tortinho.

— Fica rindo da desgraça dos outros, quando você encontrar um pau que não te faz gozar eu que irei rir da sua cara.

— Isso é quase impossível acontecer. Uma certa pessoa me ensinou a me satisfazer até mesmo com um dedo desde que eu saiba conduzir o meu parceiro.

— Esperta essa pessoa, gosto dela — zomba sarcástica — Não esquece, tortinho não tem vez. — Ri.

O segredo de sempre gozar nas transas é saber conduzir o seu parceiro, mostrar o caminho, fazer ele te tocar onde você sente prazer. Portanto é o que sempre faço em uma transa, completamente diferente do que minha falecida sogra tinha me ensinado.

— Em que você estava pensando quando cheguei aqui? — Ela me olha séria. — Não era a Ruby quando cheguei nessa mesa, mas sim a Cecília — sussurra meu nome.

— Estava pensando na primeira vez que estive aqui. Eu estava perdida, magoada e ferida.

— Confesso que quando te fiz o convite pensei que você não iria aceitar.

— Sério? — Olho para ela desconfiada.

— Tudo bem, tinha certeza que você iria aceitar. Os seus olhos eram de pura luxúria quando me olhou, por isso fiz a proposta.

— Eu não tinha muitas opções, por isso aceitei — confesso rindo. —

Não sabia o que fazer, estava completamente sem chão. Perdida em um banheiro chorando desesperadamente.

— Te dei uma opção. — Dá de ombros.

— Sou grata por ter me dado. Hoje sou o que sou por causa da sua ajuda.

— Fico feliz em ver a mulher poderosa que se tornou nesse curto espaço de tempo. A insegurança que tinha se foi, ficando no lugar, uma mulher forte e determinada.

— Maria — sussurro o seu nome. — Naquela noite, você me deixou acompanhada de um homem e foi se divertir no labirinto. Na minha segunda vez na casa o vi novamente, foi com ele que acabei tendo a minha primeira vez de fato na casa. Depois daquela noite nunca mais o vi.

— Quem? — questiona.

— Eros.

— Eros? — pergunta sorrindo.

— Sim, Eros.

— Isso explica muita coisa.

— Por quê?

— Foi esse o nome que ele te deu? — indaga um pouco confusa.

— Ele disse que possui muitos nomes, mas para mim ele se chamava Eros. Sei que ninguém dá o nome verdadeiro nesse lugar. Eu sou a prova disso, aqui sou Ruby e até o carro que uso para vir pra cá é só para isso, no dia a dia tenho outro. Tudo para ninguém saber quem sou. Sei que você também tem os seus meios para esconder a sua identidade.

— Sabia que na sua segunda noite tinha se aventurado com alguém. Só não tinha me contado que tinha sido ele a te dar o prazer àquela noite.

— Foi ele. Foi intenso, posso dizer único.

— Por que depois de tanto tempo resolveu se lembrar dele?

— Curiosidade — respondo olhando para o meu copo.

— Ruby — diz em tom de alerta.

— Naquela noite ele me apresentou o labirinto. Eu vi você no aquário e fiquei excitada, nunca tinha visto uma mulher com três homens. Para mim era surreal. Então ele começou a me tocar e eu deixei, nunca tinha sentido nada igual, queria mais e ele me deu. Quando percebi estava gozando em seus dedos. Na segunda noite quando você saiu para o labirinto ele veio até a mim novamente, conversamos e ele foi me apresentar o restante da casa. Resumindo, me aventurei com ele no Aquário. Uma experiência que nunca mais vou esquecer. Ele foi responsável pelos meus primeiros orgasmos. Mesmo o tempo passando e eu me envolvendo com vários desconhecidos e gozando com todos eles, nunca foi igual a ele. Não sei explicar o motivo.

— Então se apaixonou pelo pau do Eros! — exclama rindo.

— Não é bem assim. Na verdade não quero ficar com ele novamente, foi o primeiro cara que conheci aqui. Pensei que iria encontra-lo novamente, mas nunca mais o vi aqui. Ele sumiu, evaporou.

— Interessante.

— Então, você tem notícias dele?

— Do Eros não, pois não é esse nome que ele usa aqui dentro. Mas Diogo, o nome que normalmente usa sempre, está por aqui.

Olho para o bar a procura dele, mas não o encontro.

— Cadê ele? Por que eu nunca o vejo?

— Foi embora, não adianta procurar.

— Estou agindo como uma boba. Se ele sempre está aqui e não me procurou é porque não quer saber de mim — constato levemente desanimada.

Ainda tenho esperanças de um dia o reencontrar. Até o procurei algumas vezes, mas foi uma busca sem sucesso.

— Ruby, sabe que aqui você não vai encontrar um príncipe

encantado? — avisa séria.

— Sei, é apenas curiosidade. — Tento me animar. — Já até passou. Foda-se ele.

Tenho vontade de reencontrar ele, Diogo, é esse o nome que irei procurá-lo aqui dentro. Vou descobrir o porquê de estar sempre presente e eu nunca vê-lo, tem que ter uma justificativa.

— É assim que eu gosto — diz Maria. — Já que estamos falando em passado e o Humberto?

Reviro os olhos com a sua pergunta, esse é uma pedra no meu sapato. Sabe ser insistente, enquanto a minha vida melhorou anos luz com a separação, não posso dizer que o mesmo aconteceu com a vida dele.

— Aquele encosto está lutando na justiça ainda para rever os hotéis que colocou em meu nome. Ele perdeu uma pequena fortuna nesse divórcio — explico. — Os sócios estão doidos, pois transferiram o dinheiro para a conta antes de assinar a sociedade com a “*Prudente Palace Hotel*”, hotel esse que agora me pertence.

— Que loucura.

— Muita, os outros hotéis são rendáveis, mas esse é o mais rendável. Humberto gastou milhões na reforma, investiu pesado, para no fim cair em minhas mãos.

— Pensando que você ia sair sem nada, no fim só saiu ganhando.

— Em pensar que nesse mesmo hotel vi a minha vida mudar, pensei que tinha perdido tudo e no fim era apenas um começo.

— Merece um brinde — diz levantando a sua bebida. A acompanho e levanto a minha. — Um brinde a nós mulheres que temos a capacidade de nos reinventar.

— A nós mulheres que nos redescobrimos diariamente.

Depois de mais algumas conversas jogadas fora decido que é hora de

ir para casa, amanhã acordo cedo para ir para o hotel. No penúltimo andar montei a minha sala para de lá gerenciar os outros quatro hotéis. Na verdade já existia esse escritório lá, apenas fiz algumas modificações.

— Preciso ir — aviso me levantando.

— Também já vou, amanhã tenho que resolver uns assuntos com o buffet da festa de comemoração de aniversário de um ano da nova direção da rede de hotel “Cascata”.

— Mande alguém para resolver isso, vou precisar de você no hotel amanhã. Preciso tomar algumas decisões e quero a sua opinião.

— Chefinha querida, desculpe mais eu irei resolver isso pessoalmente. Já mandei recados, mas o ser não fez o que mandei. Portanto irei pessoalmente, na parte da tarde estou disponível para você.

— Coitadas dessas pessoas amanhã — zombo.

— Eu avisei, mas não quiseram me ouvir.

— Bom, eu vou indo, amanhã tenho um dia cheio. — Me despeço de Escarlata e vou para casa, preciso descansar. O objetivo dessa noite já foi alcançando isso é o que importa.

Sempre me sinto sendo observada no clube, sinto a minha pele queimando, mas por mais que procure nunca acho o responsável por essa sensação. A informação que Eros sempre está no clube, me faz pensar que o olhar que me queima talvez seja ele me observando de longe.

Ele está fazendo o que me foi prometido, deixando-me livre para me descobrir e me aventurar nesse mundo, sem amarras. Eros disse que na hora certa viria ao meu encontro e já se passaram dois anos. Talvez tenha sido uma forma sutil para dar um fora em uma pessoa “inocente” que estava quebrada e tentando recomeçar a vida. Não me importo, ele foi importante nessa fase, deu o empurrão que eu precisava. Se um dia ele reaparecer mostro para ele quem sou agora e quem é que dita as regras, serei eu a ser sutil na hora de dar

o fora.

Já em casa tomo um banho, visto uma camisola leve, deito e durmo. Sonho com um homem alto e de olhos penetrantes, aqueles olhos que eu nunca esqueci.



CAPÍTULO 13 — EROS

Durante dois anos a observei de longe e nesse tempo que passou posso dizer que Cecília ficou ainda mais linda. Ela faz parte do clube, é respeitada e desejada por muitos. E hoje não seria diferente, na verdade ela está ainda mais bela. Vejo Cecília chegar, escolher a dedo o companheiro e ir para o labirinto. Depois de alguns segundos sigo a sua procura.

Esse é sempre o meu ritual: chego mais cedo no clube, pego uma bebida, fico em um canto afastado e escuro e a espero chegar. Fico a admirando feito um besta, ela escolhe o seu parceiro da noite, vai para o labirinto e a sigo.

O Aquário e a sala de massagem são os seus lugares favoritos, ela nunca frequentou o tatame, quando vai é apenas para observar. Cecília não é mais assustada e com medo dos seus desejos. Hoje se tornou uma mulher extremante confiante e exala sensualidade.

Na hora do sexo sabe o que deseja e não tem medo ou receio de dominar e impor o seu ritmo e suas vontades. O seu parceiro de hoje aceita tudo sem relutar ou propor algo diferente. Palhaço! Esse *zé ruela* nem sabe aproveitar a mulher maravilhosa que tem em mãos nesse momento. Não sabe

o que fazer com um mulherão desses, só pensa na foda.

Cecília não é uma mulher como as outras, para mim é especial, o seu gosto é o mais doce, ela foi moldada na sensibilidade e transparência. Uma mulher dessas tem que ser degustada com calma, precisa ser venerada, acariciada, estimulada e explorada em cada canto do seu corpo.

Quando chega ao seu orgasmo, os seus olhos brilham. Olhos doces, transparentes, que traduzem tudo o que ela quer dizer, basta querer entender. Levei poucas horas para aprender a sua linguagem.

Saio do Labirinto e me sento no bar para me recompor. Não é fácil vê-la transando com outro, é uma verdadeira tortura.

— Enrico, o mais forte que tiver. Duplo — peço me sentando na banqueta do clube.

— O tiro foi grande, é? — pergunta me servindo.

Tomo em um gole e a bebida desce rasgando a minha garganta. Coloco o copo no balcão.

— Mais — peço.

— Acho que foi tiro de fuzil. — Serve mais uma dose.

— Já disse que você é inconveniente, Enrico?

— Só estou tentando ajudar — articula dando de ombros. — Hoje ela esta linda, chegou rebolando aquela *raba* para lá para cá. — Dou um tapa na sua cabeça. — Ai! — reclama. — Para que essa violência?

— Não fale dela assim — aviso entredentes.

— Hoje ela estava deslumbrante, ainda mais linda. Assim pode?

— Pode, ela está maravilhosa, linda e sexy. Essa mulher acaba com a minha sanidade.

— Veio comemorar, faz dois anos que entrou aqui pela primeira vez. Falando nela, olhe lá — diz apontando com a cabeça.

Viro-me e a vejo saindo do labirinto. Viro-me rapidamente para que

não me veja e abaixo a cabeça, mesmo de máscara e sentando afastado existe a possibilidade dela me reconhecer. Também existe a possibilidade de nem lembrar que eu existo ou que sou apenas o cara que transei pela primeira vez com ela no clube.

— Está pedindo uma bebida. Vou lá levar.

— Não esqueça Enrico, discrição. Ela não pode saber que eu estou aqui. — abaixo a cabeça e fico olhando para o meu copo.

Naquele dia que eu a vi a primeira vez sabia que o meu coração a pertencia. Aos meus 38 anos já tinha vivido todas as experiências possíveis, seja no âmbito pessoal, profissional ou sexual. Sabia que um dia eu ia encontrar a pessoa certa. O choque que percorreu o meu corpo ao tocar em sua mão pela primeira vez dizia o que iria acontecer. Sei que ela sentiu o mesmo. Cecília se entregou para mim de corpo e alma.

Eu estava pronto para ela, eu já tinha vivido tudo que o tinha para viver, encontrar alguém sempre esteve em meus planos e a encontrei. Mas como na vida nada é perfeito ela ainda não estava pronta. Poderia ser o seu guia, poderia ensinar tudo o que ela quisesse, mas se eu fizesse isso estaria sendo egoísta.

Mesmo com pouco mais de trinta anos ela era inexperiente e manipulável, mesmo sendo casada, eu fui responsável pelo seu primeiro orgasmo. Isso fez o meu ego inflar e que eu a desejasse cada vez mais. Eu a queria, mas não podia ser egoísta, precisava deixa-la ir, deixa-la seguir o seu caminho. Cecília merecia conhecer o mundo através das suas próprias escolhas. Tinha acabado de sair de um relacionamento abusivo e não merecia cair em outro, mesmo esse outro sendo eu. Merecia se descobrir sozinha, descobrir a sua força, a sua sexualidade, o seu prazer. Descobrir tudo sem as amarras de um relacionamento, sem alguém para lhe cobrar. Ela necessitava de liberdade.

A deixei ir com a promessa que um dia a reencontraria, não era um fim, mas um recomeço cheio de descobertas e logo ela voltaria para mim. Já se passaram dois anos, para ser exato setecentos e trinta dias, desde a primeira vez que lhe dei o primeiro beijo.

O beijo, imaginar a minha boca na dela já é motivo suficiente para o meu pau ficar duro e a desejar. Desejar explorar todos os cantos...

— Voltei. Sou todos ouvidos — Enrico volta me tirando dos meus devaneios.

— Não quero dizer nada. E ela?

— Está sentada tomando a bebida que levei, saciada.

— Não precisa dizer, eu a vi no Aquário. Estava magnífica, perfeita parecendo uma deusa do sexo.

— Você é masoquista.

— Vai à merda Enrico! — esbravejo.

— Você é masoquista sim. Não precisa ficar putinho. Se você quer uma mulher vai atrás dela, a conquiste. O que não pode é jogá-la no pau de outro homem.

— Cala a boca Enrico. Você é outro masoquista, quer uma mulher e fica só observando de longe e dando essas suas cantadas baratas. Nessa, estamos no mesmo barco furado, se brincar vamos nos afogar juntos.

— Você está meio certo.

— Meio não, eu estou certo.

— Na parte do masoquista está certo, agora do barco furado está errado. Na hora certa eu pulo do barco e nado ao encontro dela, o meu caso é mais complicado que o seu. Ela não olha para mim, quero muito mais que uma foda casual no labirinto. Preciso conquistar a sua confiança, tenho que mostrar que sou diferente de todos os outros que ela conheceu.

— Não se garante Enrico? — zombo com sarcasmo.

— Me garanto e muito. Você sabe que não é apenas uma foda, ela tem uma foda casual em um estalar de dedos. Quero ser mais que isso, a quero para mim.

— Vai atrás dela Enrico — uso suas próprias palavras.

— Estou trabalhando nisso. Você tem a confiança da sua garota, ela se entregou uma vez, eu não tenho nada da minha. Sou apenas o cara que a serve todas as noites que está aqui. Estou chegando aos poucos, na hora certa ela será minha.

— Está certo, não deixe de agir quando a oportunidade aparecer.

— Não deixarei. Já você está esperando muito tempo. Ela já se descobriu, não é mais aquela gatinha assustada, o que pretende fazer? Vai deixar o barco afundar e se afundar junto?

— Nosso reencontro está próximo.

— Quando?

— Próximo, não aguento mais observá-la de longe. Mesmo ela não sabendo quem sou, estou presente em sua vida. Não só aqui no clube, fora dele também.

— Sabe que ela não vai voltar para você em um estalar de dedos? Agora ela é outra.

— Para mim ela continua sendo a mesma, essa mulher confiante e sensual sempre esteve dentro dela, só esperando a hora certa de desabrochar. Se eu tivesse ficado com ela naquela época, ela iria desabrochar e me abandonar em seguida, eu não seria o suficiente.

— O que foi Eros não se garante? — rebate.

— Não fala besteira. — Dou outro tapa na sua cabeça. — Diogo merda, não diz meu nome aqui.

— Ai! — reclama. — Vou processar você por lesão corporal. Para com essa graça de toda hora ficar me dando tapa. Na hora que disse que eu

não me garantia eu não te bati.

— Claro que me garanto, todos sabem disso.

— Por que ficou putinho então? — Ri.

— Enrico, você é um moleque.

— E você é um idoso ranzinza.

— Que ver levar outro tapa?

— Chega de brincadeira, estamos falando coisa séria.

— Bom mesmo.

— Diz aí *ranzinza*. Quando vai começar a agir? — indaga e se afasta.

Sabe que ia levar outro safanão.

— Tem medo, mas não tem vergonha. Vou indo Enrico, até outra hora.

— Vai não, volta aqui e conta o que vai fazer. Está cedo, ranzinza — diz rindo.

Não dou ouvidos a Enrico e vou embora. Ele descobriu que sou mais velho que ele, quando quer me infernizar me chama de idoso ranzinza. Tenho trinta e oito anos bem vividos. Com 1,90m de altura em um corpo bem tralhado e cuidado, mulher nenhuma reclama.

Em uma coisa Enrico está certo, está na hora de aparecer para a minha Cecília. Não sei qual será a sua reação com o nosso reencontro, não sei o que se passa em sua cabeça em relação a nós dois. Mas se ela não sentir nada por mim, irei conquistar o seu coração.

Ela é minha, assim como eu sou dela.



CAPÍTULO 14 — CECÍLIA

Está quase tudo organizado e encaminhado para a festa de comemoração de um ano à frente da administração da rede de hotéis “Cascata”. A minha rede de hotéis. Sinto orgulho de mim, por saber que fui capaz de assumir tudo e administrar da melhor forma.

Tive ajuda de várias pessoas, o sucesso da rede e o bom gerenciamento não se deve apenas a uma pessoa, mas a equipe que escolhi. Trabalho com pessoas competentes e com vontade de aprender e crescer. Por isso invisto pesado na capacitação dos meus funcionários e eles têm a chance de crescer aqui dentro.

O baile de comemoração irá acontecer aqui mesmo no “Prudente Palace Hotel - Cascata”. É daqui que administro todos os hotéis da rede. A festa não acontecerá apenas para a “nata” da sociedade, mas também para os meus funcionários, por isso contratei serviços terceirizados e dei um bônus para que os mesmos pudessem comprar roupas, sapatos e o que fosse necessário para estarem presente.

Tenho ciência que muitos dos meus funcionários não vão estar presentes, muitos vão querer pegar o bônus e curtir com a família. Deixei claro que eles tinham a opção de fazer o que quisessem com o valor, não era obrigatório vir para a festa, mas que avisa-se para que pudesse retirar o nome da lista de convidados. Foram confirmados duzentos funcionários. Será um baile para mil e quinhentos convidados. A pergunta é: será que o salão de festas tem a capacidade para esse total de pessoas?

Sim tem, o salão de festa do hotel tem a capacidade para até três mil pessoas, por isso pedi para que os meus funcionários confirmassem presença. Caso fosse necessário iria alugar um espaço maior com a capacidade para todos. Mas não foi necessário.

— Menina Cecília. Vamos para casa, já está na hora — Marta chama entrando em minha sala.

— Pode ir indo na frente. — Pego o telefone. — Vou pedir um taxi para você, preciso acabar de resolver umas coisas ainda.

— De jeito nenhum. — Marta toma o telefone da minha mão. — Amanhã você resolve isso.

— Marta, eu preciso...

— Precisa de um banho, uma jantinha quentinha e de cama. É isso o que você precisa menina Cecília.

— Está quase tudo pronto para o baile de comemoração. Faltam apenas alguns detalhes.

— Então vamos, os detalhes você pensa melhor amanhã e resolve.

— Mas Marta...

— Nada de mais menina, vamos embora agora. Não adianta ratear. Ande, estou esperando.

— Tudo bem. — Dou por vencida pegando a minha bolsa. — E Maria?

— Acabei de expulsá-la para casa, também usou essa mesma desculpa que você. Coloquei para fora, tranquei a sua sala e tomei a chave dela. Não sei o que seria de vocês duas sem mim para frear esse trabalho desfreado das duas.

— Você tomou a chave dela?

— Tomei. — Pega a chave e me mostra. — Ela estava me enganando, ficava na recepção e depois que eu ia embora voltava para a sala e ia trabalhar. Agora não volta mais, peguei todas as cópias das chaves da sala dela. Está tudo comigo, nem adianta chegar mais cedo, só eu tenho a chave.

— Meu Deus, como você descobriu?

— Tenho os meus informantes.

Acabo caindo na risada, lógico que Marta tem os seus informantes. Ela vive pelos corredores desse hotel. Marta não é obrigada a trabalhar, o que tenho é suficiente para ambas vivermos bem. No início até a forcei para ficar em casa cuidando de tudo, com uma semana desisti. Ela ficava sozinha e triste e isso não era justo, o melhor lugar para Marta ficar é próximo a mim. Aqui no hotel ela é rodeada de pessoas e faz o que tiver vontade. Ajuda na cozinha, na recepção, algumas vezes é aminha secretária, outras vezes secretária da Maria. Serve cafezinho, mas o que Marta faz com maestria é cuidar de mim e de Maria. Ela ainda tem a carteira assinada e tem o seu salário e benefícios como qualquer outro funcionário. Mas todos sabem que ela não é uma funcionária qualquer, ela é a minha Marta, o meu porto seguro.

Chegamos em casa e vamos as duas para a cozinha preparar o jantar. Temos apenas a diarista, que vem limpar e passar três vezes na semana, e o jardineiro. O restante Marta e eu que cuidamos. A nossa casa não é uma mansão, é pequena e confortável, não queríamos luxo, mas sim uma casa que nos trouxesse paz.

O nosso jardim é enorme, com uma varanda perfeita para, um dia,

quando eu tiver os meus filhos eles correrem e brincarem. Não tenho ilusão de me casar novamente, não tive uma boa experiência com casamento. Estou amadurecendo a ideia de uma produção independente ou de adotar uma criança. Quero filhos que sejam gerando por mim ou por outra pessoa. Não sou mais novinha, o meu relógio biológico está correndo e não para. Quanto mais adio, a possibilidade de engravidar e gerar um filho diminui.

Quando o jantar está quase pronto, vou para o meu quarto, tomo banho e visto uma camisola. Volto para a cozinha para jantar com Marta.

— Não vai sair hoje? — indaga.

— O que foi, tem um encontro hoje por isso quer me ver longe? — brinco sorrindo e pegando o prato para me servir.

— Pare de gracinha menina. Sei que está ansiosa para a festa de comemoração, pensei que talvez fosse sair para relaxar e distrair a cabeça.

— Realmente estou uma pilha. Quero que seja tudo perfeito, Maria me chamou para sair, mas preferi ficar em casa.

— Você precisa sair mais. Fica só pensando em trabalho, fica só dentro de casa, não arruma namorado.

— Quem disse que estou à procura de namorado?

— Menina Cecília, eu gosto de cuidar de você e da Maria, mas eu preciso de netos. Vocês tem que entender que já estou com a idade avançada, quero netos o mais rápido possível enquanto eu ainda aguento brincar com eles.

— Está fazendo chantagem, Marta? — Rio. — Está nova ainda tem muitos anos pela frente, na hora certa o seu neto chega.

— Você poderia agilizar esse processo. Você é a minha única esperança, Maria disse que está fora de questão, só me resta você. Fico imaginando crianças correndo por esse jardim e eu sentada na cadeira de balanço olhando eles brincarem, no final da tarde você chega com o seu

marido, beija e abraça os seus filhos, na hora do jantar todos reunidos na mesa contando como foi o dia — diz sonhadora.

— Linda cena — seguro a sua mão. — Vamos tirar a parte do marido e focar nas crianças. Quem sabe um dia, não apenas uma criança, no mínimo duas. Você sabe que o meu maior sonho é ser mãe, não importa que não seja uma criança com o meu sangue, pode ser qualquer outra. Vai ser o meu filho de todo o jeito.

— Vou ajudar a você criar — Marta diz sorridente.

— Eu sei que sim.

— O marido seria bom também — insiste.

— Melhor não.

— Nem todos os homens são iguais ao Humberto. Tem um perdido por ai que foi feito especialmente para você, menina Cecília.

— Ele está tão perdido que eu nunca vou achar — zombo.

— Talvez ele te ache, ou já tenha te achado. Mas você só pensa em trabalho que nem percebeu o gatinho te observando de longe só esperando a oportunidade certa para se aproximar e conquistar o seu coração.

Será que Marta está certa? Claro que não, é coisa da minha cabeça, se Eros quisesse alguma coisa já teria aparecido.

— Realmente está disposta a dar uma de cupido — brinco.

— Quero te ver feliz.

— Eu sou feliz.

— É muito mais feliz hoje que há dois anos. Mas sei que pode ser mais feliz ainda, é o que desejo para você.

— Você é a minha felicidade, Marta. Estou bem assim.

Ela não me questiona. Depois do jantar, arrumamos a cozinha e conversamos sobre o nosso dia. Marta sempre tem uma história engraçada para contar sobre o hotel. Além de apontar alguma falha que precise

melhorar, ou algo que foi feito e deu certo. Ela acaba sendo os meus olhos lá dentro.

Quando deito na minha cama fico pensando no que Marta me disse. Esses dias me pego pensando mais do que deveria em Eros. Será que ele é o cara certo? Será que ele me observa de longe, esperando a oportunidade certa para se aproximar?

Não sei se esse cara é ele, no clube não se encontra um príncipe encantado. Lá se encontra sempre uma foda casual e talvez seja tudo o que pode acontecer se um dia eu reencontrar Eros. Apenas uma foda casual, nada mais que isso. Preciso deixar os pensamentos sobre Eros de lado e focar na festa que acontecerá daqui a dois dias.

Pego no sono e novamente sonho com o homem de voz rouca e olhos penetrantes.



CAPÍTULO 15 — CECÍLIA

Enfim chegou o grande dia da festa de comemoração de um ano à frente da administração da rede de hotéis “Cascata”. Para muitos é uma simples festa, mas para mim é muito além, mostra a minha vitória e o meu renascimento. Hoje sou uma mulher decidida, não vivo nas sombras de um homem, tomo as minhas próprias decisões. Gerenciar e administrar essa rede de hotéis só prova a minha capacidade e o meu poder.

Quero que esteja tudo perfeito, sei que algumas pessoas que estarão presentes irão procurar alguma falha. Afinal uma mulher a comando de tudo não é visto com bons olhos por uma sociedade machista e preconceituosa. Posso muito bem gerenciar um hotel sendo mulher e competir de igual para igual com um homem.

O sexo não define a capacidade e o caráter de ninguém, mesmo que para nós mulheres tudo sempre seja mais difícil, tornando também muito mais saboroso as nossas conquistas e vitórias.

— Entre — digo quando escuto uma batida na porta do meu escritório.

— Cecília. Desculpa incomodar, mas a maquiadora e cabeleira que

contratou já estão na suíte presidencial a sua espera. O seu vestido também já foi colocado no closet — Jéssica, a minha secretária entra na sala dizendo.

Olho no relógio e vejo que já são quase cinco da tarde. O tempo passou voando.

— Marta e Maria? — indago.

— Estão nos quartos reservados para elas, com os seus repetitivos maquiadores e cabelereiros.

— Maria já está se arrumando? — pergunto incrédula.

— Já.

— Posso saber qual o milagre?

— Marta a arrastou. Disse que ou ela ia se arrumar ou durante a festa iria arrumar um pretende para ela, que o cara iria ficar a noite inteira em seu pé.

Começo a rir.

— Ela ameaçou a Maria?

— Eu estava do lado, foi tipo uma intimação. Maria não tinha opção, então achou melhor ceder às chantagens de Marta. Então agora está no quarto se preparando para a festa.

— Posso saber o milagre que Marta não veio me buscar e coagir ainda, Jéssica?

— Eu fui designada por ela.

— E?

— Se em quinze minutos você não estiver na suíte presencial para se arrumar, ela vai achar um pretendente para mim.

— E?

— Disse que será alguém do próprio hotel para facilitar o convívio e agilizar o casamento — explica com os olhos arregalados. — Por favor, deixa tudo aí e vai se arrumar. Seja caridosa com a minha pessoa, Marta quando

ataca de cupido não sossega. Ela já foi responsável por oito casamentos nesse tempo que você está à frente da administração.

— Oito?

— Pois é! Fora os namoros e noivados.

— Vamos, vou aliviar para você. Não sabia que ser cupido estava entre as tarefas da Marta aqui no hotel — acabo rindo novamente.

— Obrigada. Não sabe o bem que me está fazendo. Já tenho tantos problemas e um homem na minha vida só iria complicar ainda mais a minha situação.

— Vai se arrumar também, Jéssica.

— Eu não vou participar da festa.

— Posso saber o motivo?

— Surgiu um imprevisto, peguei o dinheiro do bônus para outro fim. Desculpe Cecília, sei que você queria que eu estivesse presente, afinal sou a sua secretária — diz envergonhada. — Me desculpe.

— O dinheiro do bônus foi dado para utilizar da melhor forma, ninguém é obrigado a participar da festa. Sim, queria você presente, mas como você mesma disse, surgiu um imprevisto. Eles acontecem, não precisa pedir desculpa, fica para a próxima.

— Obrigada Cecília, é tanta coisa acontecendo que não tenho cabeça para festa.

— Se precisar estou aqui. Agora preciso ir.

Despeço-me de Jéssica, saio da minha sala e vou direto para a suíte presidencial. Como sabia que o dia iria ser corrido e não daria tempo de ir ao salão me arrumar e nem em casa tomar um banho, deixei reservado à suíte e contratei os serviços de maquiador, cabelereiro e manicure para vir me arrumarem aqui no hotel. Claro que contratei os mesmos serviços para Marta e Maria, elas têm que ficar magnificas essa noite. Afinal tudo isso só foi

possível através da ajuda das duas.

Depois do banho, o cabeleireiro arruma o meu cabelo. Optei por um coque com alguns fios soltos e uma tiara prendendo o coque, combina perfeitamente com o meu vestido azul marinho, longo de alças finas e com fenda lateral. A maquiagem leve com olhos bem marcados, para completar um colar com uma pequena pedra de ruby e brincos pequenos da mesma pedra.

Estou pronta para a grande noite, gosto do resultado que vejo no espelho.

— Como está linda minha menina! — Marta fala entrando no quarto.

— Você também não fica atrás. — Marta está usando um vestido salmão de mangas curtas um pouco abaixo do joelho. — Está um charme.

— É hoje que a Marta encontra um *veio* para namorar — Maria pronuncia entrando logo atrás dela.

— Para com isso Maria, já te disse que não tenho idade para ficar de namorico. Já você e Cecília estão no ponto certo.

— Em ponto de fuga Marta, esse é o meu ponto — Maria conta rindo.
— Pronta para entrar naquele salão e arrasar? — pergunta me olhando.

— Estou. Mas antes tenho um presente para vocês duas. — Caminho até o closet, pego dois embrulhos e entrego um para cada.

Elas abrem e encontram uma pequena caixa de veludo. Mandeí fazer um conjunto de colar e brincos com uma pequena pedra de ruby, parecido com o que uso, para as duas.

— Não posso aceitar isso menina Cecília. É muito lindo, mas não posso aceitar — Marta tenta me devolver, mas a impeço.

— Quero que use essa noite. Mandeí fazer esses conjuntos há um bom tempo, queria presentear as duas pessoas mais importantes da minha vida. Primeiro você Marta, que me viu crescer e, depois, com a morte dos meus

pais quando não tinha ninguém, foi a pessoa que me estendeu a mão e me ajudou. Mesmo depois de casada vivendo com Humberto foi coagida e ameaçada diversas vezes por ele, mesmo assim não me abandonou. Me fez descobrir a farsa que era aquele casamento, me ajudou a recomeçar de novo, sempre me apoiando e dando forças. O valor dessa joia pouco me importa, o que quero que leve em consideração, Marta, é o valor sentimental aqui empregado. — Pegou a joia da sua mão e a coloco em seu pescoço. — Você é como uma mãe para mim, obrigada por sempre estar do meu lado.

— Você é como uma filha. Obrigada menina Cecília, vou guardar com carinho — acaba chorando.

A abraço e limpo as suas lágrimas com cuidado para não borrar a maquiagem.

— A segunda pessoa mais importante da minha vida é você Maria, anos atrás você apareceu em minha vida, infelizmente naquela época foi forçada a me deixar. Mas anos depois ressurgiu na hora que eu mais precisava, estendeu a mão e me ajudou a trilhar um caminho diferente, me ensinou a me conhecer, a saber, das minhas capacidades, me fez destruir estereótipos negativos. Tornei-me uma mulher mais forte com a sua ajuda. Aqui dentro, você é o meu braço direito. Largou o seu emprego para me ajudar, para me guiar no mundo dos negócios. Para mim você é uma irmã e palavras jamais serão suficientes para te agradecer por tudo o que fez e faz por mim.

— Não fala assim. Está fazendo borrar a minha maquiagem — Maria limpa com cuidado uma lágrima que cai. — Você é tão importante para mim que não pode imaginar Cecília.

Abraço Maria.

— Obrigada — agradeço. — Vocês duas são a minha família.

— E vocês a minha. Só lembra que eu sou a filha ovelha negra, por

isso moro longe — zomba Maria.

— De coração, muito obrigada a vocês duas. Quero que essa joia seja um símbolo do amor e gratidão que sinto por ambas.

— Obrigada Cecília, você tem um bom gosto. É Ruby? — pergunta com o olhar sugestivo.

— Tenho uma queda por essa pedra — digo dando de ombros. — Vai combinar com a sua roupa.

Maria está usando um vestido vermelho com decote profundo nas costas, o cabelo uma trança lateral. Simplesmente linda.

— Por isso irei usar — tira o colar que usava e substituindo pelo presente ganhado.

— Prontas? — indago olhando para as duas. Elas balançam a cabeça concordando.

Caminhamos até o salão de festa, muitos dos convidados já chegaram. A promotor responsável nos passa todas as informações necessárias, inclusive sobre o meu discurso e o início da banda principal. No momento toca uma música ambiente.

Sirvo-me com uma taça de champanhe e começo a circular pelos convidados. De longe vejo Marta sentada conversando com um dos funcionários do hotel. Ela está animada e isso me deixa feliz. Procuro com o meu olhar e vejo Maria conversando com alguns dos nossos fornecedores, mesmo em dia de festa ela não para de trabalhar.

Desde que passei pela porta do salão estou me sentindo observada, é até cômico dizer isso visto que todos os olhares da noite estão voltados para mim, afinal sou a anfitriã da festa. Mas um olhar, uma pessoa, está causando essa sensação. Sempre senti isso no clube, por lá ser um lugar onde as pessoas observam, desejam e sempre estão à procura de um par. Acho até certo ponto “normal” essa sensação, mas aqui é um lugar diferente e mesmo

assim a sensação está presente.

Quem é essa pessoa que está fazendo o meu corpo queimar com o seu olhar? Viro-me para tentar procura-lo pelo salão.

— Você?



CAPÍTULO 16 — CECÍLIA

— Com saudades? — indaga com um sorriso no rosto.

— Podemos dizer surpresa — realmente fico surpresa com a sua presença.

Poderia esperar várias pessoas na noite de hoje, afinal é uma festa para muitos convidados. Mas jamais iria imaginar que ele teria a ousadia de comparecer em uma festa sem ser convidado.

— Vim te prestigiar.

— Fico feliz, espero que se divirta. Com licença — começo me retirar de perto dele.

— Não! — Segura meu braço. — Quero falar com você.

— Solta o meu braço Humberto. Não tenho nada para falar com você.

— Me escuta — ordena com um tom mais alto.

Olho para os lados, o seu timbre de voz não chamou a atenção das pessoas a nossa volta. Não posso deixa-lo fazer uma cena em frente aos meus convidados e da imprensa. Amanhã sairia nos jornais e não seria bom para a minha imagem, nem para o hotel.

Preciso tirá-lo daqui, Humberto não irá estragar a minha noite.

— Calma querido — tento transmitir calma.

— Vai falar comigo agora?

— Claro. Por favor, queira me acompanhar até o meu escritório, lá poderemos conversar mais a vontade.

Ele solta o meu braço e abre um sorriso triunfante.

— Aprendeu rápido, se eu tivesse te dado uns tapas tinha gostado. Conheço o seu tipo.

Reviro os meus olhos, homem ridículo. Não o respondo, saio na frente e ele vem atrás. Subimos pelo elevador até o andar do meu escritório, abro a porta, caminho até a minha mesa e me sento em minha cadeira de couro. Aperto discretamente o botão de emergência acionando os seguranças do hotel.

— Pode falar o que deseja. Seja rápido, tenho uma festa a minha espera.

— Vou ser direto — diz se sentando. — Você precisa de um homem do seu lado.

— Não sei se você percebeu, mas estou muito bem sozinha. Olhe em volta que você pode comprovar o que digo.

— Cecília, não é bem visto pela sociedade uma mulher sozinha à frente dos negócios, você melhor que ninguém sabe disso. Treinei você para ser uma esposa exemplar. Pode ter dado sorte até agora no mundo dos negócios, mas não vai poder contar com a sorte por muito tempo.

— Então quer dizer que eu sou sortuda? Que todo o sucesso vem vindo da minha sorte?

— Da sua sorte e do seu rosto bonito. Convenhamos você não leva jeito para o trabalho. Precisa de um homem na frente de tudo.

— Quem seria esse homem?

— Eu!

— Você?

— Já fomos casados. Eu na frente dos negócios e você ao meu lado iremos dominar o setor hoteleiro, poderemos expandir ainda mais os negócios. Você precisa de mim. Um rostinho bonito não é tudo, precisa de um homem de fibra para tomar conta de tudo.

Começo a rir com as suas palavras.

— Jamais deixarei você à frente da minha rede de hotéis.

— Você pode ficar à frente se preferir, eu te ajudo. Serei o seu braço direito, nos casamos de novo...

— Não seja ridículo Humberto, não irei casar com você novamente. Sei que perdeu tudo que te restou do divórcio, está falido por isso está atrás de mim. Eu não preciso de você, estou muito bem sozinha e pretendo continuar por muito tempo.

— Eu te amo e preciso de você. Vivemos bem quando éramos casados. Eu fui iludido por isso te traí. Aquele bastardo não era meu filho, você estava certa. Eu errei e me arrependo, mas eu posso adotar uma criança, vai ser do jeito que você sempre quis. Volta para mim Cecília, volta para a nossa casa, juntos podemos formar uma família.

— Para de se humilhar. Mostra quem realmente é — desafio.

— Sua puta! — Bate na mesa e me olha com ódio.

— Isso, agora sim é o Humberto que conheço. Adoro ser puta, se acha que me ofende me chamando assim está muito enganado.

— Devolve o que me roubou sua puta interesseira.

— Não roubei nada, estava tudo no meu nome. Casamos com separação total de bens. Você que quis me usar e acabou se dando mal. — Olho para a porta e vejo os seguranças entrando. — Por favor, joguem esse verme para fora do meu hotel. A sua entrada aqui ou em qualquer outro hotel da rede é proibida — digo ríspida. — A próxima vez que se aproximar de

mim irei te processar e tirar tudo o que você não tem. Verme!

Levanto-me saindo da minha sala, deixando para trás um homem furioso defecando pela boca. Não me importo, não será Humberto a estragar minha festa. Como se diz o velho ditado “*fruta podre cai sozinha*” e Humberto é a prova disso. Perdeu tudo e hoje vive de aparência.

Volto para o salão de festa e me sirvo com uma taça. Passou, preciso entrar no clima de festa, ele não merece nem o meu desprezo.

— O que aconteceu? — Maria pergunta ao meu lado.

— Humberto!

— Problema?

— Já resolvi.

— Certeza?

— Sim! — Balanço a cabeça afirmando. — Nada com que precisamos nos preocupar.

— Então segue a festa — sorri. — Vamos focar no sucesso dessa noite. Que até agora não existe nada que diga ao contrario.

— Como está tudo?

— Perfeito! Conversei com alguns investidores e eles estão adorando tudo. Essa festa esta servindo para trazer uma nova clientela e novos investidores.

— Você não brinca em serviço Parabéns.

— Sou muito bem paga para isso.

— A sua patroa é uma mulher de sorte.

— Claro que é. Acho que é hora do discurso e podemos liberar a banda, depois você pode sentar e descansar um pouco.

— Tem mesmo necessidade desse discurso?

— Claro que sim, seja sincera que todos vão gostar.

— Tudo bem. Eu vou assim acabo logo com tudo.

— Vai lá e arrasa! Você sabe que tem esse poder.

Respiro fundo, caminho até o palco pego o microfone. O DJ abaixa o som.

— Boa noite! — digo chamando a atenção de todos. — Agora é a parte chata que subo aqui e faço aquele discurso bonito. — Reviro os olhos e algumas das pessoas riem. — Vou decepcionar vocês, eu não escrevi nenhum discurso bonito, sou péssima nisso. — Outra onda de risos. — O que posso falar é que sou grata pelo rumo que a minha vida tomou e por estar aqui hoje comemorando junto com vocês o sucesso da rede do “Hotel Cascata”. O sucesso da rede só é possível por causa dos seus colaboradores. Desde a gerência, o meu braço direito Maria, até a faxineira e também a casamenteira de plantão: Marta. — Outra onda de risos. — Tudo isso só é possível por causa de cada um de vocês, obrigada por me ajudarem. Espero que o ano que vem estejamos aqui comemorando novamente mais um ano de sucesso. Obrigada! — finalizo com uma salva de palmas.

Sobrevivi ao discurso. Tentei ser breve e sincera, se eu não tivesse uma boa equipe de colaboradores nada seria possível. Por isso a minha gratidão, por isso pago bons salários fazendo com que eles trabalhem porque gostam do ambiente e se sentem valorizados.

Desço do pequeno palco e a banda principal começa a tocar, volto a circular pelo salão tirando algumas fotos para imprensa ou dando atenção para os convidados.

Finalmente Marta me resgata e me faz sentar-me à mesa na cadeira ao seu lado. As minhas pernas doem, estou cansada.

— Que historia é essa que sou casamenteira?

— Foi o que fiquei sabendo, a sua fama é grande — conto rindo.

—Cecília, melhor fazer uma capela no hotel, pelo tanto de casamento que Marta anda arranjando — Maria conta rindo.

— O próximo vai ser o seu — Marta avisa olhando para Maria.

Conforme a conversa e as brincadeiras vão se desenrolando volto a sentir a minha pele queimar. Levanto a minha cabeça e um homem alto, com uma barba rala e bem feita, cabelos bagunçados e pele bronzeada, me encara de longe. Finjo que não o vejo, hoje não é dia de caça. Se bem que essa caça valeria a pena. Ele é viril, um macho alfa e me excita só com o seu olhar.

Começo a beliscar os petiscos da mesa enquanto converso e me distraio. Mas volta e meia eu olho o homem que continua a me observar. A minha pele queima.



CAPÍTULO 17 — EROS

Esperei por dois anos para a sua descoberta. Tinha que estar presente no dia do seu triunfo, o dia que mostraria para todos a sua força e capacidade. Estou aqui para observá-la não como uma caçadora, mas como mulher de negócios. Uma mulher de fibra.

Observei Cecília à distância durante toda a noite, como conduziu as conversas, dispensou o ex-marido de forma sutil, sem levantar alarme e depois o seu discurso de agradecimento. Durante toda a noite esperei o momento certo para lhe abordar. O nosso reencontro não poderia ser no clube, tinha que ser em um lugar diferente, não a quero apenas como caçadora, a quero por completa.

Por isso estou aqui hoje. Está na hora de sair das sombras, esta na hora de trazê-la para a minha vida. E não vou descansar enquanto ela não for minha.

Cecília percebeu que estou a observando. Não faço mais questão de me esconder, dei o tempo e espaço que ela precisava. Fui paciente durante todo o tempo que passou, mas a hora chegou.

Coloco a minha taça na mesa e caminho lentamente ao seu encontro.

— Boa noite — pronuncio chegando a sua mesa e chamando a atenção de todos.

Os meus olhos estão cravados nos olhos dela... É ela que eu quero... É ela que eu desejo... É ela que vim buscar.

— Boa noite — responde me olhando.

— Vim tirá-la para uma dança.

— Prepotente — expõe com o ar de riso. — Vem me tirar para uma dança sem ao menos fazer um convite.

— Está certa. Desculpe a ousadia.

— Desculpado.

— Posso te fazer um convite? — indago olhando para a sua boca, acabo sorrindo quando, ela percebe e desvia o olhar.

— Claro — diz bebericando a sua bebida.

— Vim convidá-la para uma dança — a convido com um sorriso de canto, reformulando o meu convite.

Ela está descontraída, entrando no meu jogo e aceitando o meu flete.

— Por que eu aceitaria o seu convite? — um sorriso surge em seu rosto.

— A observei durante toda noite e não a vi na pista de dança em nenhum momento.

— É! Não fui dançar. Estava muito ocupada, noite agitada — explica colocando a taça em cima da mesa.

— Nunca é tarde para uma dança com uma boa companhia.

— Agradecida pelo convite, mas estou cansada. Vou ter que recusar a dança e a boa companhia.

— Vai menina Cecília, precisa aproveitar mais a festa. Dançar faz bem para a alma.

— Marta! — repreende a senhora como advertência.

Olho para a senhora e lhe ofereço um sorriso em forma de agradecimento pela ajuda. Mas essa batalha é entre Cecília e eu, apenas nós dois. Não tem espaço para terceiros.

Volto a olhar para Cecília, que tenta manter a postura. Sei que está intrigada, os seus olhos a entregam. Ela não pode se esconder de mim, observá-la por tanto tempo me fez conhecê-la mais do que ela mesma. Ela sabe que não vou desistir, talvez seja o que ela realmente deseja; que eu insista e a convença.

— Não recuse antes de provar o que ambas as oportunidades tem a oferecer — digo a fitando nos olhos.

— A dança ou a companhia? — indaga com o olhar sugestivo.

— Apenas uma dança — estendo a minha mão. — Tire as suas próprias conclusões depois.

— Uma dança — informa pegando a minha mão, aceitando o meu convite.

Seguro firme a sua mão e aquele choque de anos atrás se faz presente. Ela me olha desconfiada, não me reconheceu ainda, mas até o final dessa dança saberá quem sou.

Coloco a minha mão na curva da sua cintura e a conduzo até a pista de dança.

Ela me olha intrigada.

O seu olhar...

Aqueles olhos que dizem tudo... Olhar transparente que me fascina e me conquistou anos atrás. O olhar que desejei ver tão de perto, me olhando e me desejando. Olhar que nesse momento é desconfiado e tem um misto desejo, dúvidas e luxúria.

Ah! Minha doce e sexy Cecília, como eu esperei por esse reencontro, como desejei esse momento. Você não pode imaginar o quanto te desejei ter

tão próxima a mim. Por enquanto esse contato me satisfaz, mas o que realmente quero é me perder em seu corpo, em suas curvas. Calma, ainda terei tempo para fazer isso, nós dois nus se perdendo um no outro.

Seguro a sua mão e a puxo, colando os nossos corpos. A sua respiração se acelera e ela coloca a mão em meu ombro, Cecília não está imune a mim, assim como não sou imune a ela.

A música começa a tocar e começamos a nos movimentar conforme o ritmo da música. Não existe mais ninguém na pista de dança, apenas eu e ela.

O silêncio paira entre nós dois e ela tenta descobrir pelo meu olhar quem eu sou. Uma batalha de olhares está travada.

— Está de parabéns, fez um bom trabalho, a festa está linda — elogio, quebrando o silêncio.

— Obrigada!

— O seu cheiro. — Respiro na curva do seu pescoço. — É viciante.

— Tenho que confessar que o seu também é muito bom.

— Sinto-me honrado por isso, mas o seu é muito melhor. Como já disse: viciante.

— Em um momento parece até que já senti o seu cheiro, o seu toque, até mesmo o seu calor antes. Mas a minha memória nesse momento é falha.

— Ajudarei a sua memória — sussurro em seu ouvido.

— Serei grata, se me disser quem é? — Pelo seu timbre de voz percebo que está curiosa, o seu corpo me reconhece, lembra quem sou, mas a sua cabeça ainda não me reconheceu.

Depois do nosso segundo encontro no clube ela nunca mais me viu. Lá, assim como ela, eu usava máscara, dificultando ainda mais o seu reconhecimento de quem sou. Diferente dela, depois daquela noite, estive sempre por perto, tanto no clube quanto no seu trabalho. O meu escritório de advocacia tem como exclusividade a sua rede de hotéis, um dos motivos para

eu ter a entrada permitida na festa de hoje. Sempre dificultei o nosso reencontro, mandava sempre algum assistente me representar nas reuniões que ela estava presente.

Maria até desconfiou o motivo de eu me recusar a encontrar Cecília, mas se manteve na dela e nunca me questionou. Até a semana passada, quando Cecília perguntou por mim e confidenciou que tínhamos nos envolvidos e eu tinha falado o meu nome verdadeiro.

Descobrir que ela lembrava e perguntava por mim, foi o que eu precisava para sair das sombras e começar a reconquistar a mulher da minha vida.

— Está magnífica hoje — a elogio. — Não que nos outros dias não estivesse, mas hoje conseguiu ficar ainda mais bela.

— Vem me observando?

— Te observar é o meu hobby favorito.

— Não é a primeira vez que me observa?

— Não! — confesso a girando e trazendo novamente para perto do meu corpo. — Venho a observando há um bom tempo.

— Desde que chegou hoje na festa?

— Não, bem antes da festa. — Ela está confusa, curiosa, mas deixo Cecília guiar a conversa até chegar à resposta que deseja.

— Seja mais específico, eu exijo ou paramos a dança por aqui — ameaça ríspida.

— Há pouco mais de dois anos te deixei ir com a promessa que na hora certa a teria de volta. A hora certa chegou, está na hora de você voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído — sussurro em seu ouvido fazendo o seu corpo estremecer.

— Qual seria esse lugar?

— Em meus braços.

— Até parece — diz rindo, tentando se afastar de mim.

— Irei te provar que o seu lugar é em meus braços. São neles que você vai fazer várias outras descobertas.

— Vou ser bem direta, chega de joguinhos de adivinha. — Me olha.
— Quem é você?

— Posso ser o que você quiser. Amigo, companheiro, amante.

— Qual o seu nome?

A pergunta que eu tanto esperava veio. Coloco a mão em sua face e olho em seus olhos, quero ver a sua reação, quero que os seus olhos me digam o que sente.

— Tenho muitos nomes, mas você, apenas você, pode me chamar de Eros.

— Eros?



CAPÍTULO 18— CECÍLIA

O dono dos olhos que tem o poder de fazer o meu corpo queimar, que senti me observando desde o instante que entrei no salão de festa eram dele. Eros, ele é o responsável por me queimar não somente hoje, mas todo esse tempo no clube também. Sentia esse calor sobre a minha pele, sempre me sentia observada e era ele o tempo todo. Esteve me observando durante todo esse tempo e eu fui incapaz de reconhecê-lo. Mesmo que nunca tenha o esquecido, não fui capaz de reconhecê-lo de primeira, mesmo o meu corpo reagindo ao seu olhar, ao seu toque, a sua fala rouca que faz arrepiar cada canto do meu corpo.

Sempre o procurei no Clube, mas com o tempo eu desisti de reencontra-lo e o deixei guardado como uma boa lembrança.

— Eros — sussurro.

— Disse que não era uma despedida, disse que eu voltaria. — Segura o meu rosto com as suas mãos e passa o polegar sobre os meus lábios.

Fico sem reação por alguns segundos, ele ainda tem o poder de me desestabilizar. Fecho os meus olhos e as suas palavras daquela noite vem a minha mente.

“— Seria egoísmo meu te querer só para mim. Você está desabrochando agora, está se descobrindo. É injusto eu te prender nesse momento. Preciso deixar você voar, se descobrir sem amarras, na hora certa eu vou ao seu encontro. Viva, faça as suas descobertas, liberte-se dos seus medos, eu vou estar te esperando.”

Abro os meus olhos e afasto as suas mãos de meu rosto. Não sou a mesma de dois anos atrás.

— Queira me acompanhar até o meu escritório?

— Hoje é dia de festa, no seu escritório venho amanhã — diz me rodopiando pela pista de dança.

— Está fugindo de mim, Eros? — indago o olhando.

— Jamais. Fugir de você nunca estive em meus planos.

— Quais os seus planos?

— Os melhores possíveis — sussurra em meu ouvido com aquela voz rouca que faz cada canto do meu corpo arrepiar encharcando a coitada da minha calcinha.

Miserável, gostoso! Eu preciso provar você. Penso, mas não falo. Não irei me rebaixar tanto para um homem, mesmo sendo Eros, o homem que sempre estive presente em meus pensamentos.

— Reitero o convite. Queira me acompanhar até o meu escritório, desejo conversar com você.

— Podemos conversar aqui, está ótima em meus braços.

— Tenho perguntas a fazer.

— Faça, estou todo ouvido.

— A sós, em meu escritório.

— Sei o que passa por sua mente. O seus olhos te entregam, estão

cheios de luxúria, desejo e um pouco de curiosidade. — Me puxa e sutilmente esfrega a sua ereção em mim. — Como pode perceber também desejo ficar a sós com você. De preferência você nua apenas com esse colar de Ruby. Iria saborear cada canto do seu corpo e me embriagar com o seu mel.

— Se estamos em comum acordo, qual o problema?

— Não a quero apenas por alguns minutos, não a quero apenas por uma noite, a quero para a vida inteira.

As suas palavras me fazem estremecer, bem que eu queria que fosse tudo verdade, mas sei que não é. Se anos atrás ele me deixou ir, o que garante que dessa vez não fará o mesmo?

— Eu te quero apenas por algumas horas — rebato.

— De início está ótimo, já tinha em mente que era isso que você iria falar — diz com um sorriso sacana. — Essas horas podem virar dias, meses e anos.

— O que faz você acreditar nisso? Passaram-se dois anos desde o nosso último encontro, muita coisa aconteceu. Não sou mais aquela mulher ingênua e medrosa. Hoje sou muito mais vivida e confiante.

— Ai está à questão, minha bela Cecília. Nunca te vi como uma mulher ingênua e muito menos medrosa. Os seus olhos me mostraram a sua essência, uma mulher linda, sexy e forte. Por questão do destino ou convivência não tinha voz ativa, não tinha as rédeas da própria vida, vivia a mercê do que os outros achavam certo, mesmo dentro de você havendo um conflito de valores. Hoje você não vive mais se preocupando com que as pessoas vão pensar. Você desabrochou, demorou a se auto descobrir. Mas hoje posso dizer que você se abriu para a vida.

Paro de dançar e o olho intrigada. Como ele pode dizer essas coisas? Não me conhece, nunca conviveu comigo, mas me descreveu como me sentia

há dois anos e como me sinto hoje.

Abri-me para a vida, me descobri forte e capaz de fazer aquilo que quero e tenho vontade.

— Cecília! — Uma voz me chama, viro e vejo que é uma das promoters da festa.

— Pois não? — indago.

— Desculpe te incomodar, mas surgiu um imprevisto e preciso que me acompanhe — diz receosa. Deixei claro que não aceito imprevisto ou trabalho mau feito.

— Converse com a Maria — digo olhando para ela. — Ela irá resolver. Sempre tem carta branca para tomar qualquer decisão sem a necessidade da minha presença.

— Já comuniquei a senhorita Maria e ela disse para que eu te chamasse. Que somente a senhorita poderia resolver o imprevisto em questão.

Olho para Eros, ele mantém aquele sorriso ridiculamente sexy no rosto. Não quero deixá-lo sem saber se vou voltar a encontrá-lo. Puta merda, o que aconteceu para Maria ter que me chamar?

— Eu sei onde te encontrar Cecília, não se preocupe. Eu vou ao seu encontro — deposita um beijo em meu rosto.

— Ok! Preciso ir, não acabamos por aqui. — Viro-me e acompanho a promoter.

Caminhamos lado a lado, olho para o salão e vejo que a festa está acontecendo sem nenhum problema.

— O que aconteceu? — pergunto.

— No seu escritório — parece estar assustada.

Seguimos para o meu escritório e tem várias seguranças do lado de fora.

— O problema está dentro da sua sala — avisa.

Abro a porta e tem vários seguranças do lado de dentro também. Corro os meus olhos e vejo o problema com as mãos presas para trás sentado em uma cadeira.

— O que esse traste aprontou? — indago revirando os olhos.

— Depois que deu ordens para colocá-lo para fora do hotel, os seguranças ficaram de olho nele pelas câmeras de segurança — Maria explica. — Então o viram entrando no estacionamento do hotel com uma bolsa suspeita. Uma equipe foi enviada para o local, foi feito a vistoria e a bolsa estava cheia de explosivos.

— Como? Ele ia tentar explodir o meu hotel? — pergunto indignada. — Com várias pessoas aqui dentro? Crianças, mães, pais de família. Você é doente, ia ser um desastre seu louco.

— Queria explodir esse hotel com você dentro, sua puta. Você roubou tudo o que eu tinha, eu não vou deixar você sair na vantagem. Isso tudo me pertence — Humberto cospe as palavras.

— SEU DOENTE! — grito. — VOCÊ IA MATAR VÁRIAS PESSOAS INOCENTE.

— Pelo menos você estaria morta.

— Cala essa sua maldita boca, Humberto — ameaço.

— A equipe de segurança o trouxe para a sua sala e a mala com explosivos está na minha sala aos cuidados de outra equipe. Eles agiram da forma mais discreta possível. Comunicaram-me sobre o ocorrido e achei melhor te chamar Cecília. É muito grave isso, poderia ter acontecido uma catástrofe — Maria explica me olhando.

— Chame a polícia, Humberto vai pagar pelo crime que cometeu. Maria ligue para os nossos advogados, quero esse traste na cadeia. Vou cuidar para que ele apodreça lá.

— Você vai me pagar — Humberto ameaça.

Aproximo-me dele e dou um tapa em sua cara. Fico próxima ao seu rosto e aviso:

— Você já foi longe demais, várias pessoas poderiam ter morrido. Você está louco, seu doente.

— PUTA! — grita.

— Puta com muito orgulho. Melhor ser puta do que ser casada com você, um homem sem escrúpulos e aprendiz de terrorista. Você é patético, não sei como demorei tanto tempo para descobrir que você era um nada.

— Sou macho, você que é frígida.

— Não me faça rir — gargalho na sua cara. — Não sabe ser homem, não sabe tratar uma mulher, não sabe nem foder. Durante dez anos de casada com você não foi capaz de me fazer gozar. Ainda tenho que ouvir você pagar de machão, você é um merda. Os meus advogados vão cuidar para fazer você pagar pelo seu crime.

— Vou matar você sua putinha frígida — Humberto cospe as palavras.

— Tenta a sorte — ínsito.

— Venha Cecília — Maria me chama. — Deixe-o aí, daqui a pouco a polícia chega.

Acompanho Maria até a suíte que deixei reservada, Marta está a nossa espera, assustada.

Maria cuidou de tudo para que a notícia da tentativa de atentado não chegasse aos ouvidos da imprensa e nem na festa. Os policiais agiram da forma mais discreta possível. Humberto foi preso e está sendo acusado pelos crimes de ameaça, invasão de propriedade privada, tentativa de homicídio, entre outros. Crimes suficientes para ficar um bom tempo preso.

Estou exausta, muita emoção em uma única noite. “Problema”

Humberto de início está resolvido.

Tomo um banho e decido dormir no hotel essa noite. Deito na cama e meus pensamentos vão para o cara de olhos penetrantes que tem o poder de fazer a minha pele queimar.

Eros... Preciso ter mais uma vez com você, apenas isso. Mais uma única vez e depois você será pagina virada na minha vida, assim como os outros...



CAPÍTULO 19 — CECÍLIA

Um mês se passou desde que reencontrei Eros na festa de comemoração, me senti atraída por ele isso não nego. Desejo estar com ele novamente, não sei explicar o motivo ao certo, mas o quero como nunca quis nenhum outro homem. Tudo o que senti nos dois primeiros encontros, senti novamente quando aceitei a sua mão naquela noite. Aquela corrente que senti na primeira vez estava presente, ainda mais intensa. A cada palavra, a cada toque, o queria por inteiro. Queria me perder em seu corpo, me perder na minha luxúria e desejo e depois me encontrar enquanto olhava em seus olhos.

Tenho um conflito entre a minha mente, o meu coração e o meu corpo. A minha mente diz para eu ter raiva, ódio, nunca mais querer vê-lo. Mas o meu coração e o meu corpo dizem o contrário.

Eros se foi enquanto eu o pedi para ficar. Mas não consigo ter nenhum sentimento de raiva, por mais que eu tente negar, desejo estar com ele. O meu corpo o deseja e o meu coração acelera só em pensar nele.

Eros simplesmente sumiu durante dois longos anos, não sou mais a mesma, muita coisa mudou. Não pense que nesse período não o procurei, pois sempre o fiz. Até mesmo quando perdi as esperanças de um dia

reencontrá-lo. O procurei pelo clube, mas nunca o encontrei. Todas as vezes que transava com algum homem no clube, dava o meu melhor, buscava o meu prazer e imaginava Eros me vendo gozar. Essa era sempre a minha fantasia.

Fiz o que ele me disse para fazer: me descobri como mulher, sem amarras. Deixei o meu desejo e luxúria falarem por mim quando estava no clube. Ruby se tornou uma mulher desejada naquele mundo, mas nenhum homem me fez sentir igual Eros fez. Também nenhum homem teve ou tem a autorização para beijar a minha boca. Apenas ele.

Provei para mim mesma que eu poderia ser muito mais que um simples e manipulável bibelô nas mãos das pessoas. Provei e me aventurei nesse mundo de desejo e luxúria. Eros foi a minha libertação. A partir dele, me joguei sem medo de errar, sem medo de ser criticada.

Desfiz-me de todos os estereótipos negativos de boa esposa e dos estereótipos negativos do que a mulher poderia sentir ou fazer na hora do sexo. A mulher pode fazer tudo que tenha vontade, desde que seja de comum acordo. Pode fantasiar, se sentir desejada, se sentir a *fodona*, pois a mulher é tudo aquilo o que ela deseja. Mulher pode sim sentir prazer, pode gozar, ditar o ritmo. Não fomos feitas apenas para satisfazer o homem e lhe dar filhos. Mulher não é para decoração e muito menos objeto para ser usada para satisfazer o “*parceiro*”.

Transar e gozar podem ser considerados uma das sete maravilhas do mundo, até hoje não consigo acreditar que demorei tantos anos para aprender a me tocar, que demorei tantos anos para chegar a um orgasmo. Tive orgasmos em todas as minhas transas depois de Eros. Os meus primeiros orgasmos pertencem exclusivamente a ele, mas tenho ciência que nenhum outro foi tão intenso quanto os que Eros me proporcionou.

Durante esse mês que passou não fui ao clube, ainda não quero

reencontrar Eros e sei que assim que passar pelas portas do clube irei vê-lo. Preciso estar psicologicamente preparada para quando isso acontecer.

Será apenas uma única vez, depois mesmo sendo atraída por ele não vou me deixar envolver. Dessa vez será diferente. Pelo menos tento acreditar nisso. Repito várias vezes para o meu corpo concordar e fazer o que a minha mente planeja.

— Cecília!

— Oi! — Levanto a minha cabeça e vejo que é Maria me chamando.

— Bati em sua porta, como não respondeu entrei. — Caminha até a minha mesa e se senta.

— Nem ouvi você me chamar. — Encosto as minhas costas na cadeira.

— Ainda pensando no incidente com Humberto?

— Me recuso a pensar naquele traste. Não consigo entender como ele teve a capacidade de planejar explodir esse hotel.

— Ele perdeu tudo e é capaz de tudo para se vingar da pessoa que ele acredita que o fez cair na ruína.

— Ridículo, os hotéis que fiquei não eram nem a metade da sua fortuna. Humberto foi um péssimo administrador, esqueceu que dinheiro não se dá em árvore. Depois da separação, as festas bancadas por ele eram frequentes, dinheiro mau empregado o fez cair na ruína. Não eu.

— Ele viu você crescendo, multiplicando a sua fortuna enquanto ele perdia tudo. Ficou louco.

— Agora vai fazer loucuras bem longe de mim, que morra na cadeia. Quero que ele se foda.

— Um médico psiquiatra está acompanhando o caso dele. Tudo indica que Humberto é um perigo para viver na sociedade e até para si mesmo. O homem surtou de tal maneira que vai ficar preso em uma clínica

psiquiátrica.

— Que se foda. Não sei como fui capaz de ser casada com ele durante tanto tempo? Fui muito cega. Vamos mudar de assunto? Esse me estressa.

— Vamos, que tal irmos ao clube hoje?

— Não sei — solto o ar dos pulmões.

— É impressão minha ou está fugindo do clube? — indaga curiosa.

— Estou dando um tempo. Colocando a minha cabeça no lugar, resolvendo umas questões da rede.

— Por que mente para mim?

— Não estou mentindo.

— Então mente para si mesma.

Maria me conhece, talvez me conheça melhor que eu mesma. A quem estou querendo enganar?

— Está certa, minto para mim mesma que não estou evitando voltar ao clube.

— O motivo dessa fuga tem nome?

— Eros — respondo fitando os seus olhos.

— Você o reencontrou no dia da festa, dançaram juntos. Pensei que tinham conversado.

— Conversamos, mas...

— Mas...

— Não sei Maria — confesso desanimada, eufórica e confusa. — O cara me chama, parece um imã. O seu toque queima a minha pele, não sei como agir, o que falar. Ele derruba todas as minhas barreiras, me desabilita.

— Se você o deseja tanto, vá atrás dele.

— Ele não quis ficar no passado. Não serei eu a correr atrás dele feito uma desesperada.

— Pelo que você disse, ele foi homem suficiente para deixar você ir e

se descobrir por conta própria, mesmo o querendo para ele.

— Ele se foi...

— Eros voltou. Agora a decisão de querer ele ou não é sua. O que ele te disse?

— Resumidamente, que deu o espaço que eu precisava, mas que agora está de volta.

— Você precisava desse espaço Cecília. Estava recomeçando, era tudo novo, você poderia querê-lo naquele momento, mas quem ia garantir se era aquilo mesmo o que queria? Quem iria garantir que depois de um tempo não ia se tocar que não era o que desejava e acabar indo embora e o deixando para trás?

— Quem garantiu para ele que hoje eu ia querê-lo de volta?

— Nada garante. A vida é feita de incertezas, nunca sabemos o que pode acontecer. Mas hoje você pode tomar uma decisão por conta própria, tem a autonomia de decidir os seus passos.

— Concordo! Estava perdida e com medo.

— Hoje, qual for à decisão que você tome, precisa ser com a certeza que decidiu por conta própria. Pode conversar comigo ou com Marta, mas a palavra final sempre será a sua.

— Não sou uma mulher desesperada? — questiono receosa.

— Não você não é.

— Bom. — Olho no relógio, pego a minha bolsa e me levanto. — Vou ao clube hoje. Quer me acompanhar?

— Claro, não perderia isso por nada — Maria diz sorrindo.



CAPÍTULO 20— CECÍLIA

Chego em casa antes do horário. Vou para meu quarto tomar um banho e me preparar para essa noite. Afinal não é uma noite qualquer, que saio de casa, vou ao clube e escolho um homem aleatório para me satisfazer.

Hoje vou sair de casa com o homem que vai me satisfazer em mente e não volto enquanto não conseguir o que quero; o que eu desejo. Essa é a minha meta da noite.

O que vai acontecer depois de conseguir transar com Eros e o que vou fazer, pouco me importa. Depois vejo o que acontece.

Vou aproveitar cada momento, me satisfazer de todas as formas possíveis, é isso o que quero. E se eu quero é o que vou fazer.

Vestido preto longo estilo tomara que caia, com uma fenda lateral é a roupa que escolho essa noite. Salto alto, maquiagem marcada e o toque final: o meu colar de ruby.

— Como sempre deslumbrante — Marta elogia, sentada na minha cama me observando.

Já virou um ritual, sempre quando me arrumo Marta fica sentada me observando. Ela me ajuda a escolher o vestido e conversamos assuntos

corriqueiros.

— Obrigada. — Gosto do resultado que vejo no espelho. Realmente estou linda, do jeito que eu queria.

Pego a minha carteira de mão, caminho até a porta e Marta me acompanha.

— Não me espere chegar Marta, vou demorar.

— Divirta-se menina Cecília.

— Pode ter certeza que sim — a abraço.

— Está tensa. Vai encontrar alguém em especial hoje?

— Não. — Olho para ela confusa.

— Tem certeza?

— Por quê?

— Por nada. Apenas curiosidade, tinha esperança que fosse aquele rapaz do baile que te tirou para dançar.

— Quem sabe não encontre com ele essa noite — dou uma piscada.

Eros é a única pessoa do sexo masculino que realmente desejo encontrar essa noite. Espero que hoje ele também vá ao clube, se não o encontrar hoje darei um jeito de encontra-lo amanhã. Não vou descansar até conseguir o que eu quero.

Despeço-me de Marta, pego o meu carro e dirijo pelas ruas de Prudente. Estaciono em frente à portaria do “Enigma Club”. Pego a minha máscara no porta luvas do carro e a encaixo em meu rosto.

A partir de agora eu sou Ruby.

Desço do carro com a minha cabeça erguida e confiante. Entrego a minha chave para o manobrista e caminho para a entrada. O estalar dos meus saltos me fazem abrir um sorriso. Amo fazer parte desse mundo.

Assim que coloco os meus pés dentro do clube sinto a minha pele queimar. Ele está aqui em algum canto. Corro o meu olhar pelo salão e

facilmente o encontro, ele não vive mais nas sobras. A única pessoa que tem a capacidade de fazer a minha pele queimar: Eros.

Caminho até a minha mesa de sempre, Enrico chega com a minha bebida sem ao menos ter a necessidade de pedir.

— Posso fazer companhia?

Olho para o lado e vejo um belo homem com cabelos loiros, corpo esguio. Daria uma ótima distração para essa noite.

— Não! — recuso sua proposta — Hoje quero apenas beber.

— Tudo bem — concorda e sai desanimado.

Os meus olhos fixam-se em Eros, mesmo com a máscara o reconheço. Ele me encara, levanta a sua bebida como forma de cumprimento e eu faço o mesmo. O jogo de gato e rato acabou.

— Então você veio mesmo — Escarlata diz sentando junto comigo na mesa.

— Por que não viria?

— Por estar fugindo a cerca de um mês?

— Estava apenas pensando. — Pisco para ela. — Fugir não é do meu feitio.

— As duas mulheres mais lindas da casa — Enrico fala colocando a bebida de Escarlata na sua frente.

— Enrico, que cantada mais barata — Escarlata diz revirando os olhos. — Sempre fala isso.

— Não é cantada. Tenho um carinho especial por essa mesa. Sempre tenho prazer em servir duas belezas — dá uma piscada.

— Agora sim é cantada — abro o sorriso.

— Não é cantada Ruby. Apenas aprecio as belezas de duas maravilhosas mulheres.

— Sei — Escarlata diz arqueando sua sobrancelha.

— Quando digo que aprecio a beleza. — Enrico coloca a mão na mesa como apoio, se aproxima do rosto de Escarlate e fica a centímetros de distância. — É a beleza além das roupas bonitas, das joias e da maquiagem. É a beleza que ela trás na alma, que muitas vezes é ocultada por uma bela roupa. — Se afasta de Escarlate. — Viu? Agora foi uma cantada. — Olha para mim, me dá uma piscada e volta para o bar.

— Minha nossa, o clima esquentou — acabo rindo com a cena que acabo de presenciar.

— É! O cara parece que tem pegada.

— Gostou?

— Claro! Olha — aponta sua bebida para o bar. — Homem, branco, alto, músculos bem distribuídos, boca carnuda, barba bem feita, cara de safado e um bom volume no meio das pernas. Resumindo, uma boa distração — diz dando de ombros.

— Uma bela distração. Por que não tenta a sorte?

— Não rola — diz desanimada. — E você? Já achou quem veio procurar hoje?

— Não vim procurar ninguém.

— Ruby — diz o meu nome como uma advertência.

— Vim me divertir. Talvez, certo alguém faça parte dessa diversão — digo dando de ombros.

— Já achou esse certo alguém? — indaga curiosa.

— Assim que coloquei os meus pés no clube.

— Onde está?

— Bem atrás de você. Olhando descaradamente para cá.

— O que anseia fazer?

— O que sempre faço no clube, me divertir — respondo com um sorriso.

— Com o Eros?

— Essa é minha intenção. Ele realmente saiu das sombras, vai ser a minha distração da noite.

— Vai deixa-lo tomar atitude?

— Não. Daqui a pouco eu o abordo ou o faço vir até mim.

— Como?

— O que aconteceu Escarlata, está tão monossilábica essa noite.

— Apenas quero saber o que pretende fazer para trazê-lo até você. Aqui dentro o conheço como Diogo, frequentador há anos da casa. Uma lenda.

— Ainda não sou uma lenda. Mas estou a caminho.

— Você sabe a fama que temos. Você é reconhecida e desejada por todos. Apenas quero ver o que vai acontecer quando vocês dois pararem de jogar de gato e rato e se entregarem ao desejo e a luxúria. Vai ser épico.

— Vamos ver o que acontece. — Dou de ombros. — Essa noite não saio daqui sem conseguir o que vim buscar.

— Diogo?

— Para mim Eros.

— Bom, queria ver o que vai acontecer, mas as minhas companhias para essa noite acabaram de entrar no labirinto — diz colocando o seu copo na mesa.

— Companhias?

— Casal Fox. — Se levanta. — Boa sorte com o seu divertimento, espero que tenha pelo menos um orgasmo.

— Não se preocupe. Irei ter não apenas um, mas vários.

Escarlata sai rumo ao labirinto para o seu divertimento da noite. Enquanto eu encaro o meu.

Esse joguinho patético de adolescente de um encarando o outro já deu

o que tinha que dar. Não tenho paciência para isso.

Tomo o restante da minha bebida, coloco o copo em cima da mesa e caminho para a pista de dança. Vamos ver quando tempo demora até ele vir até a mim.

Dessa vez eu dito as regras.

Crazy In Love é a música que começa a tocar. Começo a mexer o meu corpo de forma lenta e sensual conforme o ritmo da música. Uso o pole dance como apoio para realizar os meus movimentos. Olho para Eros que me encara com o olhar cheio de luxúria. Fico de frente para ele com as costas apoiada no pole dance, levanto as minhas mãos, seguro o mastro e mecho o meu corpo.

Usando o pole como apoio, começo a descer até o chão de forma lenta e sensual, com os meus olhos cravados nos dele. Vou subindo lentamente, quando estou em pé me afasto do mastro. Não o encaro mais, danço sozinha, de costas para Eros, colocando na dança todo o meu desejo. Apenas fecho os olhos e danço.

Sinto duas mãos firmes me puxarem pela cintura, colando o meu corpo no dele. Não preciso abrir os olhos para saber quem é.

Ele cheira a curva do meu pescoço e o meu corpo corresponde de forma imediata, ansiando por cada toque. Uma das minhas mãos segura a sua e a outra coloco em seu pescoço, dando a ele acesso a curva do meu pescoço. Eros distribui leves beijos e mordidas. Nossos corpos se fundem como se fossem apenas um, as suas mãos percorrem o meu corpo e nos movimentamos conforme a música. A sua ereção, que roça a minha bunda, não passa despercebida. Cada toque, cada movimento faz o meu corpo queimar e o meu desejo aumentar. O quero essa noite e não sairei daqui sem ter o que vim buscar.

Eros vira-me para si e me puxa novamente, nos fundindo um no

outro, como se fôssemos um quebra cabeça, nos encaixando perfeitamente. Encara-me com o olhar de luxúria e desejo. As minhas mãos percorrem o seu corpo, enquanto remexo o meu. Viro-me novamente de costas para ele, as minhas mãos estão em seu pescoço, e vou descendo, rebolando, até ficar aos seus pés. Lentamente subo rebolando, roçando a minha bunda em sua ereção. As suas mãos me seguram com firmeza e percorrem as minhas curvas. Sinto quando os seus braços meu rodam e estou de frente para ele novamente. Arqueio o meu pescoço, o convidado para beijar e é isso o que ele faz. Um sorriso surge em meu rosto.

Ele é meu.

A música se encerra, os nossos rostos ficam a centímetros de distância e o calor aumenta ainda mais.

— Quero você — diz com aquela voz rouca que faz qualquer calcinha ficar encharcada.

— Não!

— Não? — Olha-me desconfiando.

— Eu quero você.



CAPÍTULO 21 — CECÍLIA

Quero sentir o calor do seu corpo, o gosto da sua pele em minha boca, foi por isso que vim essa noite ao Clube. Pouco me importa se estou fazendo certo ou errado. Apenas o quero e nada mais.

— Estamos em comum acordo — puxa a minha mão, juntos caminhamos para o labirinto.

— Sim, estamos em comum acordo. Eu o quero; você me quer, então é o que teremos.

Sinto quando Eros coloca a mão na minha cintura me conduzindo para dentro do labirinto. Palavras não são ditas, elas não são mais necessárias, agora quem vai conversar são os nossos corpos.

Eros abre a porta do Aquário, entro e escuto a porta se fechando atrás de mim. Vou até o aparelho de som e escolho uma música aleatória.

Sinto quando ele coloca as mãos em meus ombros e beija o meu ombro descoberto. Fecho os meus olhos para sentir essa sensação. Apenas um beijo, que tem a capacidade de me acender ainda mais. As suas mãos vão até o zíper do meu vestido, descendo até que ele caia no chão. Viro-me para ele, agora apenas de calcinha, máscara e salto.

Coloco a mão em seu peito ainda coberto e o empurro até sentar-se na cama. O monto e começo a abrir a sua camisa, a cada botão aberto um beijo, uma chupada ou uma mordida. Retiro a sua camisa, passo a mãos em seus ombros e o faço deitar para que fique em cima do seu corpo. Beijo o seu pescoço e vou descendo até chegar ao zíper da sua calça. Sem cerimônia o abro e com a sua ajuda retiro a sua calça e depois a sua cueca Box preta. Sua ereção salta para fora viva, perfeita e grossa. A cabeça rosada, cheia de veias pulsantes convidando a minha boca para provar o seu sabor. Os meus olhos brilham em satisfação, preciso prová-lo. Levo a minha mão em volta da sua ereção rígida como rocha.

— Hum... — um gemido escapa da sua boca e um sorriso surge na minha.

A minha boca cobre a cabeça do seu pau, o chupo e dou leve mordidas, até enfim abocanhá-lo, engolindo o quanto a minha boca é capaz. O chupo como se fosse um delicioso doce, a minha boca cobre sua ereção e minha mão desliza facilmente para cima e para baixo, chupando e o masturbando. Minha língua circula pela cabeça do seu pau e sinto sua respiração irregular, ofegante. Dando-me mais prazer em continuar a chupá-lo.

O seu gosto é delicioso, pele macia, succulenta, sugo com vontade. Poderia passar horas fazendo isso ou até mesmo gozar apenas o sugando.

As suas mãos vão ao meu cabelo, o puxando em um rabo de cavalo, então ele levanta o quadril e fode a minha boca enquanto eu “trabalho” em seu pau.

— Se continuar... Vou gozar — geme.

É isso o que eu quero, o quero gozando na minha boca.

Continuo a estimulá-lo com as minhas mãos e a chupá-lo com a minha boca, o levando até o fundo da minha garganta. Até que o sinto gozar.

Chupo cada gota da sua porra, não tenho costume de fazer boquetes e muito menos chupar a porra dos meus companheiros, mas Eros me faz quebrar as minhas regras. Ele é diferente dos outros.

Depois de limpar cada gota da sua ereção, pego a camisinha e jogo para ele vestir. Sinto-me poderosa por estar no comando.

Posiciono o seu pau na minha entrada e sou surpreendida. Eros me joga de lado, monta em mim e segura as minhas mãos em cima da minha cabeça.

— Agora é a minha vez. — Beija o meu pescoço e quando vai beijar a minha boca viro o rosto.

— Não! — nego.

O seu olhar encontra o meu.

— Por que não posso te beijar?

— Minha regra, não beijo.

— Regras foram feitas para ser quebradas. Você também não faz sexo oral e hoje me fez um belo boquete.

Uma dúvida surge, como ele sabe dessa regra? Não o respondo, pois o que disse é verdade, essa foi uma das regras que criei para não ter nenhum contato além do sexual. Nunca quis me envolver sentimentalmente com nenhuma outra pessoa.

Eros não continua a questionar a minha decisão. Volta a beijar a curva do meu pescoço e vai descendo, chupa o bico dos meus seios até ficarem rígidos, depois desce beijando a minha barriga. Ele beija a minha virilha e as suas mãos percorrem o meu corpo, até chegarem à minha intimidade, retirando a minha calcinha. Um dedo me invade e logo a sua boca me chupa. Fecho os olhos para me entregar a sensação de estar completamente a mercê do meu desejo e luxúria. Eros continua a me chupar enquanto os seus dedos fazem movimentos circulares em meu clitóris. Não demora e acabo gozando

deliciosamente em sua mão.

Se esse homem é capaz de me fazer gozar em poucos minutos usando a língua e a mão, imagine com o seu pau. Só de pensar em ser preenchida por Eros já estou encharcada, ansiando por esse momento. O orgasmo proporcionado por ele é muito melhor do que eu me lembrava.

Eros continua a beijar o meu corpo, agora subindo. Quando chega ao meu queixo apoia os cotovelos na cama e fica a centímetros do meu rosto.

— Me deixa sentir novamente o gosto da sua boca? — pede.

— Eros... — sussurro.

— Esperei dois malditos anos para tê-la em meus braços novamente. Sei que o que sinto é recíproco com você. Se entregue a mim.

As suas palavras me faz baixar a guarda, encosto a minha boca na sua. Um beijo calmo, doce e saudoso. O seu corpo cobre o meu, os meus lábios se prendem nos dele e minhas mãos correm pelas suas costas. Fico sem rumo, sem direção, cega para tudo o que não seja Eros e eu.

Os nossos corpos se fundem como se fossem apenas um, uma sincronia perfeita de uma dança sensual. Suas mãos percorrem o meu corpo, provocando sensações inimagináveis. Perco-me e me encontro em seu olhar.

Não sei quanto tempo ficamos nessa dança sensual. Eros não precisa pedir-me para gozar. Em uma sincronia perfeita gozamos juntos, nos libertando. Ele então vai diminuindo o ritmo, até parar. Sai de dentro de mim e se deita ao meu lado, me puxando para um abraço.

A minha cabeça está em seu peito e escuto o seu coração acelerado, como se estivesse acabado de correr uma maratona. Ficamos em silêncio, apenas ouvindo o som das nossas respirações ofegantes.

— Minha Cecília — sussurra me abraçando e beijando a minha cabeça. — Não pode imaginar o quanto sonhei com esse momento. Ter você em meus braços foi o que desejei durante todo esse tempo.

— Por quê?

— O quê?

— Por que se foi quando pedi para ficar?

— Você ainda não estava preparada. Seu eu ficasse seria como cortar as suas asas e não deixar você voar. Eu nunca fui embora, sempre fui seu.

— Não entendo — viro-me para olhar em seus olhos.

— Posso ajudar a entender.

— Por que não consigo odiar você? Por que não consigo ser fria? Por que não consigo sucumbir o desejo de querer estar com você?

— Se isso serve como consolo, eu também me sinto assim. Desde o dia que coloquei os olhos em você aqui no clube, tive a certeza que estava perdido, e que só iria me encontrar em seus braços. Pode achar loucura ou até mesmo precipitado, mas eu sou seu Cecília. Durante todo esse tempo sempre fui apenas seu.

— É insano.

— Eu sei! Quero você não apenas por uma noite. A quero para uma vida toda.

Não o respondo, levanto dos seus braços atordoada com as suas palavras, pego a minha roupa do chão e vou para o banheiro. Me limpo e visto a minha roupa.

Tudo isso é uma loucura, preciso pensar com calma. Aqui no clube não se encontra príncipe encantado, eles nem existem. Aqui se encontra sexo casual.

Saio do banheiro e o encontro abotoando a sua camisa. Sento na cama para colocar o meu salto.

— Pronta? — pergunta me estendendo a mão.

— Estou. — Decido aceitar a sua mão estendida.

Levanto-me e Eros deposita um beijo em meus lábios, depois se põe

ao meu lado e coloca a mão na curva de minha cintura. Quando saímos do Aquário uma plateia nos observa.

—Tensa? — indaga, apontando para as pessoas.

— Nem um pouco — respondo confiante e sorridente.

Transar e saber que estou sendo observada é um dos meus fetiches favoritos.

Saímos do labirinto direto para o bar. Sentamos e Enrico traz as nossas bebidas.

— Janta comigo amanhã? — pede.

— Eros...

— Temos muito que conversar. Sei que tem perguntas a fazer, quero te encontrar fora do Clube.

— Você me desestabiliza.

— Se sente melhor, saiba que tudo em relação a você me deixa sem estabilidade nenhuma.

— Me liga amanhã que te dou a resposta. Preciso de um tempo para digerir tudo o que está acontecendo. É tudo muito rápido, não quero me perder ou tomar alguma decisão precipitada.

— Se você se perder não se preocupe, eu te acho. Não pense muito, está claro que o que tem entre nós não é apenas uma atração sexual. Aquilo que fizemos no Aquário não é sexo casual.

— É diferente.

— Nunca fizemos sexo casual. — Segura a minha mão. — Apenas com você fiz amor.

— Amor...

— Amor é o que fizemos. Por isso a intensidade, a ligação, o encaixe perfeito. Darei o espaço que precisa para pensar — diz se levantando. — Tire as suas próprias conclusões. Para quem te esperou durante dois intermináveis

anos, o que é esperar por mais algumas horas ou dias? — Vem até mim e deposita um beijo em meus lábios. — Não se esqueça, eu sou seu, apenas seu. — Se vira e vai embora.

Respiro fundo atordoada com as suas palavras, também me levanto e vou embora. Não espero por Maria.

Estou satisfeita com a noite de hoje, o meu objetivo foi alçando. Amanhã é outro dia...



CAPÍTULO 22 — CECÍLIA

Se fechar os meus olhos ainda consigo sentir o seu toque na minha pele. Saio do banheiro, visto uma camisola leve e deito na minha cama. Repasso toda a noite na minha mente. Foi muito melhor do que eu imaginava, Eros é igual ao seu nome. Um verdadeiro Deus Grego. Seja na cama ou fora dela.

Acabo pegando no sono e sonho com um belo homem de olhos negros penetrantes com um sorriso que me faz desmanchar, mãos firmes que são capazes de me levar ao céu.

Acordo cedo, ainda sorrindo. Levanto da cama animada para mais um dia. Arrumo-me e vou para a cozinha tomar o meu delicioso café.

— Bom dia Martinha linda do meu coração! — lhe dou um beijo e um abraço.

— Bom dia menina Cecília.

Sento-me para tomar café e olho para Marta que me observa de forma descarada e risonha.

— O que foi? — pergunto colocando uma fatia de torrada na boca.

— Está diferente.

— São os seus olhos — digo rindo. — Estou como todos os dias. A única diferença é que a fome hoje está enorme.

— Aconteceu alguma coisa ontem? Encontrou algum príncipe?

— Não e não.

— Está com um brilho diferente no olhar.

— Sempre tive esse brilho. — Rio. — Só acordei mais animada hoje, nada de importante aconteceu.

— Pode negar, mas depois eu descubro o motivo desse brilho. — Se levanta. — Vou acabar de me arrumar para irmos para o hotel — diz saindo da cozinha.

Talvez Marta esteja certa. Hoje estou mais leve, mais animada e isso se deve a dois orgasmos seguidos. Orgasmos tem esse poder nas pessoas, deixando-as leves, relaxadas e felizes. E junto com uma boa noite de sono ficamos maravilhosamente bem. É; Marta está certa, estou feliz, animada e radiante. Fruto de uma boa transa. Faz tempo que não me sentia tão leve.

Acabo de tomar o meu café, ajeito umas coisas em casa e Marta e eu partimos para mais um dia de trabalho.

Hoje as horas passaram voando, não deu tempo de pensar e raciocinar sobre os acontecimentos da noite passada. Maria passou na minha sala correndo, não deu tempo para conversarmos muita coisa, só o básico. Eros disse que me ligaria para marcar o jantar, mas não passei o meu número, logo ele não vai ligar. Talvez eu tenha sido apenas uma distração para ele. Sexo casual.

Não quero pensar sobre isso agora. Muitos sentimentos juntos e misturados, um misto de emoções.

Volto a me concentrar no trabalho, falta pouco para encerrar o meu expediente e ir para casa. Sou interrompida por Jéssica, a minha secretária.

— Cecília, o senhor Muniz deseja vê-la.

Olho no relógio e vejo que é quase 18h00. Nem morta vou aceitar me reunir com ele sem hora marcada.

— Ele tem hora marcada?

— Não Cecília.

— Diz que não posso atendê-lo.

— Desculpa, mas ele insistiu. Como faz parte do escritório de advocacia do hotel e recentemente aconteceu aquele problema com o Humberto, talvez tenha alguma notícia importante.

— Não tinha pesando nisso. Normalmente são os Fox a tratar comigo. Esse tal de Muniz nunca me procurou, nem sei como é.

— Um gato, diga-se se passagem.

— Um bom motivo para recebê-lo?

— Alto, os cabelos negros, músculos definidos, é bem gostoso. Um bom motivo para recebê-lo.

— Me convenceu Jéssica.

— Vou pedir para ele entrar.

— Espere um minuto, Jéssica.

Olho no espelho e retoco o meu batom. Borrifo um perfume rapidamente e passo a mão no cabelo para acertar os fios rebeldes. Final de expediente e estou um bagaço.

— Como estou? — indago rindo, endireitando-me em minha poltrona.

— Da para enganar. — Ri. — Vou pedir para ele entrar. — Vai até a porta e a abre. — Senhor Muniz, pode entrar.

— Obrigado. — a sua voz grave chega aos meus tímpanos e o reconheço antes mesmo de ver o seu rosto.

Jéssica fecha a porta do meu escritório nos deixando sozinhos.

— Eros — digo apoiando os meus cotovelos na minha mesa enquanto o encaro.

Ele caminha até a mim, apoia as mãos na minha mesa e beija a minha boca.

— Vim buscá-la para o nosso jantar — comunica se sentando.

— Senhor Muniz?

— Eu disse que sempre estive perto de você. Eros Alxis Muniz, um dos donos da agência de advocacia que tem como cliente fiel Cecília Almeida Silva, dona da famosa rede de hotéis “Cascata”. Conhece?

— Essa Cecília que no caso sou eu.

— Para mim, minha doce Cecília ou Ruby, sou fascinado por ambas.

— Então você sempre teve notícias minhas?

— Que tal um jantar?

— Não respondeu a minha pergunta.

— Sempre estive perto, Cecília. Te reconheci quando Maria a levou para o nosso escritório, cuidei pessoalmente do seu divórcio e descobri que tudo estava no seu nome. Depois que assumiu a rede de hotéis, tudo é encaminhado para mim. Os Fox são os meus porta voz e a minha ligação com você.

— Por que não consigo dizer que estou surpresa com essa revelação?

— Talvez seja porque no seu interior sabe que sempre estive por perto, seja aqui, ou no clube. Você sempre sentiu a minha presença.

Uma batida na porta interrompe a nossa conversa.

— Entre — digo.

— Cecília, desculpa interromper novamente — diz Jéssica entrando na sala.

— Algum problema?

— Não, apenas um recado.

— Diga.

— Marta passou para dizer que você pode ir jantar com o senhor Muniz. Ela vai jantar na casa da Maria e dormir por lá, disse que você não precisa se preocupar com ela ou com a hora que vai chegar.

— Como é que é? — pergunto incrédula.

— Foi o que ela disse — diz Jéssica sem jeito.

— Tudo bem Jéssica, obrigada. Pode ir para casa. Depois vou ter uma conversa séria com a Marta — aviso olhando para Eros.

— Obrigada Cecília — Jéssica fala fechando a porta.

— Como Marta sabe desse jantar se eu não falei nada para ela e nem para Maria?

— Marta é uma senhora muito simpática e comunicativa. Sem querer esbarrei com ela no elevador, perguntou o que eu vinha fazer aqui no hotel e foi quando expliquei a ela que vim buscá-la para jantar comigo. Ela nos desejou um bom jantar.

— Sínico.

— Marta é uma senhora encantadora.

Começo a rir com a cara de pau de Eros.

— Cadê a parte que você tinha esperado por dois intermináveis anos e podia esperar por mais algumas horas ou dias?

— Você não passou o seu telefone, não tive alternativa senão vir pessoalmente saber qual era a sua decisão.

— Senhor Muniz, acredito que como meu advogado oficial, você tenha todos os meus contatos.

— É eu tenho, mas quis vir assim mesmo. Não quero esperar mais, quero você e vim te buscar. — Levanta e me estende a mão. — Vamos jantar Cecília, temos muito que conversar e resolver.

— Aceito o seu convite. — Pegou a sua mão. — Mas que fique claro que é apenas porque estou morta de fome — digo sorrindo.

Eros me puxa para um beijo.

— Irei matar todas as suas fomes essa noite.

— É tudo o que eu quero. Minha fome está bem intensa, em todos os sentidos.

Para que dizer não se é isso o que eu quero? Passei muitos anos agindo de forma “correta” e no final descobri que tudo não passou de uma bela farsa. Hoje o que me importa é o que sinto.

Sinto-me bem com Eros, me sinto completa, eufórica e feliz. Portanto irei desfrutar de tudo o que ele tem a me oferecer.



CAPÍTULO 23 — CECÍLIA

Eros segura a minha mão e descemos pelo elevador. Passamos pelo saguão da entrada de mãos dadas e vejo as pessoas nos observando. Depois do meu divórcio nunca me relacionei com nenhum homem fora do clube. Logo nunca ninguém me viu acompanhada por um homem.

Figura masculina do meu lado sempre foi sinônimo de negócio e trabalho, mas hoje é diferente. Esse Deus Grego ao meu lado tem muitos sinônimos e significados, que durante essa noite pretendo descobrir e desfrutar de todos eles.

— Você vai na frente e eu te sigo com o meu carro — aviso, parada na frente do hotel esperando o manobrista trazer o meu carro.

— Tenho uma ideia melhor. Você deixa o seu carro no hotel e vai comigo no meu.

— Eu gosto de dirigir.

Um Audi preto para à nossa frente, o manobrista desce, vem até nós e entrega a chave para Eros.

— Já que gosta de dirigir, você dirige — me entrega a chave.

— Você quer que eu dirija o seu carro?

— Qual o problema? Você gosta de dirigir, por isso não quer ir comigo no meu carro. Então você dirige e resolvemos o problema.

— Não sei o caminho, é melhor você dirigir — digo entregando a chave do seu carro. Deus me livre dirigir esse carro e bater, vai ser uma pequena fortuna o concerto. — Eu vou com você no seu carro.

— Então eu dirijo — concorda colocando a mão na minha cintura e me conduzindo até o seu carro.

Como um bom cavalheiro ele abre a porta para que eu possa entrar. Depois de acomodada, ele fecha a porta, dá a volta e coloca o carro em movimento.

— Então, quais as perguntas que deseja fazer? Sou todo seu e responderei tudo que me perguntar.

— Que tipo de música que gosta? — indago sorrindo.

— MPB, mas acabo ouvindo de tudo. Essa foi fácil — parece aliviado.

— Sua idade, profissão e família.

— Tenho trinta e oito anos, sou solteiro e nunca fui casado. Minha família é a minha mãe e três irmãos. O meu é pai falecido e sou o mais velho.

— Então assumiu os negócios da família?

— Não, isso ficou para os meus irmãos, sou advogado. Ainda na faculdade, junto com dois amigos, abri um escritório de advocacia, anos depois entrou mais um sócio. Nosso escritório cresceu rápido se tornando um dos melhores não só da cidade, mas de toda a região. Sou realizado com a minha profissão, segui rumos diferentes o meu pai era arquiteto.

— Impressionada! Um bom partido e conseguiu ficar assim tanto tempo solteiro?

— Estava procurando a pessoa certa para me tirar dessa vida de solteiro.

— Então você nunca a encontrou, continua solteiro.

— A encontrei há dois anos. Ela estava saindo de um relacionamento abusivo com um marido controlador que a prendia dentro de uma casa bonita e quando ele achasse que devia sair com ela para exibi-la para as pessoas como um troféu. Eu estava pronto para ela. — Estaciona o carro e me olha. — Mas ela ainda não estava pronta para entrar tão rapidamente em um relacionamento sério, então a deixei ir com a promessa que na hora certa eu iria voltar.

— E agora você voltou?

— Voltei, mesmo sabendo que abrindo mão dela no passado correria o risco dela nunca mais querer ver a minha cara. Achei melhor correr o risco, não poderia ser egoísta. Ela precisava desse tempo para ela. Agora estou aqui me abrindo, tentando mostrar o quanto ela é importante e especial para mim. Não foi fácil vê-la e não poder tocá-la. — Passa a mão em meu rosto e me beija. — Senti muita falta dos seus beijos. Senti saudade de você.

Fico embriagada com suas palavras, mil coisas por minha cabeça, tento controlar minhas emoções.

Eros percebe que senti o impacto de suas palavras, me oferece um sorriso e desce do carro, abre a porta e quando desço percebo que estou em um luxuoso prédio.

— Disse que iria me levar para jantar.

— E vou. O jantar vai ser no meu apartamento. Assim podemos continuar a conversa sem interrupção.

— Tudo bem.

Eros me conduz para dentro do prédio luxuoso, pegamos o elevador e ele abre a porta da sua cobertura dando passagem para que eu possa entrar. Caminho pelo seu apartamento, observando.

— Belo apartamento — elogio e coloco a minha bolsa no sofá. —

Mora sozinho?

— Sim.

— Então aqui que você traz as suas fodas casuais?

— Não! Aqui é minha casa, desde o dia que me mudei para esse apartamento tinha em mente que só traria para cá a mulher da minha vida. — Caminha até mim e para à minha frente. — Essa mulher é você Cecília, nunca nenhuma outra pisou os pés aqui.

— Tenho que confessar que estou acreditando em tudo que você me diz. Talvez tivesse que fazer charme e dizer que é precipitado, dizer para irmos com calma e todos esses clichês de relacionamento.

— Acho que todos esses clichês podem ser deixados de lado, para que complicar as coisas?

— Então deveria facilitar a sua conquista?

— Não. Acho que você deveria se render ao sentimento que tem dentro de você, seja ele positivo ou negativo em relação a nós dois. Vamos jantar?

— Claro. Poderia usar o seu banheiro antes?

— Sim, vou mostrar o meu quarto. — Me conduz pelo corredor, abre a porta, que acredito que seja do seu quarto, e me dá passagem. — Fique a vontade, estarei na sala te esperando.

O quarto de Eros é em tons de pastéis, elegante como ele. Vou até o banheiro, depois saio do quarto e vou ao seu encontro na sala.

Sou recebida com um beijo e uma taça de vinho, que aceito de bom grado. Eros me conduz até a sacada onde tem um tapete no chão com uma pequena mesa, me sento no chão com as pernas cruzadas.

Eros me serve uma bela massa e explica que não cozinha, mas que deixou avisado para a sua empregada deixar tudo pronto que hoje receberia uma visita especial. Durante o jantar a conversa entre nós flui muito bem,

parecendo que sempre fomos próximos. Um assunto emenda no outro, as horas vão passando e a comida esfriando. Acho que é o jantar mais longo e prazeroso de toda a minha vida.

— Tenho que dizer que amei o jantar — digo colocando o guardanapo na mesa e tomando mais um pouco do vinho.

— Cecília... Agora é aquela hora que digo para você fazer parte da minha vida.

— Eros, eu...

— Eu sei, é cedo. Mas não somos adolescentes, sabemos o que queremos e desejamos. Quero você, apenas você. Estou aqui me abrindo, eu só quero a oportunidade para te provar que não quero brincar ou te usar.

— Uma coisa é certa, golpe do baú você não vai me dar, afinal é mais rico que eu — digo rindo. — Desculpa, é o efeito do vinho. — Dou de ombros.

— Definitivamente não te darei o famoso golpe do baú. Como disse, tenho um escritório de sucesso, além da herança que recebi com a morte do meu pai. Os meus irmãos mais novos que cuidam do negócio da família e consequentemente da nossa fortuna.

— Brincadeiras a parte, sinto uma ligação muito grande por você. Não é de hoje, desde o primeiro dia que te vi sinto essa ligação.

— Essa ligação, essa necessidade de estar com você, também a sinto. Me segurei por dois anos, agora que tenho você novamente em meus braços não tenho mais forças para ficar longe. Preciso te tocar, te sentir. — Segura a minha mão. — Cecília, eu preciso de você.

— Você tem o poder de quebrar todas as minhas barreiras. O que sinto por você é muito forte e não vou lutar contra isso.

— Durante esse tempo que ficamos separados um do outro você fez todas as descobertas, seja no âmbito profissional, pessoal e sexual. Naquela

época desejei ser eu a apresentar tudo para você.

— Nunca é tarde para começar, tenho muito coisa ainda para descobrir e adoraria que você fosse o meu guia.

Engatinho até Eros e o monto, tomando a sua boca em um delicioso beijo. Coloco no beijo todos os sentimentos que habitam dentro de mim.

— Vou ser o seu guia, minha doce Cecília. Vou te apresentar o verdadeiro e puro prazer. Vou te apresentar o que é o amor.

As peças de roupas vão indo e os nossos corpos, agora completamente nus, se fundem em um só, se amando com a promessa de um futuro juntos.



CAPÍTULO 24 — CECÍLIA

A melhor decisão que tomei na minha vida, depois de aceitar o convite de Maria para conhecer o clube e do meu divórcio, foi me render e me entregar de corpo e alma para Eros. Nunca me senti tão feliz e realizada, ele me faz sentir-me a melhor mulher do mundo.

A noite retrasada foi maravilhosa, faz três meses que estamos juntos e para comemorar resolvemos ir para o clube. Lá bebemos, nos divertimos, fomos para o Aquário e nos amamos. Depois seguimos para o seu apartamento e no chão da varanda, que marcou o início da nossa união, nos amamos de novo.

Eros nunca perde a oportunidade de dizer que me ama e eu também sempre digo o quanto o amo e sou feliz por estar com ele. Continuamos a frequentar o clube duas vezes na semana, a única regra é: não o divido com ninguém e ele também não me divide. Convivemos muito bem com essa decisão.

Conheci a sua mãe e os seus irmãos, são pessoas cativantes assim como ele. Os irmãos são solteirões e ainda vivem com a mãe. A minha sogra

é uma senhora muito simpática, me contou como conheceu o marido e como foram felizes quando ele era vivo, disse que deseja a mesma felicidade para os filhos e quer que eles encontrem aquela mulher que os façam perder a cabeça, que aqueça o coração e a alma de ambos. Para a sua mãe eu sou essa mulher para Eros e tenho que concordar, nós dois juntos somos perfeitos. A coitada já cobrou netos, pois disse que não aguenta mais a ausência de crianças na sua vida. Sempre quando ela toca nesse assunto acabo desconversando.

Falar em filhos; acho que ainda é muito recente, mesmo sabendo que os sentimentos de Eros, assim como os meus, são verdadeiros. Hoje não me vejo com outro alguém, o meu coração lhe pertence. Sou de Eros assim com ele é meu.

Alguns dias durmo em seu apartamento, em outros dias ele dorme na minha casa, para a alegria de Marta. Ela está radiante com a presença de Eros, sempre joga alguns verdes sobre crianças correndo pela casa e ele ajuda a alimentar as esperanças de netos, dizendo que não vê a hora disso acontecer.

— Bom dia Marta — falo me sentando à mesa para tomar café.

— Bom dia menina Cecília e o Eros?

— Está no banho.

— Fiz o bolo que ele gosta.

— Marta, você é minha. — A olho desconfiada. — Você pode mimar só a mim ou eu não vou deixar Eros dormir mais aqui.

— Bom dia Marta — Eros diz entrando na cozinha. — Bolo de cenoura, o meu favorito.

— Fiz especialmente para você, Eros.

— Não acredito que estou sendo deixada de lado — reclamo rindo.

— Pare de ciúmes, menina Cecília, foi apenas um bolo.

— Sei! Só um bolinho, é assim que começa. Chegou esses dias e já quer roubar você de mim.

— Para com isso, menina Cecília. — Olha para Eros. — Vem jantar hoje aqui Eros. Vou fazer lasanha, sei que você gosta.

— Venho sim Marta. Aproveito para trazer mais umas peças de roupa. Assim posso dormir mais vezes aqui.

— Eros, não cabe mais roupas suas em meu guarda-roupa — aviso.

— Acho melhor comprarmos um maior. O que acha Marta? — Eros pergunta olhando para a sua cúmplice.

— Acho melhor mesmo, assim você se muda de vez para essa casa. Vocês não podem ficar nessa coisa de cada dia dormir em uma casa, não tem idade mais para isso.

— Marta, está querendo me fazer casar? — pergunto.

— Menina Cecília, eu preciso de netos. Não tenho mais idade para ficar esperando.

— Calma Marta, Cecília e eu estamos providenciando os netos. A minha mãe também está ansiosa para a chegada deles.

Depois de algumas risadas e conversas jogadas fora, Marta e eu partimos para o hotel enquanto Eros foi para o seu trabalho.

No hotel, tenho uma pequena reunião com Maria, mesmo com o meu envolvimento com Eros ela continua sendo a mesma pessoa, a mesma amiga, me apoiando, sendo a minha irmã de alma.

Maria disse que sempre soube que nós dois ficaríamos juntos, que o cuidado que Eros tinha, mesmo a distância, em relação a mim dizia que não era uma coisa sem importância.

Resumindo, cada dia que passa, sou mais feliz e realizada. Seja no âmbito sentimental, pessoal, profissional ou sexual.

Quando a noite chega, vou para casa. Depois de um delicioso jantar,

conversas jogadas fora e várias risadas Eros e eu vamos para o meu quarto. Lá nos entregamos a nossa paixão, nos perdemos em nossos corpos e nos encontramos no nosso amor. Quando estamos juntos, sinto um prazer jamais imaginado.

Como toda manhã, sou acordada com um beijo e novamente me perco nos toques e carícias de Eros.

Deito ao seu lado e fico o admirando. Percebo Eros pegar uma pequena caixa no criado mudo.

— Cecília, eu te amo. Digo isso a você todos os dias com a minha boca e provo com o meu corpo. Sou apenas seu e quero passar o resto da minha vida ao seu lado.

— Eu também te amo.

— Então aceita se casar comigo?

Passo a mão em seu rosto e digo:

— Eu te amo Eros, mas não aceito me casar com você.

— Não quer se casar comigo? — indaga surpreso.

— Não!



CAPÍTULO 25 — CECÍLIA

— Não? — indaga confuso.

Viro-me na cama e monto em cima dele. Ainda estamos suados, nus e ofegantes por causa do nosso sexo matinal.

— Minha resposta ao seu pedido é não. — Dou um beijo em seus lábios. — Estamos bem assim, Eros. Estamos juntos e felizes, não é um pedaço de papel que vai fazer nós pensarmos diferente.

Pega o anel e me mostra novamente.

— Está vendo a pedra. — Balanço a cabeça de forma positiva. — É de ruby, uma pedrinha que você ama.

Apoio os meus cotovelos na cama, o meu rosto fica centímetros do seu e deposito outro beijo de leve.

— A pedra é linda. Você mais que ninguém sabe o que ela significa para mim.

— A sua descoberta. — Deito a minha cabeça em seu peito. — Eu sei o que significa. Eu só quero você para mim — diz passando as mãos em meus cabelos.

— Eu sou sua, já disse que não será um papel a comprovar isso.

— Eu sou seu. — Beija a minha cabeça. — Aceita o anel então?

— O anel eu aceito — digo levantando do seu peito e apontando a minha mão para ele.

Eros pega a minha mão e beija.

— Cecília, aceita esse anel como uma das provas do meu amor. Eu sou seu, apenas seu e você é minha. — Desliza o anel em meu dedo.

— Sou sua, Eros! Sempre fui. Só estava esperando você aparecer na minha vida.

Ele me faz deitar, me puxa para um beijo intenso e acabamos nos perdendo novamente um no outro.

Depois de ambos de banho tomado, saímos do quarto e encontramos Marta na cozinha acabando de fazer o café.

— Bom dia, Marta — digo.

— Bom dia, menina Cecília.

— Bom dia, Marta. Viu o anel de noivado da Cecília? — Eros indaga se sentando à mesa

— Até que enfim você tomou coragem Eros, estava pensando como ia fazer para oficializar logo essa união de vocês dois.

Reviro os olhos e fico olhando para os dois.

— Só tem um problema, Marta. — Ele me olha. — Cecília disse não para o meu pedido.

— E agora o que vamos fazer? Cecília ama você.

— O jeito vai ser me alojar de vez aqui, até ela resolver aceitar o meu pedido.

— Eu disse para você trazer as roupas, mas quis fazer o pedido — o acusa.

— Poderia ter seguido o seu conselho, Marta. Agora é tarde, já levei um não.

— Você dois são ridículos. — Começo a rir da cara de pau de ambos.

O café da manhã corre de forma descontraída, Eros leva Marta e eu até o hotel e marcamos de almoçar juntos.

Caminho para a minha sala e Marta vai para algum canto. Hoje o dia não tem nenhuma reunião marcada, apenas alguns relatórios que preciso revisar.

— Bom dia, Jéssica.

— Bom dia, Cecília.

Paro para observar Jéssica, ela está com os olhos fundos, abatida, e cansada. Venho a observando e cada dia que passa está pior.

— Jéssica, tudo bem com você?

— Estou sim.

— Não minta. Há dias que vejo que não está bem.

— Alguns problemas. — Abaixa a cabeça envergonhada. — Essa noite não dormi bem, daqui a pouco passa.

— Jéssica, eu estou aqui para te ajudar. Se não quiser falar o que anda acontecendo não tem problema. Mas, por favor, se precisar de ajuda. Eu irei te ajudar.

— Obrigada.

— Vai pedir ajuda?

— Irei Cecília. Eu juro.

Deixo Jéssica na sua mesa e entro na minha sala. Começo a trabalhar, até que vejo Eros entrando.

— Demorei?

— Não, nem vi as horas passarem.

Eros se aproxima, me faz levantar da minha poltrona, senta e me senta em seu colo. Beija a minha boca e a curva do meu pescoço.

— Estava com saudades — diz subindo a mão em minhas pernas.

— Eu também — digo o beijando.

Somos interrompidos com a porta do escritório sendo aberta de forma brusca.

— Jéssica?

— Por favor, Cecília, me ajuda — pede chorando.

Levanto do colo de Eros e vou até ela, percebo que a sua roupa está toda suja de sangue.

— O que aconteceu?

— Salva o meu bebê — diz e acaba desmaiando em meus braços.

— Ai meu Deus! — fico apavorada. Ela está gelada e... sangrando.

— Deixa que eu a pego. — Eros se põe ao meu lado pegando Jéssica no colo. — Liga para o hospital, pede para deixarem uma equipe de prontidão na emergência.

— Ok. — Pego a minha bolsa e celular e saio atrás de Eros.

Não esperamos por manobristas, pegamos o elevador direto para o estacionamento. Eros coloca Jéssica no banco traseiro e me sento com ela. Ele dirige em alta velocidade para o hospital

— Salve ele, por favor — Jéssica fala voltando a si.

— Ela está delirando — começo a chorar sem saber o que fazer.

— Calma, Cecília, estamos chegando. Ela está grávida?

— Não sei, ela nunca disse nada — digo confusa.

Jéssica recobra a consciência mais uma vez. Ela está delirando.

— Por favor, salva ele — pede chorando.

— Jéssica, você está grávida? — pergunto segurando a sua cabeça.

— Vinte e seis semanas. Não está na hora dele nascer — diz chorando. — Ninguém sabe.

— Vou cuidar de vocês dois. Eu te juro. — Prometo e Jéssica desmaia novamente.

Eros estaciona em frente ao hospital e uma maca com uma equipe de enfermeiros e um médico está nos esperando. Ajudam a colocar Jéssica na maca e ela recobra os sentidos.

Seguro a sua mão e digo:

— Vai ficar tudo bem, estou aqui com você.

— Salve ele — diz com os olhos cheios de lágrimas.

— Ela está grávida — aviso olhando para a equipe médica.

— Quanto tempo? — a enfermeira pergunta ao meu lado, quando estamos entrando com Jéssica na maca.

— Vinte e seis semanas.

— Direto para a maternidade. Grávida, vinte e seis semanas, com possível hemorragia.

Tento acompanhar a equipe médica, mas sou impedida. Eros me abraça e o olho assustada.

— O que aconteceu? — pergunto sem saber o que está acontecendo.

— Como ela escondeu essa gravidez. Meu Deus!

— Calma, estou aqui — tenta me confortar. — Vai ficar tudo bem. — me aberta em seus braços.

Sento em uma das cadeiras abraçada com Eros. O tempo passa e a angústia aumenta, até que a porta pela qual levaram Jéssica se abre. Por ela passa um homem baixo, de meia idade, todo de branco.

— Sou o obstetra Fernando — o médico diz se aproximando. — Vocês que trouxeram a moça gestante de vinte e seis semanas?

— Sim, fomos nós. Como ela está?

— A paciente está com a pressão alta, hemorragia e pré-eclâmpsia, o seu caso é grave. Tentamos reverter, mas não tivemos resultados positivos.

— E o bebê?

— Ainda está vivo, preciso fazer uma cesariana de emergência para

tentar salvar a mãe e o bebê.

— Por que ainda não fez? Por favor, salve os dois — peço.

— Preciso de uma autorização, é uma cesariana de alto risco.

— Eu assumo a responsabilidade. Pode fazer — digo desesperada.

— Ok vou pedir que preparem a autorização enquanto preparo a sala para a cirurgia.

— Posso assistir ao parto?

— Pode, venha comigo. Você pode ajudar a acalma-la. Está muito nervosa.

— Tenta encontrar a família dela — peço a Eros e acompanho o médico.

Eles me fazem por roupa especial, máscara e touca. Entro no centro cirúrgico e vejo Jéssica acordada e chorando.

— Cecília — diz chorando.

— Calma, estou aqui. — Seguro a sua mão. — Precisa ter calma, está me ouvindo?

Balança a cabeça, passo a mão em seu rosto e limpo as suas lágrimas. Olho para os médicos e eles começam a cirurgia. A cada minuto um enfermeiro mede a sua pressão.

— Não está na hora — chora. — É muito novinho ainda.

— Ele não quis esperar Jéssica, é rapidinho. Vai dar tudo certo, daqui a pouco ele vai estar aqui com você.

Ela balança a cabeça que sim, mas continua a chorar. Jéssica aperta a minha mão e sinto que está tensa, com medo assim como eu.

— A pressão está subindo — o enfermeiro avisa.

— Calma Jéssica. — Aperto a sua mão. — Ele precisa de você, você precisa ser forte, precisa se acalmar.

— Cecília, cuida dele para mim — pede chorando.

— Você vai cuidar dele Jéssica — afirmo em meio às lágrimas. — vai vê-lo crescendo e vai amar muito.

— Cuida do meu filho, eu só confio em você. Por favor, o ame com se fosse seu.

— Dezoito por quinze e continua subindo — o enfermeiro avisa.

— Calma Jéssica — digo assustada. — Por favor, fique calma. — Beijo a sua testa. — Eu estou aqui com você.

Vejo quando o médico tira o pequeno bebê do seu ventre e entrega a equipe da UTI-neonatal. Ele não chora.

— Nasceu. Ele é lindo — digo chorando e preocupada.

— Cuida dele, por favor — suplica apertando a minha mão.

— Estamos perdendo a paciente — o médico fala. — Retire ela da sala. — Aponta para mim

— Não! — nego apertando a mão de Jéssica.

— Cuida dele. Cuida dele! Por favor — suplica.

Não sei o que fazer, e dou a única resposta que possa dar nesse momento.

— Eu cuido — digo chorando. — Vou cuidar e amá-lo como se fosse meu.

— Prometa!

— Eu prometo!



CAPÍTULO 26 — CECÍLIA

Sou tirada da sala de cirurgia pelos enfermeiros. Não posso acreditar no que está acontecendo, choro desesperadamente e acabo me sentando no chão sem me importar com que as pessoas vão achar.

Ela não pode morrer, não pode!

Sou envolvida em um abraço forte, olho para cima e encontro os olhos de Eros, o abraço e choro em seus braços. Jéssica não pode morrer, é nova, tem pouco mais de dezenove anos, uma vida inteira pela frente. Sempre foi uma ótima funcionária, começou a trabalhar no hotel tinha acabado de completar dezoito anos. Era dedicada, fazia vários cursos até que surgiu a vaga para ser a minha secretária. Não pensei duas vezes para fazer o convite, ela aceitou e desempenhava o seu trabalho com maestria, sempre dedicada.

Tinha percebido que ela estava diferente, até questionei se estava doente, mas ela negou todas às vezes. Nunca poderia imaginar que estava grávida. Um bebê.

Jéssica agora tem um filho, um bebê que precisa dela. Ele é tão pequeno, tão frágil. Ela não pode deixá-lo, precisa viver para cuidar do filho e eu vou ajudar. Vou dar todo o apoio possível, jamais irei abandonar os dois.

Faço uma prece silenciosa para que o pior não aconteça. Fico abraçada a Eros à espera de notícias, preciso saber como estão Jéssica e o bebê. É um menino, ele é lindo, pequeno e frágil, mas lindo!

— Tem notícias da minha filha?

Olho para o lado e enfim me dou conta que a família de Jéssica está presente. Uma senhora que parece ser a mãe e um homem provavelmente o pai.

— Ainda não, o seu neto nasceu. É um menino — a informo com sorriso fraco.

— Mais um para passar fome — diz com desdém. — Como engravida e esconde a gravidez dessa maneira? — reclama.

Tento não dar ouvidos as barbaridades que a mulher resmunga. Agora não é o momento para isso.

Fico em silêncio esperando notícias, enquanto a mãe de Jéssica reclama e culpa a filha por tudo.

Eles também não sabiam que ela estava grávida. Ela reclama que teria mais uma boca para alimentar, nem sequer quis saber sobre o estado de saúde da filha e do neto. Estava preocupada de onde sairia o dinheiro para pagar o hospital.

O obstetra entra na sala de espera. Levanto e vou ao seu encontro.

— Como ela está? — pergunto aflita.

— Fizemos tudo o que foi possível — diz dando uma facada em minha alma. — Sinto muito!

— Não! — Choro, isso dói. Ela não merecia.

— Ela chegou em estado crítico na emergência, no seu prontuário indicava que já tinha passado pela emergência outras vezes. Era uma gravidez de alto risco.

— O bebê? — Tenho forças para perguntar.

— Está na UTI-neonatal. Nasceu prematuro, mas só o pediatra responsável poderá te dar mais informações.

— Obrigada!

— Em algumas horas o corpo será liberado e vocês podem cuidar do enterro.

— Tudo bem.

— Preciso ir, uma enfermeira irá ajudá-los a agilizar todo o processo — Fernando diz e volta pela porta que entrou.

— Até quando morre me dá desgosto. Mais uma despesa, não tenho como arcar com os gastos do velório. — Olho para a mãe de Jéssica que diz essas barbaridades sem se importar com a morte da filha.

— Você acaba de perder a filha e tem coragem de dizer isso? — indago indignada com tanta frieza.

— Calma! — Eros tenta me acalmar.

Tenho vontade de dar na cara dessa mulher sem coração. Ela acaba de perder a filha e não tem a capacidade de derramar uma lágrima?

— Como vou enterrar ela? Você pode me dizer? Pensa que ser pobre é fácil? As coisas não caem do céu.

— Não se preocupe, eu vou arcar com todas as despesas do velório. Se preocupe apenas em estar presente e avisar os familiares — aviso tentando me manter no controle.

— Já que vai ajudar, preciso saber como faz para por essa criança para adoção. Não tenho condições de cuidar e nem pagar esse lugar.

— Eu vou pagar as despesas do hospital. E quanto à adoção eu vou adotá-lo. Jurei para Jéssica que iria cuidar do bebê e é isso que irei fazer.

— Se você quiser não tem problema, pode dizer onde assino. Estarei me livrando de um fardo. Já tenho cinco filhos menores, esse seria apenas mais um para passar fome. Sem o salário da Jéssica nem sei o que vamos

comer agora.

— Não se preocupe todos os meus funcionários tinham um seguro de vida, você receberá uma boa quantia. O suficiente para se manter durante um tempo. Agora me dê licença, preciso encontrar o pediatra e saber como o bebê está.

Saio da sala e deixo aquela senhora para trás. Não sei como consegue ser tão insensível?

Procuro o pediatra responsável e sou encaminhada para outra sala. Novamente fico esperando por notícias. Eros se afastou para fazer algumas ligações e resolver o que for necessário para a liberação do corpo.

Nesse momento preciso me preocupar com o bebê e o seu estado de saúde. Ele é prematuro, não sei como vai ser daqui em diante, mas vou cumprir o que prometi para Jéssica, irei cuidar dele.

— Não se preocupe, já providenciei o funeral da Jéssica — Eros diz se aproximando com o celular na mão. — Acionei uma junta de advogados para o processo de adoção. Expliquei a situação, até o fim da tarde trarão os papéis para entrarmos com o pedido de guarda. Amanhã já estará nas mãos do juiz e a guarda preventiva já é nossa — diz confiante.

— Obrigada — o abraço.

— Vai dar tudo certo, Cecília — diz me apertando em seu abraço, sendo forte por mim. Nunca imaginei que o meu dia seria tão cheio de emoções e de perda.

Jéssica não é da minha família, mas trabalhávamos e nos víamos diariamente e disso acabamos criando um elo. É difícil perder uma pessoa tão querida, tão nova, cheia de vida e assim tão de repente.

Fico abraçada a Eros até que o pediatra vem conversar com a gente. Avisa que o estado de saúde do bebê é delicado, mas ele está estável. Ele pesa novecentos e cinquenta gramas e tem trinta e nove centímetros. Está

respirando com ajuda de aparelhos, vai ficar na incubadora até pegar peso e conseguir respirar sozinho.

Peço para me deixarem vê-lo e a minha entrada e de Eros é permitida. Vestimos roupas e máscaras e entramos na parte da UTI.

— Ele é lindo, tão pequeno, mas é um guerreiro — não consigo controlar minhas emoções e acabo chorando.

Olho para o pequeno na incubadora, ele está cheio de fios ligados aos aparelhos. O seu pulmão é fraquinho e ele está vestido apenas com uma fraldinha que é maior que ele, o meu coração aperta. Tenho medo dele não resistir.

— Pode colocar a sua mão e segurar a mãozinha dele — a enfermeira comunica. — Converse com ele, isso ajuda. Vou deixar vocês dois sozinhos, qualquer coisa aperte esse botão, estou do lado de fora.

— Obrigada — agradeço.

Coloco a minha mão na incubadora e seguro a sua pequenina mão. Lágrimas escorrem por minha face.

— Você é um guerreiro que está lutando pela vida. O seu nome vai ser Davi. Vou cuidar de você, não vai estar sozinho, vou ficar aqui do seu lado até o dia que ganhar alta e eu poder levá-lo para a nossa casa. Lá tem um quintal enorme para você correr e brincar. Você vai ficar bem meu Davi.

— Davi da Silva Muniz, lindo nome — Eros fala ficando do meu lado.

— Muniz? — Olho para Eros e ele me dá um beijo em minha testa.

— Papai e mamãe estão preparando tudo para a sua chegada. Seja forte, meu filho — Eros coloca sua mão na incubadora e segura a mão de Davi. O olho e o veio com lágrimas nos olhos.

— Papai e mamãe? — pergunto chorosa.

— Nosso filho, Cecília.

— Nosso!

— Nossa família acaba de se formar. Não importa o que você disser, irei cuidar de vocês dois.



CAPÍTULO 27 — CECÍLIA

Naquele pequeno quarto de UTI, olhando para Davi ligado aos aparelhos sem garantias de que seu coração iria continuar batendo, a minha vida tomou um novo rumo. Nasceu uma mãe, nasceu um pai, sem nenhum preparo ou aviso prévio. Uma família acabou de nascer, o amor e o destino nos uniu, nos ligando, fazendo um elo que somente nós podemos entender.

Nesta manhã tinha negado o pedido de casamento do Eros, não preciso de um papel para provar que sou dele, assim como ele não precisa para provar que é meu. O que é necessário vai muito além disso. Companheirismo, lealdade e principalmente atitudes.

Atitude foi o que Eros teve tomando conta de tudo em relação ao funeral da Jéssica, esteve presente na hora do enterro e novamente refiz a promessa que tinha feito antes da sua morte. Vou cuidar e amar Davi como se estivesse nascido do meu ventre. Já o amo como se fosse sangue do meu sangue, é o meu filho, vou cuidar e protege-lo.

Dói em saber que o meu sonho de ser mãe veio através de uma perda, mas agora preciso me preocupar apenas com o meu Davi, o meu pequeno

guerreiro.

Os dias foram passando e algumas complicações no quadro de saúde do Davi surgiram. Chegou a pesar quinhentas gramas, mas o meu filho é um guerreiro e foi superando cada infecção hospitalar, cada parada cardíaca. Então começou a ganhar peso e cada dia era uma vitória.

O processo de adoção estava correndo relativamente bem, visto que os avós maternos não tinham nenhum interesse pela guarda da criança e autorizaram a adoção. Outro fator importante foi que eles não sabiam quem era o pai biológico do Davi. Mas existia a possibilidade do juiz não autorizar a adoção por Eros e eu não sermos casados oficialmente. Aquele pedaço de papel que não fazia questão de existir entre Eros nós se fez necessário, a falta dele era um ponto negativo no processo de adoção. Portanto os nossos advogados nos aconselharam a oficializar a nossa união. Então nos casamos no cartório na presença das nossas testemunhas. Não teve festa, o momento não era propício para isso, o nosso filho era mais importante nesse momento.

Eros se mostrou ser um marido incrível, presente, companheiro, amigo e amante. Além de ser um pai maravilhoso. Sempre do meu lado, se fazia de forte, mas em alguns momentos o via pensativo.

“Ele vai sair dessa” era o que sempre dizia para me apoiar, algumas vezes parecia que dizia mais para si mesmo.

Ser mãe de UTI não é nada fácil, a angústia e o medo são eternos companheiros. Mas a esperança e fé que meu pequeno iria sair da UTI e eu iria tê-lo em meus braços era muito maior.

Mais dias se passaram e Davi foi vencendo suas batalhas, com Eros e eu sempre ao seu lado. Depois de cinquenta e dois dias de internação, enfim o meu pequeno recebeu alta. Agora pesa dois quilos e seiscentas gramas e está com quarenta e nove centímetros. A sua pele é branca, os cabelos e olhos negros igual do seu pai. Eros.

Como temos a guarda preventiva, Davi vai direto para a nossa casa, tudo foi preparado para a sua chegada. Infelizmente ainda está na mão do juiz se ele vai nos dar a guarda definitiva ou não. Mas tenho esperança que sim, Davi já é nosso filho.

Pego o meu pequeno no colo e caminho com ele pelos corredores do hospital, Eros com a mão em meu ombro. Quando chegamos no estacionamento, Eros abre a porta do carro, coloca a pequena mala do nosso filho no banco e me ajuda a colocá-lo no bebê conforto.

Olho para o meu marido e palavras não precisam ser ditas, sabemos o que ambos sentimos nesse momento. Sair com Davi vivo desse hospital, em alguns momentos era um sonho distante, mas hoje está realizado.

Chegamos em casa e somos recebidos por Marta e Maria.

— Meu neto, como é lindo! — Marta diz emocionada pegando Davi no colo.

— Puxou o pai — Eros estufa o peito orgulhoso.

— Acho ele parecido com a Cecília — Marta fala me olhando. — Principalmente a boca e o nariz.

Reviro os olhos com o que ambos falam, Davi vai ser criado em um lar cheio de amor e carinho.

— Tenho que parabenizar os novos papai e mamãe — diz Maria se aproximando e me abraçando. — Fico feliz pelo seu filho estar em casa com saúde e principalmente com amor. Você é uma mãe maravilhosa, tenho certeza que vai continuar sendo, o protegendo e guiando os seus passos para que nenhum “*ser*” o faça mal.

— Esse é o dever dos pais, proteger os filhos — digo saindo do seu abraço e segurando a sua mão.

— Nem todos os pais desempenham esse papel. — Olho nos olhos de Maria e vejo dor, uma lágrima escorre pelo seu rosto. — Proteja ele das

maldades das pessoas Cecília. Davi é apenas uma criança, precisa ser cuidado amado e principalmente protegido.

— Eu irei — afirmo.

Maria vai embora e Marta e eu levamos Davi até o seu quarto que foi montado com todo o nosso carinho para recebê-lo. Lá no fundo eu sabia que ele iria vir para casa.

Depois do banho e mamadeira ele dorme tranquilo em seu berço.

Vou para o meu quarto juntamente com Eros. Tomamos banhos juntos, ele ensaboa o meu corpo e conforme a água cai é como se todo o medo e angústia que passamos nesses meses fossem embora.

Depois do banho nos perdemos um no corpo do outro, nos amamos com calma. Os nossos corpos conversam e fazem várias promessas e a principal é seguirmos uma vida juntos.

— Por que está pensativa? — pergunta fazendo carinho na minha cabeça enquanto estou deitada em seu peito.

— No Clube. Desde que Davi nasceu nós nunca mais fomos lá. Sente falta?

— Não.

— Não?

— Eu frequentava o clube em busca de prazer. A partir do momento que pus os meus olhos nessa mulher que está aqui comigo, ela passou a ser a única pessoa que me importa. Você não está no clube, então não sinto falta. Você sente?

— O Clube foi importante para mim. Foi lá, nos seus braços que tive a descoberta do meu prazer. Não somente sexual, mas também o prazer de viver, de tomar decisões.

— Podemos voltar ao Clube, frequentar pelo menos uma vez na semana. Lá podemos nos perder um no corpo do outro, afinal foi lá que

encontrei o meu amor.

— Obrigada — digo levantando a minha cabeça e beijando a sua boca.

Acabo dormindo em seus braços. Quando acordo, percebo que Eros ainda dorme. Levanto-me tentando não o acordá-lo, visto um roupão e saio do quarto.

Encontro Marta na sala.

— Já está de pé? Volte e deite para descansar, Davi acordou, dei uma mamadeira e já pegou no sono de novo.

— Obrigada.

— Posso saber o por que dessa cara?

— Marta, hoje estou tão feliz. É tudo o que eu sempre sonhei: uma família, uma casa, um homem que me ama, um filho e você do meu lado. Parece um sonho.

— Não é um sonho, menina Cecília. Essa é a sua família — Marta fala me abraçando. — Curta, ame e cuide dela.

— Eu vou fazer. — Saio do seu abraço. — Vou olhar o Davi, estou com saudades do meu pequeno.

Caminho para o quarto de Davi, me aproximo do berço e ele está com os dois olhos aberto.

— Oi, meu amor — digo pegando no colo.

Vou até a janela com ele no colo e o imagino maior, correndo pela grama com os irmãos, brincando com o cachorro.

Sinto quando Eros entra no quarto e beija o meu ombro.

— Tenho um presente para você, estava esperando nós três ficarmos sozinhos para te dar. — Coloca na minha frente um papel, começo a ler e é o registro de nascimento do Davi. Está registrado no nosso nome.

— Legalmente nosso filho — diz me beijando.

— Nosso! — digo com lágrimas nos olhos.

Eros nos abraça.

— Hoje você é minha vida, a minha alegria e Davi é o nosso maior presente. Vou cuidar dos dois, irei provar todos os dias que te amo e sou grato pela nossa família.

— Te amo.

— Amo vocês, minhas vidas!

Fim...



EPÍLOGO

Cinco anos depois...

Mexo o meu corpo em sincronia com a música. Estou sozinha na pista de dança, e muitos me olham, me desejam. Mas quero apenas um homem e é para ele, somente para ele, que danço. Os meus olhos estão grudados no dele e vou dançando até Eros, monto o seu colo com as pernas abertas, fazendo o meu vestido subir. Ele segura o meu cabelo, força a minha cabeça para trás beija o meu pescoço.

Levanto do seu colo e continuo a dançar, a provocá-lo enquanto os seus olhos pegam fogo, é isso o que gosto e desejo. Viro de costas e rebolo conforme a batida da música. Sinto duas mãos fortes me puxarem e colarem o meu corpo no dele.

— Chega de provocações, vou socar o meu pau nessa sua bocetinha e depois fazer você mamar até a última gota da minha porra — Eros diz com sua voz rouca de tesão, fazendo cada canto do meu corpo arrepiar.

— É o que eu quero — afirmo com um olhar sugestivo e Eros me puxa para o labirinto.

Hoje disse que iríamos apenas beber e nos distrair, mas eu quero usufruir do seu corpo nas dependências do clube, então comecei a ativar seu desejo. A dança foi a cartada final e ele caiu, como todas as vezes.

— Não vou aguentar chegar até o aquário — diz quando ainda estamos no corredor. — Estou parecendo um adolescente. Você ainda me mata de tanto tesão mulher.

Ele encosta-me na parede, levanta o meu vestido e rasga a minha calcinha enquanto eu libero a sua ereção.

Em uma estocada firme ele está dentro de mim. Agora somos um, nos entregamos ao nosso desejo e saciamos as nossas vontades. Os gemidos das pessoas que estão no labirinto me deixam mais estingada.

— EROS! — Gozo chamando o seu nome.

Depois de algumas estocadas firmes, Eros consegue a sua libertação. Ainda estamos ofegantes quando sai de dentro de mim e abaixa as minhas pernas.

— Te amo Cecília — diz baixinho no meu ouvido, distribuindo beijos em meu pescoço.

— Eu te amo mais!

— Vamos para o Aquário, você me provocou à noite toda. Então vamos aproveitar essa noite da melhor forma possível.

Vamos para o Aquário e novamente nos amamos, nos perdemos e nos encontramos um no corpo do outro.

Quando saímos do Clube já é dia. O caminho até a nossa casa é feita em silêncio, olho para janela e fico sorrindo feito boba.

— Posso saber o por que do seu sorriso?

— É de uma mulher apaixonada pela vida que tem, pelo meu marido e pela família que construímos.

— Posso dizer que compartilho desse mesmo sentimento — diz

apertando o botão do portão eletrônico e entrando em nossa casa.

Antes de descer já escuto os gritos.

— Mamãe! Papai. — Davi vem correndo em nossa direção, logo atrás vem o seu irmão Lucas, de dois anos, e os três cachorros, os seus companheiros de artes.

— Eles já estão acordados — Eros afirma sorrindo.

— É o que parece — digo descendo do carro e envolvendo Davi em um abraço.

Eros desce, envolve nossos filhos em um abraço coletivo e caminhamos juntos até a entrada. Marta está na varanda sentada em sua cadeira de balanço e a vejo limpar uma lágrima que cai dos seus olhos. Caminho até ela e a envolvo em um abraço.

— Todas as vezes que chegarmos você vai chorar?

— Sonhei com essa cena há muitos anos, chegou um momento que pensei que seria impossível. Mas o meu sonho se realizou. Você casada com um homem que te ama, com dois filhos correndo por esse quintal.

— Três filhos. — Toco o meu ventre de dezesseis semanas de gestação. — A nossa princesa está a caminho.

Marta sorri e me envolve em um abraço.

— Mamãe! Vamos?! Tomar banho e cama, você precisa descansar — Eros fala se aproximando com os nossos filhos.

Pego a sua mão e vou para o quarto. Tomo um banho e me deito na cama. Logo Davi e Lucas vêm para a nossa cama e ficamos nos quatro deitados abraçados.

Anos atrás quando Maria me encontrou naquele banheiro de hotel chorando e me convidou para conhecer um novo mundo; aceitei, mas nunca imaginei que esse novo mundo era cheio de descobertas.

Descobri todos os prazeres que a vida tinha para me dar, o prazer do

amor de um homem, o prazer de cuidar e amar uma família. Acima de tudo o prazer de me amar como mulher, esposa e mãe.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas devem achar que escrever os agradecimentos é a parte mais fácil, posso dizer que você que pensa isso está errada. Para mim é uma das partes mais difícil.

Quando começamos a escrever um livro várias pessoas acabam contribuindo, mesmo de forma indireta e inconsciente. Por esses motivos e muitos outros, acho difícil escrever os agradecimentos. Tenho medo de “esquecer” algum nome. *Masss* vamos tentar agradecer da melhor forma possível.

Primeiramente tenho que agradecer a Deus, por ter me dado esse dom e me guiado nesse caminho louco da escrita.

A minha Mãe e irmã, que a partir de conversas com elas que fui construindo os personagens com o principal intuito de quebrar o tabu e desconstruir estereótipos.

A minha Porquinha Carol Cappia, pois sem ela nada seria possível, a própria não pode nem imaginar como a sua opinião é importante para mim. Porquinha você é mega especial nunca se esqueça disso.

As minhas leitoras/amigas maravilhosas, que sempre estão ao meu lado em especial: Dri Totosa, Dany Souza, Cleidinha, Larih, Claudinha, Isa, Mika, Mariane, Fany, Nique, Jennah, Sandra, Jhennifer, Ana, Jaque, Jaqueline, Caroline, Kete, Julia, Maluh, Kei, Brenda, Rose, Thaís...

Em especial ao meu filho BRUNO GABRIEL, minha razão de viver, pois sem ele nada disso seria possível.

Muito obrigada!

Larinha Vilhalba

ALÉM DO PRAZER – DUOLOGIA PRAZER – LIVRO II

Prólogo

O lugar mais seguro para uma criança deveria ser a sua casa, o seu lar. Um lugar cheio de carinho, amor e principalmente proteção.

Na minha infância e início da adolescência o que era para ser a minha casa, o meu lar, era na verdade o meu inferno. Nunca estive segura.

As pessoas que tinham que me proteger, foram as que mais que me fizeram sofrer. Deixaram-me com cicatrizes profundas em minha alma.

Pedi ajuda várias vezes, mas ninguém me ouviu, ninguém me ajudou. Minha mãe não acreditava nas minhas palavras e me proibiu de tocar no assunto.

Calei-me, não porque ela pediu, mas porque naquele mesmo dia ele apertou o meu pescoço.

Senti o ar faltar...

Ele me ameaçou...

E eu me calei...

O tempo passou, até que o inevitável aconteceu. Se você ver que vai morrer, mate ou pelo menos tente. Foi o que eu fiz.